



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA

VANESSA CAROLINE MAURO

**O MALANDRO SACRALIZADO:
A CONSTRUÇÃO DA NARRATIVA E DEVOÇÃO À ENTIDADE
ZÉ PILINTRA EM TERREIRO DE FOZ DO IGUAÇU (2012-
2017)**

VANESSA CAROLINE MAURO

O MALANDRO SACRALIZADO:
A CONSTRUÇÃO DA NARRATIVA E DEVOÇÃO À ENTIDADE
ZÉ PILINTRA EM TERREIRO DE FOZ DO IGUAÇU (2012-
2017)

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Estadual de Londrina, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em História Social.

Orientador: Prof. Dr. Richard Gonçalves André.

Londrina
2018

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UEL

Mauro, Vanessa Caroline.

O Malandro Sacralizado : a construção da narrativa e devoção à entidade Zé Pilintra em terreiro de Foz do Iguaçu (2012-2017) / Vanessa Caroline Mauro. - Londrina, 2018.
126 f. : il.

Orientador: Richard Gonçalves André.

Dissertação (Mestrado em História Social) - Universidade Estadual de Londrina, Centro de Letras e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História Social, 2018.
Inclui bibliografia.

1. Umbanda - Tese. 2. Malandro - Tese. 3. História Oral - Tese. 4. Religiões e Religiosidades - Tese. I. André, Richard Gonçalves. II. Universidade Estadual de Londrina. Centro de Letras e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em História Social. III. Título.

VANESSA CAROLINE MAURO

O MALANDRO SACRALIZADO:
A CONSTRUÇÃO DA NARRATIVA E DEVOÇÃO À ENTIDADE ZÉ
PILINTRA EM TERREIRO DE FOZ DO IGUAÇU (2012-2017)

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Estadual de Londrina, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em História Social.

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Prof. Dr. Richard Gonçalves André
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Prof. Dr. Alfredo dos Santos Oliva
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Profa. Dra. Vanda Fortuna Serafim
Universidade Estadual de Maringá - UEM

Londrina, 16 de abril de 2018.

A João e Verônica

AGRADECIMENTOS

Não poderia começar estes agradecimentos de outra forma, senão com este cumprimento: Salve a malandragem! Afinal, nada se começa sem que exu abra os caminhos. Salve Seu Zé, que abriu os caminhos para esta pesquisa. Falando em espaços abertos, agradeço imensamente ao pai de santo Marcos de Ogum, à mãe pequena Fabiani, e a seus filhos Vinicius e Mariana, que gentilmente abriram sua residência, não esquecendo do Terreiro de Umbanda Caboclo Giramundo e do Mestre Zé Pilintra para que eu pudesse realizar esta pesquisa. Sem sua acolhida, nada disso seria possível. Ofereço, com toda reverência, este trabalho a Seu Zé, e a vocês.

Agradeço a CAPES, que financiou esta pesquisa, e permitiu que fosse possível a sua realização, por meio da bolsa concedida durante estes 24 meses do mestrado. Agradeço também ao Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Estadual de Londrina, e ao meu orientador, Professor Doutor Richard Gonçalves André, que aprovaram o projeto de pesquisa, embarcando comigo nesta jornada e acreditando na validade deste trabalho. Ao meu orientador, agradeço os momentos de profícuas conversas e reflexões, a empolgação com a pesquisa, e a paciência.

Agradeço à minha família pelo apoio incondicional e compreensão durante todo este processo, nem sempre tranquilo. Obrigada mãe, pai, Emerson e Diego, por me inspirarem a querer sempre aprender mais, seu incentivo me trouxe até aqui. Agradeço também a tia Marli, ao tio José Carlos, e ao primo Luan, cujos auxílios foram imprescindíveis, e que sem eles as viagens, estadias e deslocamentos em Foz do Iguaçu teriam se tornado não só mais difíceis, como menos prazerosos.

Das pessoas que cruzam nosso caminho durante a vida, sem querer, e que escolhemos ser também família no coração, agradeço a duas pessoas especialmente. Bruna, sabes o quanto faz parte do processo de realização deste trabalho, afinal, este resultado não depende só de leitura e escrita. Quem dera fosse um processo tão simples. As emoções e angústias entram na conta, e eu não chegaria até aqui se não tivesse em você o apoio que tenho. Caio, de todas as pessoas que precisam lidar com meu caos, é você quem o ordena. Meu ponto firme, calma, companhia. Obrigada pela paciência e amor incondicional. Vocês são a leveza necessária para me manter sã.

Agradeço ao meu amigo e profissional excepcional do campo das Letras, Leandro Benevides, pelas leituras, correções e apontamentos feitos ao trabalho.

Agradeço também aos meus colegas do mestrado, que realizaram esta caminhada comigo, e com quem tive o privilégio de compartilhar ideias, discussões, textos, experiências, risadas e incertezas. Me arriscando a cometer a injustiça de esquecer alguém, agradeço a André, Darlan, Kettuly, Heloisa, Taiane, Paulo, Prisciele, Rui, Juliana, e todos os outros colegas, que possamos nos reencontrar novamente em nossas jornadas.

Agradeço aos filhos de santo do terreiro pesquisado, que aceitaram fazer parte desta pesquisa, e me receberam calorosamente todas as vezes em que fui ao terreiro.

Agradeço aos professores que aceitaram fazer parte da banca de qualificação e defesa deste trabalho. Ao Professor Doutor Lourival Andrade Junior, agradeço especialmente pelos momentos de reflexão proporcionados durante seu período de pós-doutorado em Londrina, no qual ministrou excelente disciplina e me auxiliou no esclarecimento de muitas questões referentes à pesquisa. Ao Professor Doutor Wander de Lara Proença, agradeço pela leitura, correção e apontamentos do texto de qualificação, essenciais para o amadurecimento do trabalho. À Professora Doutora Vanda Fortuna Serafim, agradeço pela disposição em fazer parte da banca de defesa, e trazer suas colaborações para a pesquisa. Ao Professor Doutor Alfredo dos Santos Oliva, também agradeço pela atenta leitura e contribuições ao trabalho.

A todos, meu sincero reconhecimento, sem vocês, este trabalho não seria o mesmo. Obrigada.

**Seu dotô, seu dotô
Bravo sinhô!
Zé Pilintra chegou!
Bravo sinhô!**

MAURO, Vanessa Caroline. **O Malandro Sacralizado**: a construção da narrativa e devoção à entidade Zé Pilintra em terreiro de Foz do Iguaçu (2012-2017). 2018. 126 f. Dissertação (Mestrado em História Social) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2018.

RESUMO

O malandro Zé Pilintra é guia chefe do Terreiro de Umbanda Caboclo Giramundo e Mestre Zé Pilintra, em Foz do Iguaçu, tendo nos filhos de santo do terreiro seguidores fiéis. Sua manifestação no terreiro modifica o espaço e tempo sagrado, e seu contato com os filhos de santo é íntimo e cotidiano. A intenção deste trabalho é compreender as narrativas que contribuem para a construção da figura do malandro Zé Pilintra, as narrativas em torno de Zé Pilintra, e as formas de devoção à entidade realizadas pelos filhos de santo, pensando as particularidades de um terreiro de Umbanda situado em local de fronteira, na cidade de Foz do Iguaçu, e como o malandro carioca se transporta para este local, no tempo presente, e consegue ser compreendido pelos filhos de santo, e, mais do que isso, gerar com seu discurso identificações pessoais com a vivência cotidiana dos filhos de santo. Para isto, foram utilizadas fontes de História Oral e foram realizadas observações das cerimônias religiosas e festivas do terreiro. Para a análise são utilizados os autores Chartier, com os conceitos de apropriação, representação e prática, e Bourdieu, com os conceitos de campo religioso, capital simbólico, bens religiosos.

Palavras-chave: Umbanda. Malandro. Zé Pilintra. História Oral. Foz do Iguaçu.

MAURO, Vanessa Caroline. **The sacralized rascal**: the construction of the narrative and devotion to the entity Zé Pilintra in terreiro of Foz do Iguaçu (2012-2017). 2018. 126 p. Dissertation de (Master's Degree in Social History) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2018.

ABSTRACT

The rascal Zé Pilintra is the chief guide of the Terreiro de Umbanda Caboclo Giramundo and Mestre Zé Pilintra, in Foz do Iguaçu, the filhos de santo being faithful followers. Its manifestation in the terreiro modifies the space and sacred time, and its contact with the filhos de santo is intimate and daily. The intention of this work is to understand the narratives that contribute to the construction of the figure of the rascal Zé Pilintra, the narratives around Zé Pilintra, and the forms of devotion to the entity performed by the filhos de santo, thinking the particularities of a terreiro of Umbanda located in the city of Foz do Iguaçu, and as how the carioca rascal is transported to this place, in the present time, and can be understood by the filhos de santo, and, more than that, to generate with his speech personal identifications with the daily life of the filhos de santo. For this, sources of Oral History were used and observations were made of the religious and festive ceremonies of the terreiro. For the analysis we use the authors Chartier, with the concepts of appropriation, representation and practice, and Bourdieu, with the concepts of religious field, symbolic capital, religious goods.

Keywords: Umbanda. Rascal. Zé Pilintra. Oral History. Foz do Iguaçu.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

- Figura 1** – Tronqueira do terreiro de Umbanda “Caboclo Giramundo e Mestre Zé Pilintra”25
- Figura 2** – Congá do terreiro “Caboclo Giramundo e Mestre Zé Pilintra” decorado para festa de Zé Pilintra, e imagem de Zé Pilintra ao lado.....27
- Figura 3** – Zé Pilintra incorporado no pai de santo Marcos de Ogum em frente ao Congá do Terreiro de Umbanda Caboclo Giramundo e Mestre Zé Pilintra105

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Perfil dos entrevistados: Religião de origem.....	61
Tabela 2 – Perfil dos entrevistados: Grau de instrução	63
Tabela 3 – Perfil dos entrevistados: Idade.....	64
Tabela 4 – Perfil dos entrevistados: Contato com a Umbanda.....	65
Tabela 5 – Motivação para procurar a Umbanda	67
Tabela 6 – Relação filho de santo-entidade: Conhecia Zé Pilintra antes de frequentar o terreiro de Umbanda Caboclo Giramundo e Mestre Zé Pilintra.....	72
Tabela 7 – Relação filho de santo-entidade: Tipos de pedidos feitos a Zé Pilintra.....	77

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Perfil dos entrevistados: Idade.....	64
---	-----------

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	14
2	UM TERREIRO EM FOZ DO IGUAÇU: TRAÇANDO UM CONTEXTO HISTÓRICO-ESPACIAL PARA A PRESENÇA DA UMBANDA NA TRÍPLICE FRONTEIRA.....	25
3	O MALANDRO ZÉ PILINTRA: CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA, MUDANÇAS E PERMANÊNCIAS	37
3.1	Exu	41
3.2	Jurema e Catimbó.....	44
3.3	Zé Pelintra na Jurema.....	49
3.4	Zé Pilintra na Umbanda.....	50
4	A CONSTRUÇÃO DA DEVOÇÃO: ZÉ PILINTRA NAS NARRATIVAS DOS FILHOS DE SANTO DO TERREIRO DE UMBANDA CABOCLO GIRAMUNDO E MESTRE ZÉ PILINTRA	52
4.1	Conhecendo Seu Zé e as Regras do terreiro: sobre o controle do institucional do discurso dos filhos de santo.....	55
4.2	Aprofundando-se nas narrativas dos filhos de santo: as entrevistas em categorias de análise	60
4.3	Zé Pilintra, seu cuidado no cotidiano dos filhos de santo e sua moral.....	84
4.4	Mestre Zé Pilintra: entre a titulação e o papel de mestre	90
5	O PAI DE SANTO E A ENTIDADE: ESTABELECIMENTOS DE LIDERANÇA E DISCURSO NO CAMPO RELIGIOSO POR MEIO DA ANÁLISE DAS ENTREVISTAS COM PAI MARCOS DE OGUM E ZÉ PILINTRA	95
5.1	Análise do discurso do pai de santo Marcos de Ogum.....	97
5.2	A entidade Zé Pilintra entre a representação visual e discursiva: evolução espiritual e malandragem	105
5.3	Depoimento de Zé Pilintra em vida carnal e malandragem.....	113

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS116

REFERÊNCIAS.....121

1 INTRODUÇÃO

A Umbanda hoje se destaca como uma religião crescente no Brasil, culturalmente importante e presente no imaginário popular. Conta com federações, critérios de regulamentação e especialistas do saber religioso. Acumula, sobretudo nas últimas décadas, muitos estudos acadêmicos, das mais variadas áreas e analisando assuntos diversos com os mais variados aspectos. Um dos aspectos que chama a atenção é seu nível de hibridismo¹. A Umbanda é uma religião que possui influências de cultos africanos, indígenas, católicos, espíritas, e até esotéricos (FEU, 1942).

A Umbanda foi declarada oficialmente como culto religioso por Zélio Fernandino de Moraes², em 1908, no Rio de Janeiro, apesar de cultos com muitas similaridades já existirem desde o século anterior (BASTIDE, 2007). Um de seus preceitos fundadores, criado por Zélio de Moraes, é a prática da caridade. É uma religião que se identifica como cristã e, apesar das influências afro-brasileiras e indígenas, foi anunciada em uma mesa branca³ de um centro espírita, posteriormente, vindo a atrair muitos adeptos espíritas, e assim, adotando elementos desta crença (FEU, 1942).

As práticas nos terreiros, no entanto, são ensinadas de geração em geração, tendo as influências regionais de demais religiões, dependendo da experiência e mesmo das intuições do líder de cada casa. Sendo assim, os terreiros de Umbanda, em todos os lugares, são inundados de hibridismos com o catolicismo e a pajelança, mas principalmente, com as práticas religiosas afro-brasileiras, como o Candomblé e

¹ O termo “hibridismo” é usado de empréstimo da definição feita por Stuart Hall, que define as “culturas híbridas” como “[...] o produto de várias histórias e culturas interconectadas [...]” (HALL, 2006, p. 89), ou seja, o resultado da mistura de várias culturas. Sendo assim, trazendo o conceito para a definição de religiões, no presente trabalho o hibridismo é pensado como o processo onde duas ou mais religiões contribuem para a formação de uma terceira.

² Zélio Fernandino de Moraes foi quem assume a autoria da primeira sessão de Umbanda. Nascido em Niterói, aos 17 anos de idade foi acometido por doença que não encontrava cura, e acabou buscando em um Centro Espírita solução para tal enfermidade. No local, incorporou o Caboclo das Sete Encruzilhadas (na narrativa oficial da Umbanda a primeira entidade a incorporar na Umbanda), que não foi bem recebido no Centro Espírita, julgado como espírito inferior. Assim, prometeu que abriria em sua casa espaço para que os espíritos pudessem incorporar e atender as pessoas sem julgamento de inferioridade por origem, estudo ou etnia. Esta narrativa pode ser encontrada no próprio site da Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade (www.tensp.org), nome do local de culto fundado por Zélio, e que funciona até hoje sob o comando da neta de Zélio.

³ Cerimônia religiosa do Espiritismo para incorporação de espíritos.

o Catimbó⁴. Por este motivo, é a classificação utilizada na pesquisa. Além das várias influências de outras crenças, a Umbanda também adquiriu elementos da cultura popular, a exemplo de tipos conhecidos na sociedade. Um desses é o malandro “Zé Pilintra”, figura sobre a qual este trabalho se concentra. Apesar de a entidade Zé Pilintra já ser presente, antes mesmo da “fundação” da Umbanda, em Catimbós pelo Brasil, a entidade que é analisada nesta pesquisa se relaciona mais com o malandro da cultura popular do que com o mestre catimbozeiro do Nordeste.

O malandro da cultura popular de que este trabalho trata era uma categoria de indivíduos identificada principalmente no Rio de Janeiro, mas que também era presente em outros estados do Nordeste, nas capitais e grandes áreas urbanas, sobretudo na primeira metade do século XX. Eram sempre vistos em bares bebendo ou jogando baralho, apostando, andando com prostitutas e em brigas de rua, principalmente na noite urbana. Viviam nas periferias das cidades, e não raro cometiam crimes para se sustentar. Por conta disto, eram perseguidos pela polícia. Foram retratados em diversos campos da cultura popular, principalmente nos sambas cariocas (SÁ JUNIOR, 2005).

Mais especificamente, a entidade estudada será o Mestre Zé Pilintra que comanda, na linha de esquerda⁵, o Terreiro “Caboclo Giramundo e Mestre Zé Pilintra”, localizado em Foz do Iguaçu, liderado pelo pai de santo Marcos de Ogum. Zé Pilintra, exu, que comanda sua linha de esquerda, é figura notoriamente conhecida por trabalhos duvidosos, oficialmente condenada por entidades oficiais umbandistas (PIMENTEL, 2011), e que possui vasto registro de trabalhos de magia negra. Mas neste terreiro é reconhecida como espírito na senda da evolução, que escolheu o caminho de ajuda ao próximo para pagar suas dívidas espirituais. Ainda assim, não deixa de apresentar os trejeitos típicos do malandro, o linguajar vulgar e jocoso, e de oferecer ajudas mundanas a seus atendidos.

A entidade sofreu transformações no período de tempo de sua existência, que culminaram em sua “amenização” em alguns terreiros. Há menções conhecidas de figuras de Zé Pilintra com características de ser marginal, amedrontador, arisco

⁴ Religião presente no nordeste brasileiro, em que se observa práticas religiosas de origem indígena como a utilização do fumo do tabaco e de várias partes da árvore da Jurema, que provocam um transe no qual os fiéis têm contato com entes sobrenaturais. Também é possível observar elementos da religião católica na mitologia da religião. (BASTIDE, 2001)

⁵ Linha de esquerda é como se define o conjunto de entidades da Umbanda que são consideradas mais mundanas e menos alinhadas com o conceito de “bem”. É o caso dos exus e pombagiras, malandros, e algumas vezes outras entidades.

até; que não permitia ser entrevistado ou visto em trabalhos acadêmicos (AUGRAS, 1997). No entanto, os “Zés Pilintras” encontrados no terreiro de Pai Marcos de Ogum e em trabalhos acadêmicos recentes (PIMENTEL, 2011; SÁ JUNIOR, 2005) representam um ser em caminho de iluminação; ainda com características *trickster*⁶, mas com apadrinhados⁷ muito mais abertos ao diálogo. O Zé Pilintra presente no terreiro do Pai Marcos de Ogum é uma figura regenerada (mas sem ter atitudes que o identifiquem como santo, ainda têm costumes profanos, do ponto de vista da moral cristã), que só atende pedidos que visem o bem, não prejudicar o próximo. No entanto, cabe pensar que, mesmo os terreiros que declaram abertamente o oferecimento de trabalhos de magia negra, não responsabilizam a entidade Zé Pilintra pelo mal, afinal, ela apenas está vendendo seu trabalho. A intenção de fazer o mal é da pessoa que a procura, a entidade apenas executa o serviço, é neutra.

O objetivo geral deste trabalho é, portanto, analisar as particularidades do Zé Pilintra presente no terreiro “Caboclo Giramundo e Mestre Zé Pilintra”, apreendendo as formas como ele é representado, como ele se identifica com a figura histórica do malandro, como o estereótipo do malandro carioca é ressignificado em um terreiro de Umbanda de Foz do Iguaçu. Como o pai de santo e os filhos de santo do terreiro veem a entidade, e entendem as contradições entre a representação do malandro e a intenção sagrada da entidade. Neste sentido, a pesquisa não se pretende uma análise global, e nem comparativa. Neste trabalho, a intenção é procurar compreender a questão da representação e apropriação pelos fiéis da entidade Zé Pilintra em suas particularidades.

Sendo assim, os capítulos são organizados em; Contextualização histórica religiosa da cidade de Foz do Iguaçu; Neste capítulo a intenção é mostrar o desenvolvimento dos movimentos religiosos na cidade, explicitando a Tríplice Fronteira como local privilegiado para trocas religiosas, que se mostram intensas. Também neste capítulo se delinea a presença das religiões afro-brasileiras na cidade e suas influências regionais.

No capítulo seguinte, o objetivo é entender a entidade Zé Pilintra. Para isso, a intenção é trazer tanto as narrativas da entidade construídas dentro da sua origem

⁶ Nome que se dá a deuses que possuem características que o situam no limiar de bem e mal, como brincalhão, jocosos, zombeteiros. Exu é uma das figuras que comumente é identificada a essa definição. Vide GABANI e SERBENA, 2015.

⁷ Seu Zé Pilintra é considerado padrinho dos filhos de santo do terreiro, pois, na iniciação religiosa umbandista, é necessário ter uma entidade como padrinho.

no Catimbó - que se mostram uma parte importante da narrativa criada pela própria entidade analisada, como se vê nos capítulos posteriores - quanto a construção da figura do malandro na cultura popular, e os elementos visuais e narrativos que “empresta” ao malandro da Umbanda.

No terceiro e quarto capítulos, é feita a análise das fontes. As fontes são entrevistas com alguns filhos de santo, com o pai de santo Marcos de Ogum e com a própria entidade Zé Pilintra, que concedeu a entrevista incorporado no pai de santo, além de filmagens de algumas giras⁸. Para a coleta das fontes, foi feito um trabalho de caráter etnológico, uma pesquisa de campo, com observação participante, e as entrevistas foram feitas com os filhos de santo e o pai de santo no terreiro.

A análise é feita em duas etapas. No terceiro capítulo, é feita a análise das narrativas⁹ dos filhos de santo, presentes nas entrevistas, com o objetivo de compreender a forma como veem e creem na entidade, se apropriando da narrativa construída dentro do terreiro e trazendo para seu cotidiano.

O quinto e último capítulo consiste na análise da figura de Zé Pilintra por Zé Pilintra. Ou seja, a construção da figura feita pela própria entidade, passando pelas roupas que veste, a forma como age, os momentos em que aparece nas giras, e a narrativa que traz sobre si próprio, tanto na entrevista quanto nas giras. Neste capítulo se realiza também a análise das entrevistas com o pai de santo Marcos de Ogum. Acredito que assim, é possível compreender melhor a construção interna da figura de Zé Pilintra.

Para compreender a importância deste estudo, é preciso entender o campo que se dedica a estudar as religiões de matriz africana, e as ausências dentro do mesmo. O campo de estudos das religiões de matriz africana foi, durante a maior

⁸ Giras é como são chamadas as cerimônias religiosas da Umbanda, onde há a incorporação de entidades nos médiuns e atendimentos às pessoas.

⁹ O conceito de narrativa (s), aqui, assim como no título do trabalho e ao longo do mesmo, não tem a conotação de ficção. A narrativa é um conceito utilizado para definir o ofício do historiador, como esclarece Sandra Pesavento: “A História é narrativa do que aconteceu, mas não é mimesis, é tradução de uma alteridade no tempo, o que implica recriar formas de representar o mundo que não são mais as nossas, e que obedeciam a outras razões e sentimentos.”. O historiador sempre precisa se utilizar do instrumento da narrativa para dar sentido à História, “as estratégias ficcionais do historiador estariam presentes na escolha, seleção e rejeição de materiais, organização de um enredo, escolha e uso de palavras e metáforas, desvendamento de sentidos implícitos” (PESAVENTO, 2003, p. 35), continua Pesavento. Assim, utilizo o conceito de narrativa como a organização dos elementos que identificam e singularizam Seu Zé Pilintra no terreiro estudado, que é reconhecida e analisada por mim, que no ofício de historiadora, uso a narrativa para tal análise. Ademais, o mesmo conceito, no plural, de narrativas, é usado para definir os relatos dos filhos de santo a respeito do terreiro e da entidade, pois eles também se utilizam das mesmas estratégias acima mencionadas para expressarem suas falas; selecionam o que dizer e o que não dizer, recortam e recriam as memórias na narrativa falada, construindo uma história coesa.

parte do tempo, dominado por sociólogos e antropólogos. No campo do saber religioso, muitos autores se aventuraram a escrever sobre tais religiões, lançando publicações bastante enviesadas, criando conhecimentos religiosos para legitimar práticas míticas.

Considerando então o grande volume existente de trabalhos a respeito destas religiões, e a fim de justificar o campo de estudos para a pesquisa, o trabalho se detém no seguinte recorte: as primeiras publicações acadêmicas que tratam da Umbanda (seja como uma prática mágica, seja como religião organizada), e que acabaram por constituir base para conhecimento científico da mesma, e os trabalhos de História que analisam a Umbanda, já que esta disciplina só voltou a atenção para tal denominação religiosa há pouco tempo; no âmbito das publicações religiosas, a detenção fica nos escritos que constituem maior significação dentro da institucionalização da religião, e os poucos escritos que falam de Zé Pilintra.

Uma das primeiras menções feitas a respeito da Umbanda em uma pesquisa, de forma significativa, se deve ao sociólogo Arthur Ramos, que dedicou, em sua série “O Negro Brasileiro”, no volume I, “Ethnographia Religiosa”, publicado originalmente em 1934, várias páginas à descrição e análise desta prática religiosa (RAMOS, 1940). Ramos, na realidade, não assume em seu trabalho que a Umbanda é uma religião constituída, mas sim o sincretismo de práticas religiosas diversas e, portanto, em seu julgamento, não tem a importância necessária para requerer atenção específica. Este era um pensamento muito comum entre os acadêmicos durante a grande parte do século XX. Eles se debruçavam sobre o estudo do Candomblé de linha Nagô, por considerarem esta uma prática mais “pura”, provinda da África, enquanto desprezavam ou pouco falavam sobre outras religiões de matriz africana, e condenavam sob a alcunha de feitiçaria outros Candomblés, como o de influência Angola. Imaginavam o sincretismo como uma desvirtuação das culturas originais (BROWN, 2008). Roger Bastide (2007) afirma que Arthur Ramos, durante a escrita desta obra, teve a oportunidade de ver nascer a Umbanda, e descreveu o processo. No entanto, Bastide afirma que Ramos, em seu volume II da mesma série “O Negro Brasileiro”, falha em perceber este processo de nascimento da religião, mesmo que o tenha presenciado, pois assume apenas que é um amálgama de práticas religiosas, e não uma organização nova. Isto se confirma, quando ao realizar uma busca por Umbanda em dois dos próximos livros escritos por Ramos

sobre religiões de matriz africana, pouco se encontra, e quando há, são rápidas citações, não se aprofunda no termo (RAMOS, 1942; RAMOS, 1946).

O primeiro texto religioso significativo, no sentido em que cria histórias de surgimento que vão guiar a organização religiosa do Espiritismo de Umbanda, é o livro do Primeiro Congresso Brasileiro do Espiritismo de Umbanda, de 1941 (FEU, 1942). Nesta obra, percebe-se o desenvolvimento do que é chamado de “Umbanda branca”, ou a tentativa de intelectuais da época de criar uma imagem menos pejorativa da Umbanda, separando-a dos cultos de origem africana, e identificando suas origens em mitos fantásticos, que envolvem Índia antiga e até Lemúria, o lendário continente.

Na década de 1960, voltamos a encontrar estudos acadêmicos que falam de Umbanda, desta vez sim, a tratando enquanto religião constituída. Roger Bastide, sociólogo, trata da Umbanda de forma significativa, em sua obra, originalmente publicada em 1960 com o título “Les Religions Afro-Brésiliennes: Contribution à une Sociologie des Interpénétrations de Civilisations¹⁰” (BASTIDE, 2007), e que é até hoje referência aos que se aventuram a estudar as religiões de matriz africana no Brasil. A Umbanda, diferentemente do que afirmam os especialistas religiosos, não foi “inventada” por Zélio de Moraes, mas vem de um processo de adaptação às necessidades da população que praticava o culto, desde o início do tráfico de escravos africanos. Esta hipótese foi estabelecida por Bastide, que explica que as religiões africanas que vieram com os escravos foram desmembradas, pelo desmembramento dos clãs familiares quando aqui chegaram, surgindo o Candomblé. Posteriormente, com a abolição da escravatura, e a mudança de escravos a assalariados, os negros, pobres, buscaram práticas culturais que são identificadas como macumba. Por fim, com a urbanização e, um interesse em legitimar e valorizar as práticas culturais de origem africana surgiu o Espiritismo de Umbanda. No entanto, este autor ainda carrega o pensamento de que as religiões sincréticas como a Umbanda são “degradadas” e, portanto, não dedica atenção aprofundada a ela em comparação ao estudo do Candomblé (MAIA, 2011).

Candido Procópio Ferreira de Camargo, sociólogo, em 1961, publicou uma obra dedicada à Umbanda, “Kardecismo e Umbanda”. A obra de Camargo tem seu mérito por criar a teoria de entendimento da Umbanda de que, ainda que cada

¹⁰ Religiões afro-brasileiras: contribuição para uma sociologia das interpenetrações de civilizações (tradução nossa).

terreiro tenha suas particularidades de prática, todos estão inseridos em um mesmo *continuum* religioso, ou seja, na essência das práticas, todos podem se identificar com a mesma crença. Esta ideia defendida pelo autor é até hoje utilizada para entender as particularidades das práticas de Umbanda (MAIA, 2011).

Diana Degroat Brown, antropóloga, publicou em 1974 seu livro “Umbanda – Religion and Politics in Urban Brazil”, resultado de sua tese de doutorado pela Universidade de Columbia, nos EUA. A autora foi uma das primeiras a quebrar a barreira do interesse apenas em religiões supostamente puras, e desvalorizar as religiões “contaminadas” pelo sincretismo. Brown trabalha com práticas da “Umbanda Branca”, observadas em grupos de classe média no Rio de Janeiro à época de sua pesquisa (BROWN, 2008).

Portanto, até a década de 1970, o estudo da Umbanda dava seus primeiros passos. A partir daí o interesse aumentou exponencialmente. É quando se vê surgir no Brasil acadêmicos que se aprofundam no entendimento da Umbanda, a exemplo dos mais significativos: Renato Ortiz (1978), Lisias Negrão (1996), Reginaldo Prandi (2001), Yvonne Maggie (1975), Brumana e Martinez (1991), entre outros. Vale lembrar, que ainda com esses profissionais, os estudos da Umbanda estão situados exclusivamente dentro das Ciências Sociais e Antropologia.

Pouco se tem de produção a respeito da Umbanda dentro da História. Há um crescimento de pesquisas nesse sentido nas últimas duas décadas. Sendo assim, este trabalho vem acompanhando uma tendência do crescimento destes estudos, ajudando a preencher uma lacuna de um campo de pesquisas ainda nascente na disciplina de História.

Dentro deste recente aumento de produções acadêmicas sobre Umbanda, foram encontrados alguns poucos trabalhos que falam de Zé Pilintra. Um dos primeiros a tratar exclusivamente desta figura é a pesquisa da psicóloga Monique Augras, que foi publicada em artigo em 1997, em revista do IPHAN. Seu trabalho sobre a figura de Zé Pilintra é o terceiro de uma série de trabalhos que fez com figuras de exus na Umbanda. Por conta da datação de seu trabalho, por ser um dos primeiros, talvez o primeiro, a trabalhar estas figuras marginais da religião umbandista, a autora relata dificuldades para conseguir informações. Havia, na época, muita resistência dos religiosos que trabalhavam com estas figuras, pela rejeição social que tais figuras apresentam, e pelos trabalhos duvidosos do mercado de bens religiosos de tais entidades. Por isso, em grande parte de seu trabalho, os

relatos são identificados apenas com a autoria de “informante”, sem apontar quase nenhum centro de Umbanda ou religioso específico. Ainda assim, a pesquisadora conseguiu produzir texto bastante elucidativo. Todos os outros artigos encontrados a respeito tratam do processo de sacralização da entidade. Os outros trabalhos acadêmicos encontrados que trabalham a entidade são da área de História, de Mario Teixeira de Sá Junior (2004, 2005) e de Pedro Guimarães Pimentel (2011). No entanto, estes autores seguem caminhos diferentes desta pesquisa por duas principais características; ambos trabalham com a entidade representada em regiões diferentes do país e em trabalhos comparativos entre regiões e, ambos usam como fonte produções culturais sobre o malandro, principalmente sambas cariocas e pontos cantados de Zé Pilintra das giras de Umbanda. Dentro deste campo mais delimitado, e pensando nas similaridades entre esta pesquisa e outras já existentes, um trabalho que vale a pena ser lembrado é a dissertação de mestrado em Ciências Sociais de Janderson Bax Carneiro, de 2012. A proposta de Carneiro é similar à proposta desta pesquisa. Em seu texto, ele traz uma análise da apropriação da entidade do malandro pelos fiéis de um terreiro de Umbanda do interior do estado do Rio de Janeiro, por meio de entrevistas com a mãe de santo e alguns filhos de santo do terreiro. Uma das grandes diferenças entre este trabalho e o de Carneiro, além da localização espacial da pesquisa, é o fato de que o autor se debruça sobre a linha de malandros, pesquisando várias entidades diferentes de malandros que trabalham no terreiro escolhido por ele, enquanto que o foco da presente pesquisa recai apenas sobre uma entidade, a que incorpora no pai de santo Marcos de Ogum.

Existem também alguns poucos livros religiosos falando de Zé Pilintra, que trazem de forma geral orientações para o culto da entidade, e explicam a origem mítica de Zé Pilintra, a exemplo do livro “Zé Pelintra: São Dotô, São Dotô! Bravo Sinhô!” de Mizael Vaz (2013), que classifica a obra como uma “psicografia”, ou seja, um livro ditado por um espírito e ouvido pelo autor que é médium, que escreveu a narrativa do espírito.

Por fim, é preciso esclarecer o porquê da escolha de um terreiro em Foz do Iguaçu. A intenção do trabalho é realizar uma análise micro, pontual de uma manifestação da entidade Zé Pilintra, e não criar comparações ou estabelecer padrões regionais ou nacionais. E este terreiro possui uma importante particularidade: sua localização em uma área de fronteira. As fronteiras, muito mais que apenas delimitações geopolíticas, representam locais de passagem e trocas

culturais intensas. Foz do Iguaçu se situa na tríplice fronteira entre Brasil, Paraguai e Argentina. Sendo assim, as configurações culturais e religiosas que se desenvolvem no interior dos países,

[...] estática hacia el interior, se vuelve móvil en la dirección transfronteriza. Vimos que entre Ciudad del Este y Foz do Iguaçu existe una población fluctuante que se transfiere de un núcleo urbano a otro en función de las actividades, especialmente comerciales. Es frecuente que líderes religiosos “pasen” de un lado a otro del límite, para ejercer sus ministerios, y los habitantes de la frontera que habitan entre las dos ciudades recurran a los servicios religiosos en una y otra. (BELIVEAU, MONTENEGRO, SETTON, 2005, p. 184)

O fluxo na fronteira é muito mais que apenas comercial. Frequentam o terreiro paraguaios e argentinos, que atravessam a fronteira em busca de serviços religiosos. Este processo configura um fenômeno ímpar para análises, qual seja, pensar a adaptação de uma figura e um rito religioso num contexto de câmbio e de passagem.

A proposta teórica desta pesquisa é trabalhar com os conceitos de representação e apropriação, utilizando dois teóricos, o sociólogo Pierre Bourdieu, e o historiador Roger Chartier. Neste tópico, é feita uma relação das teorias utilizadas com o objeto da pesquisa.

Pensando o Terreiro de Umbanda Caboclo Giramundo e Mestre Zé Pilintra por Bourdieu (2007), o mesmo é entendido como uma instituição religiosa em formação atuando no campo religioso de Foz do Iguaçu, em que ocorrem disputas pelos bens de salvação, e também onde ocorre a construção de conhecimentos, onde a figura do sacerdote é quem monopoliza a construção e distribuição de tais conhecimentos religiosos. O Zé Pilintra do terreiro “Caboclo Giramundo e Mestre Zé Pilintra”, que incorpora no pai de santo Marcos de Ogum, é uma entidade cristianizada, e por mais que, ainda que não perca seus trejeitos, prega a caridade. Assim, se encaixa na descrição de Bourdieu do sacerdote, cuja função o autoriza a distribuir bens de salvação, e a instituição religiosa o legitima, por ser membro de uma associação de salvação. Da mesma forma, surge a discussão do papel do pai de santo como também sacerdote, líder religioso, controlador dos discursos a respeito do campo (BOURDIEU, 2007).

Bourdieu explica o Capital Religioso, refletindo que este se desenvolve de acordo com a relação entre “demanda religiosa” e “oferta religiosa” (BOURDIEU,

2007, p. 57), em um determinado período. Ou seja, a Umbanda serve como uma das religiões que atende uma demanda suprimida principalmente do catolicismo, que, diferentemente da Umbanda, esclarece questões de cunho existencial, no entanto, deixa seus fiéis à mercê dos problemas cotidianos. A Umbanda, com seus trabalhos, principalmente na linha da esquerda, atende a uma demanda de resolução de problemas imediata. Assim, a Umbanda foi realizando sua “acumulação inicial do capital religioso” (BOURDIEU, 2007, p. 59), trazendo leigos que se identificavam com sua oferta de bens simbólicos e instrumentos de salvação. No entanto, a Umbanda passou a ser atacada por outras instituições religiosas, que competiam entre si pelo monopólio de um capital de graça institucional ou sacramental. No entanto, a Umbanda só era uma ameaça ao angariar leigos, porém não compete de fato pelo monopólio dos bens de salvação, mas sim, acumula seu capital religioso ao atender a demandas de categorias específicas de leigos, permanecendo como empresa de salvação competitiva, porém marginal.

Da obra de Roger Chartier (1988), serão utilizados os conceitos chave da História Cultural, trabalhados pelo autor; representação, apropriação e prática. Sobre a representação, Chartier (1988) diz que é algo que quer se passar por alguém ou algo não ali presente. O autor diz que pode se pensar a História Cultural como um ato de análise do trabalho de representação, e que as estruturas sociais não são objetivas, dado que são historicamente produzidas pelas representações, o que leva a questionar as estruturas sociais, antes vistas como algo sólido, real, como sendo algo fluido. Este conceito pode ser relacionado à caracterização do malandro, figura histórica estereotipada na entidade Zé Pilintra.

A apropriação, segundo conceito importante na pesquisa, é o ato de recepção de obras culturais pelos leitores/intérpretes. Estes, segundo Chartier (1988), não são apenas receptores passivos do conteúdo inscrito na obra que o autor quis produzir. Eles são também produtores ativos de reescritas, reinvenções do produto cultural consumido. O processo de apropriação não pode ser ignorado ou evitado, pois ele existe na medida em que tudo é inserido em contexto histórico. Como todas as produções culturais estão situadas em um contexto histórico, não é possível ignorar a apropriação dos consumidores dos produtos. A figura de Zé Pilintra surge do malandro do sudeste e nordeste brasileiro do início do século XX. Ela chega até os dias de hoje, sacralizada em um terreiro de Umbanda, através de muitas apropriações dos intérpretes desta categoria social. E é reinventada em cada

gira que aparece, em cada incorporação, em cada atendimento, em cada festa. Esta reinvenção, reescrita do personagem nas cerimônias religiosas, constitui o conceito de prática que o autor teoriza.

As apropriações dos conteúdos culturais fabricam representações. Assim como as apropriações, as representações também são múltiplas; no entanto, Chartier (1988) diz que estas geram conflitos, já que uma sociedade precisa ter um modelo de representação hegemônico, pois a representação é meio necessária à prática. Por isso, uma certa identificação, na indumentária, nos trejeitos, no sotaque e nos instrumentos de trabalho espiritual, que ocorre do Zé Pilintra situado em terreiro de Foz do Iguaçu, com Zé Pilintra de terreiros do Rio de Janeiro, local mesmo de vivência da figura do malandro, que possui significativas diferenças com o local onde ele está sendo representado para este estudo.

2 UM TERREIRO EM FOZ DO IGUAÇU: TRAÇANDO UM CONTEXTO HISTÓRICO-ESPACIAL PARA A PRESENÇA DA UMBANDA NA TRÍPLICE FRONTEIRA

Andando por um bairro simples residencial, logo se chega a uma parte que parece ser o final do bairro, onde termina o asfalto e começam ruas de paralelepípedos. Virando na penúltima rua de paralelepípedos, chego ao que pareceria ser mais uma das muitas casas populares do bairro, não fosse por um elemento, discreto, mas de presença: a tronqueira, ou cangira; a casa de exu. Caixinha de madeira pequenina, do lado do portão de ferro, com imagens dos exus que atendem na linha da esquerda do terreiro. Imagens da pomba gira, dos exus, e da figura principal da presente pesquisa: Seu Zé Pilintra. Estas dividem o pequeno espaço com velas e bebidas: o marafo (cachaça) o champanhe e o whisky para as pombagiras e os exus.

Figura 1 – Tronqueira do terreiro de Umbanda “Caboclo Giramundo e Mestre Zé Pilintra”



Fonte: Foto de Fabiani Avanzi Marques

O Terreiro de Umbanda “Caboclo Giramundo e Mestre Zé Pilintra” fica localizado em um bairro residencial de casas populares de Foz do Iguaçu. Ele

funciona no mesmo terreno da casa onde vive o Pai de Santo Marcos de Ogum e sua família; sua esposa, que também é mãe pequena do terreiro e responsável pela parte financeira, Fabiani, e seus filhos, também participantes do terreiro: Vinicius, de 11 anos, que toca o atabaque nas giras, e Mariana, de 8 anos, que, ora está dentro do espaço do terreiro onde ficam os médiuns, ora está correndo, brincando e conversando com as crianças que vêm acompanhando as pessoas da assistência¹¹ nas giras. O terreno é pequeno, se localizando a casa da família na frente, e o espaço do terreiro ao fundo, onde ficam o local para a assistência, com cadeiras, e o local onde acontece propriamente a gira. Diferente da organização tradicional de um terreiro, onde à frente, como um altar, está o Congá¹², e depois ficam os médiuns e ao fundo a assistência, neste terreiro o espaço para os médiuns e o Congá ficam de lado para a assistência, ficando o Congá na parede da esquerda do terreno e os médiuns, naturalmente, se organizando de frente para o Congá, ao invés de darem as costas à assistência acabam ficando de lado para a assistência, que ocupa a lateral esquerda ao Congá. Por conta da organização dos médiuns que ocorre durante as giras, na maior parte do tempo a assistência vê à sua frente uma “parede” de pessoas, que acabam por impedir a visão da assistência de parte dos ritos que ocorrem durante a gira.

O Congá fica pregado na parede lateral esquerda do terreno, que é pintada de azul claro. Em placas de granito ficam as imagens da Umbanda, em degraus mais altos ou mais baixos, de acordo com sua importância e poder no panteão. A organização não foge à organização tradicional de um Congá de terreiro de Umbanda. No degrau mais alto, a maior imagem de todas, uma imagem representando Oxalá, que é a representação de Jesus. Nos degraus abaixo, imagens de diversos Orixás, que são imagens que representam diversos santos católicos, cada um representando um Orixá. Mais abaixo, as entidades da Umbanda que atendem na linha da direita do terreiro: os caboclos e os pretos-velhos. Entende-se a representação dos Orixás e entidades no Congá por meio do conceito trabalhado por Chartier (1988). Desta forma, a representação não é o representado,

¹¹ Assistência é como são chamadas as pessoas que vão para assistir às giras. Muito poucas dessas pessoas são participantes frequentes das giras na condição de assistência. A maioria das pessoas que compõem a assistência vai esporadicamente ao terreiro, ou mesmo vai apenas uma vez, buscando a resolução imediata de problemas da vida, ou mesmo vai para conhecer, saciar a curiosidade. A maioria dos filhos de santo do terreiro, porém, começou na assistência, e, ao demonstrar verdadeiro interesse por meio da constante presença nas giras, foram chamados a “entrar na gira”.

¹² Congá é o altar onde ficam as imagens dos Orixás e entidades da Umbanda.

mas o evoca de forma compreensível para aqueles que compartilham daquele arcabouço cultural necessário para conhecer a imagem. Sendo assim, para os frequentadores do terreiro e para os filhos de santo, a imagem, por exemplo, do casal de idosos de pele negra e vestes simples brancas é a representação dos pretos-velhos. Aquela estatueta representa a aparência e dá a noção de como será feita a representação dos mesmos na incorporação, assim como traz um referencial imagético para apropriação da figura no imaginário dos fiéis, sendo referencial para a prática da representação daquela entidade.

Figura 2 – Congá do terreiro “Caboclo Giramundo e Mestre Zé Pilintra” decorado para festa de Zé Pilintra, e imagem de Zé Pilintra ao lado



Fonte: Foto de Vanessa Caroline Mauro

À direita do Congá, a imagem da entidade que é o foco desta pesquisa, e guia e padrinho de todos os filhos de santo do terreiro: Zé Pilintra. Uma imagem grande, do mesmo tamanho da imagem de Oxalá. Não fica propriamente no Congá, pois no Congá não se coloca imagens da linha da esquerda. Mas Seu Zé é a única imagem da linha da esquerda que se faz presente ali, próximo ao local da gira, pois todos os outros exus ficam na tronqueira, a casa de exu, que fica sempre na entrada do terreiro, neste caso no portão da residência.

Diferente de outros terreiros, principalmente de Candomblé, onde o chão é (e muitas vezes precisa ser) de terra batida, no terreiro “Caboclo Giramundo e Mestre Zé Pilintra” o chão é de piso claro, tanto na parte da assistência quanto na área do Congá e onde ficam os médiuns. Na parede do fundo do terreno, que é utilizada como parede lateral do terreiro, ficam penduradas as guias¹³ dos filhos de santo, começando da esquerda, logo ao lado da imagem de Zé Pilintra, pelas mais importantes (as guias do pai de santo seguidas das guias das mães pequenas e do pai pequeno) e, indo até o final as guias de todos os filhos de santo da casa. Acima das guias, ficam porta-velas, onde se acendem velas de acordo com a gira ou festa do dia. Na lateral direita do terreno ficam o banheiro onde os filhos de santo vestem seus trajes rituais para a gira, e um espaço onde se armazenam as bebidas e fumos, assim como os copos e cinzeiros das entidades, e onde os Cambones¹⁴ permanecem próximos, para pegar sempre que preciso esses elementos para as entidades.

A assistência se senta em cadeiras de plástico branco, em uma área separada por meio de faixas e correntes de contenção da área onde ocorre a gira. Cerca de 40 a 50 cadeiras ficam dispostas compactamente na única área disponível, e não raro se enchem de pessoas no momento das giras e festas. Uma parte das pessoas que frequenta a assistência é composta por familiares dos filhos de santo que vão para trabalhar nas giras. Nas festas, o público da assistência chega a exceder a quantidade de assentos disponíveis, e fica de pé no espaço que forma um corredor indo para a garagem, espaço que compreende uma passagem do terreiro para a casa da família.

O terreiro fica situado no Jardim Curitibano IV, bairro relativamente novo, que surgiu entre as Vilas A e C. A organização territorial de Foz do Iguaçu gira em torno da Usina Hidrelétrica Itaipu Binacional (UHIB). Quando estava sendo construída, nas décadas de 1970 e 1980, foi preciso criar próximo a ela bairros para

¹³ Segundo observação das giras e explicação do pai de santo, guias são colares rituais, que são utilizados durante a incorporação das entidades. Cada entidade tem seu colar, identificado pelas cores das contas (cada combinação de cores representa uma linha de entidades), e se identifica também a posição hierárquica e tempo de desenvolvimento do médium no terreiro por meio de suas guias: as guias mais finas são de médiuns mais baixos na hierarquia, e conforme vão subindo na hierarquia religiosa do terreiro, as guias engrossam. Pela quantidade de guias que cada médium possui também é possível mensurar o tempo que ele tem de trabalho no terreiro, pois o médium ganha a guia das entidades que incorpora, e nenhum médium inicia incorporando todas as entidades; o médium incorpora de uma a uma, até conquistar todas as linhas.

¹⁴ São os filhos de santo que trabalham nas giras auxiliando os filhos de santo incorporados pelas entidades, oferecendo às entidades sua bebida e seu fumo.

os milhares de funcionários que vieram de muitas regiões para trabalhar nas obras. Assim, foram feitas as Vilas A, B e C. Conforme explica Paro, a vila A foi “[...] construída para técnicos de nível médio e a vila B, voltada para o primeiro escalão, projeto com casas luxuosas [...]” (PARO, 2016, p. 74). Já a vila C foi projetada para abrigar os “peões de obra”. Destinada a ser uma vila temporária, que seria demolida após o término das obras e a demissão dos funcionários necessários apenas durante a construção da Usina Hidrelétrica Itaipu Binacional, a vila nunca foi abandonada por seus moradores, que mesmo perdendo o emprego que os levou a Foz do Iguaçu, permaneceram na cidade trabalhando como podiam na informalidade e, muitas vezes, na ilegalidade. Logo, a vila C se tornou uma região perigosa, estigmatizada por sua precariedade, falta de estrutura, e moradores que ganham a vida cometendo delitos.

A partir da década de 1980, ocorreu um crescimento demográfico bastante significativo em Foz do Iguaçu¹⁵, o que levou à ocupação de áreas da cidade que antes eram vazias, entre o centro e o entorno da Usina Hidrelétrica Itaipu Binacional. Próximos às vilas, na década de 1990 foram criados bairros residenciais para suprir as demandas por moradia dessa população que crescia vertiginosamente. Como explica Cury

O crescimento urbano nos anos de 1990 é naturalmente estabelecido entre as vilas residenciais de Itaipu e novos loteamentos. Bairros residenciais foram surgindo, como o Jardim Santa Rosa, Jardim Karla, Conjunto Aporã, Jardim Paraná, Curitibanos. Esses bairros residenciais são habitados em sua maioria por moradores que são ex-funcionários da UHIB aposentados, que escolheram viver em Foz do Iguaçu na esperança de que a cidade proporcionaria melhor qualidade de vida e empregos para si e seus filhos, até mesmo pela atividade turística. (CURY, 2010, p. 159)

Ou seja, a população do entorno do terreiro é constituída por pessoas de classe média ou média baixa, sendo famílias constituídas por pessoas que ganham a vida na informalidade. Não muito diferentes da família do pai de santo, que hoje tem estabilidade de carreira por ser funcionário público, porém não possui formação universitária.

¹⁵ Segundo o IBGE (2007 *apud* CURY, 2010), o número de habitantes saltou de 33.966 na década de 1970 para 136.321 na década de 1980, ou seja, mais do que quadruplicou em uma década a população do município de Foz do Iguaçu. O crescimento seguiu vertiginoso, até que em 2007 foi contabilizado o número de 311.336 habitantes.

O crescimento demográfico ocorrido nas últimas décadas foi fruto de migrações tanto nacionais como de comunidades de outros países, vizinhos e distantes. Entre os atrativos para a vinda de migrantes podem ser citados o crescimento do comércio com o Paraguai por conta de seus baixos impostos de importação e a popularização do contrabando de produtos, a partir da inauguração da Ponte da Amizade em 1965, o que fomentou o surgimento de comércios e, o crescimento do foco turístico para a cidade, tanto pelos atrativos naturais quanto pelo turismo de comércio. Outros fatores externos também contribuíram para a chegada de imigrantes de outros países, sendo os principais a seguir citados.

O que contribuiu para a chegada de uma comunidade em específico, muito significativa em número, de imigrantes, foram as ocorrências de conflitos no Líbano, nas décadas de 1960 e 1990, que levou muitos árabes a buscarem Foz do Iguaçu como destino seguro de fuga às agruras da guerra. A escolha se deu principalmente pelo potencial de comércio da Tríplice Fronteira. Outra comunidade de imigrantes que veio atraída pelo comércio pujante foi a dos chineses, que também veio em duas principais levas de migração, uma na década de 1970 e outra na década de 1990, impulsionados pelas crises econômicas no país asiático, fixando residência nas cidades de Foz do Iguaçu e Ciudad del Este (CURY, 2010).

Essas comunidades de imigrantes chegaram a uma Foz do Iguaçu já bastante diversa. Quando lá se estabeleceram, a cidade era composta de muitos povos. Descendentes de vários países europeus, das linhagens dos imigrantes que, já instalados no Brasil, migraram dos estados vizinhos do sul, Rio Grande do Sul e Santa Catarina, atraídos pelas ofertas de terras, nas décadas de 1920 a 1940. Migrantes também do sudeste e nordeste, que vieram atraídos pelas oportunidades de emprego geradas pelas obras da Usina Hidrelétrica Itaipu Binacional, na década de 1970. Além do já comum tráfego diário de paraguaios e argentinos, que moram em um país, mas trabalham, estudam, fazem compras, se divertem e buscam auxílio em Foz do Iguaçu (CURY, 2010).

Com as migrações, vêm as pluralidades étnica e de religiões. Silva explica a vinda de religiões junto com os imigrantes para o novo território, dizendo que

Especificamente no que tange às migrações, deslocar-se do território de origem e, comumente, também dos familiares próximos produz nos migrantes uma potente sensação de culpa. [...] muitos migrantes precisam interpretar as decepções e as frustrações que frequentemente acompanham os deslocamentos, em especial quando se torna evidente o gap entre as

idílicas expectativas e a sofrida realidade. A religião, nessas circunstâncias, atua como um recurso simbólico outorgador de sentido, entremeando as escolhas e as experiências pessoais no campo das vontades divinas. (SILVA, 2015, p. 99)

Desta forma, fez-se essencial a estes povos estrangeiros, assim que se instalaram em Foz do Iguaçu, criarem lugares para expressarem sua fé. Por isso, hoje a cidade é ponto de turismo religioso, e chama a atenção a multiplicidade de locais religiosos em seu território.

Segundo Lima (2014b), entre as religiões cristãs católicas, Foz do Iguaçu possui 26 paróquias e uma catedral diocesana da Igreja Católica; uma Igreja Católica Apostólica Brasileira, e uma Igreja Grego-Católica Ucraniana. Entre as religiões cristãs protestantes tradicionais, há as Igrejas Episcopaliana-Anglicana, Batista, Presbiteriana, Luterana e Metodista. Entre as igrejas cristãs pentecostais, estão presentes na cidade a Assembleia de Deus, a Congregação Cristã no Brasil, a Igreja do Evangelho Quadrangular, a Brasil para Cristo e a Deus É Amor. As igrejas cristãs neopentecostais também possuem muitos representantes, entre eles a Igreja Universal do Reino de Deus, a Igreja Internacional da Graça de Deus, a Igreja Renascer em Cristo, a Igreja Mundial do Poder de Deus, a Comunidade Evangélica Sara Nossa Terra, a Comunidade Cristã Rhema, a Comunidade da Graça, e a Igreja Cristã Maná. Por fim entre as cristãs, Foz do Iguaçu também conta com denominações restauracionistas, sendo elas as Testemunhas de Jeová, os Adventistas e a Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias (LIMA, 2014a).

As denominações cristãs representam apenas uma parcela das comunidades religiosas de Foz do Iguaçu. As religiões étnicas, trazidas pelos imigrantes, são bastante conhecidas e visitadas, e seus templos entraram para o circuito oficial de turismo da cidade. Ainda segundo Lima (2014c), os espaços religiosos dos muçulmanos na cidade são a Mesquita Branca (ou Mesquita Omar Ibn Al-Khattab) e a Mesquita Husseiniya, de vertente xiita. Entre as religiões japonesas, Foz do Iguaçu conta com a presença da Seicho No Ie, da Igreja Messiânica Mundial, da Sokka Gakai com origem no budismo Nitiren e da Igreja Tenrikyo. Por último dentro desta categoria das religiões étnicas, há o templo budista da Ordem Budista Internacional de Foz do Iguaçu, que é muito conhecido e visitado por suas estátuas de Bodhisattvas, do Buda Mi la Pu-san e de Kwan Yin. Porém, de todas as religiões

citadas até aqui pode ser considerada a mais fechada, pela sua barreira linguística, pois é um templo de língua chinesa (Mandarim), estritamente.

Já a categoria que mais importa a esta pesquisa, a das religiões mediúnicas, conta com a presença mais significativa do kardecismo. O primeiro centro espírita de Foz do Iguaçu, o Centro Espírita Paz, Amor e Caridade, foi fundado em 1922, apenas 8 anos após o surgimento do município de Foz do Iguaçu. Porém o grupo dos fundadores já se reunia clandestinamente desde 1918. Segundo Baldovino (2014),

O Espiritismo em Foz do Iguaçu era discriminado, as reuniões eram proibidas, obrigando-os a realizá-las em locais secretos e diferentes para fugirem das perseguições, como em pequenos barcos, à noite, nos rios Iguaçu e Paraná. (BALDOVINO, 2014, p. 92)

Ou seja, a presença de religiões mediúnicas na Tríplice Fronteira é das mais antigas. O Centro Espírita Paz, Amor e Caridade também oferece, de acordo com a doutrina kardecista da caridade, uma escola particular que atende alunos carentes, tendo reconhecimento social no município. Além deste, há “[...] pelo menos mais seis centros [...]” espíritas na cidade, segundo Lima (2014c, 93).

A vocação mediúnica de Foz do Iguaçu não para por aqui. A cidade tem um bairro inteiro voltado a vertentes da ciência que tentam estudar e observar fenômenos sobrenaturais, a Cognópolis. Com sete mil quilômetros quadrados, o bairro criado por voluntários para o estudo da Conscienciologia¹⁶ tem várias bibliotecas, um Centro de Altos Estudos da Conscienciologia, vários laboratórios como, por exemplo, o Laboratório de Ectoplasmia que estuda o ectoplasma¹⁷, uma área de preservação ambiental, um hotel, e mais “[...] 25 organizações ligadas à Conscienciologia, chamadas de instituições conscienciocêntricas [...]” (PARO, 2016, p. 187), além do Instituto Internacional de Projeciologia e Conscienciologia.

A cidade que é, portanto, ponto de encontro de tanto de realizações quanto de estudos de fenômenos sobrenaturais não poderia ser mais propícia ao crescimento da Umbanda. De fato, com rápida pesquisa online é possível encontrar

¹⁶ “[...] ciência dedicada ao estudo da consciência (nós mesmos). Conforme as premissas da Conscienciologia, a consciência é algo entendido como superior ao cérebro físico e que comanda o corpo humano, por isso não deixa de existir mesmo após a morte. Essa condição leva o indivíduo a ter inúmeras vidas e acumular na memória cerebral aprendizados, experiências e habilidades manifestadas hoje, porém adquiridas em contextos pretéritos.” (PARO, 2016, p. 183)

¹⁷ É uma substância exterior ao corpo que pode produzir efeitos físicos, fenômenos sobrenaturais. É muito citada no estudo dos espíritos feito no kardecismo. (PARO, 2016)

mais de vinte terreiros de Umbanda na cidade de Foz do Iguaçu, além de duas lojas de artigos religiosos voltadas ao público que frequenta religiões afro-brasileiras, sendo uma delas de propriedade de uma das filhas de santo do terreiro Caboclo Giramundo e Mestre Zé Pilintra. Isto porque, segundo uma das mães pequenas do terreiro, Nadjanara, "*... em Foz tem mais Candomblé do que Umbanda*". Lima (2014c) também aponta o Candomblé como maioria dos terreiros representantes de religiões afro-brasileira na cidade, apesar de que, segundo ele, "em Foz existem muitos centros de candomblé que 'tocam umbanda' em dias especiais. [...]" (LIMA, 2014c, p. 93). O autor aponta a existência de quatro principais terreiros de Candomblé em Foz do Iguaçu; o Ilê Asé Oju Ogun Funmilayo, o Ilê Alakétu Ijobá Asé, o Ilê Asé Iga Odé e o Templo de Oxum. Na Umbanda, cita apenas um terreiro, a Tenda Luz de Oxalá.

Encontrar informações sobre o surgimento dos espaços religiosos afro-brasileiros na cidade é tarefa quase impossível. No arquivo da Biblioteca Municipal de Foz do Iguaçu, as únicas informações que encontrei a respeito de manifestações mágicas, práticas espirituais, foram duas pequenas citações, uma a certa "curandeira"¹⁸, e outra a certo "feiticeiro"¹⁹, em entrevistas feitas com aqueles considerados pioneiros da cidade e publicadas em uma publicação comemorativa de 80 anos de Foz do Iguaçu, chamada "Foz 80 Anos: Projeto Memória" lançada em 1994. A respeito, de fato, de religiões de matriz africana, nada foi encontrado.

Como nada foi encontrado a respeito de terreiros de Umbanda em Foz do Iguaçu além dessas esparsas informações, para tentar entender as influências e o contexto religioso umbandista em que está inserido o terreiro de Umbanda Caboclo Giramundo e Mestre Zé Pilintra, a alternativa que me restou foi compreender as influências do terreiro em que se iniciou o pai de santo Marcos de Ogum. Em entrevista concedida à pesquisadora, o pai de santo disse que sua iniciação religiosa se deu com uma mãe de santo vinda de São Paulo. Em São Paulo, por sua vez, ela se iniciou em um terreiro de Umbanda de uma mãe de santo proveniente da Bahia. Ou seja, as influências do terreiro pesquisado são, mais de longe, baianas, porém principalmente da Umbanda paulista. Por isso, para entender a Umbanda praticada

¹⁸ Em entrevista a Alfredo Brol, que chegou em 1936 a Foz do Iguaçu, o mesmo conta "[...] quem sempre me curou [...] foi uma curandeira, de nome Inês, que mora no bairro São Francisco. Cura com novenas a Nossa Senhora de Lourdes e operações invisíveis." (BROL, 1994, p. 17)

¹⁹ Manêncio Martins, morador da cidade desde 1911, disse em entrevista que "Havia um preso que nenhuma grade segurava. Diziam que era um feiticeiro. A polícia o prendia de manhã e quando era noite ele já havia fugido da cadeia." (MARTINS, 1994, p. 75)

no terreiro Caboclo Giramundo e Mestre Zé Pilintra, é utilizado o trabalho de Lísias Negrão (1996), em que o autor estuda e descreve o campo umbandista em São Paulo, fazendo comparações entre as informações apresentadas por Negrão e as características observadas no terreiro pesquisado. Porém, ainda que o terreiro tenha influências paulistas por ser descendente de um terreiro de mãe de santo paulista, o terreiro em que se iniciou Pai Marcos de Ogum ficava em Foz do Iguaçu. Por isso, ainda que a mãe de santo de Pai Marcos de Ogum fosse uma “estrangeira”, com práticas trazidas de fora, é importante lembrar que

Para imputar sentido às novas experiências, a religião da terra de origem necessita, valendo-se da terminologia adotada por Enzo Pace, alargar suas fronteiras simbólicas, incorporando novos aspectos e novos valores do ambiente externo, os quais devem ser conciliados com as instruções básicas da sua crença originária. (SILVA, 2015, p. 100)

Ou seja, ainda que praticante de uma “Umbanda paulista”, é possível imaginar que alguns elementos da prática dessa mãe de santo precisaram ser modificados para se adaptar ao novo território e novo público.

É interessante notar, estudando um terreiro cuja entidade principal é o estereótipo de outra região do país, e no qual muitos filhos de santo e pessoas que frequentam esporadicamente o terreiro são dos países vizinhos, que a descendência do terreiro Caboclo Giramundo e Mestre Zé Pilintra, paulista e baiana, é consequência direta desse fenômeno de que todos são estrangeiros a esse território da Tríplice Fronteira.

Outro ponto importante a se salientar é que a Umbanda depende muito da relação de descendência dos terreiros. Por não ser uma religião com códigos definidos, o aprendizado do pai de santo em seu terreiro de origem e formação é o que define sua prática em seu próprio terreiro. Assim, a formação local de outros terreiros em Foz do Iguaçu, ainda que não tenha sido pesquisada ou documentada, de certa forma não apresenta grandes influências na prática do terreiro Caboclo Giramundo e Mestre Zé Pilintra.

Dos elementos que mais chamam a atenção nas similaridades com a Umbanda paulista, as linhas de entidades trabalhadas são as que conferem mais identificação de estilo de Umbanda. Segundo narrativas tanto do pai de santo Marcos de Ogum quanto das mães pequenas, que participavam do terreiro da mãe de santo que iniciou Pai Marcos e o seguiram quando ele fundou seu próprio

terreiro, a linha dos baianos tinha bastante importância nesse terreiro. E, na pesquisa que Lísias Negrão fez de quais linhas de entidades mais eram incorporadas nos terreiros paulistas, o sucesso da linha de baianos surpreende.

[...] A surpresa fica por conta do terceiro lugar [no levantamento realizado pelo pesquisador de entidades mais incorporadas nos terreiros observados] obtido pelos Baianos, guias relativamente recentes na Umbanda (datam da década de 1950), superando inclusive os tradicionais Pretos Velhos - um dos seus mitos fundadores, ao lado dos Caboclos - no que se refere à presença destacada. [...] (NEGRÃO, 1996, p. 203)

Segundo a pesquisa de Lísias Negrão, nos terreiros de Umbanda de São Paulo, a linha de baianos representa a terceira mais incorporada nas giras. No terreiro Caboclo Giramundo e Mestre Zé Pilintra, os baianos também representam parcela importante das incorporações nas giras, e o Baiano João, que incorpora no pai de santo Marcos de Ogum, sempre trabalha em “parceria” com Seu Zé Pilintra, como poderá ser visto nas entrevistas com os filhos de santo. No terreiro da mãe de santo de Pai Marcos, os baianos também eram figuras importantes. Inclusive, quando a entidade de Zé Pilintra se manifestou pela primeira vez em Pai Marcos, foi em uma gira de baianos no terreiro dessa mãe de santo. Desta forma, no antigo terreiro Zé Pilintra permaneceu atendendo na linha de baianos, dividindo o tempo das giras com a outra entidade de Pai Marcos que precisava atender nessa linha, o Baiano João.

Outro destaque relacionado às entidades com as quais se trabalha no terreiro é a definição de quais são as entidades de “frente”, que são as entidades guias do terreiro, que geralmente dão nome a ele. Portanto no terreiro de Umbanda Caboclo Giramundo e Mestre Zé Pilintra essas são as entidades de frente, de destaque. Especificamente falando dos caboclos, em São Paulo a pesquisa de Negrão revela que quase metade dos terreiros tinha em seu nome uma entidade de caboclo. A esse respeito, fala Negrão que

É somente a partir da década de 60 que a tendência majoritária dos Caboclos começa a firmar-se claramente, embora nunca chegasse a ser absoluta, alcançando um patamar máximo de 47,6% em inícios da década de 80. [...] (NEGRÃO, 1996, p. 169)

Outra característica que vale a pena ser notada é o fato de que, na pesquisa de Negrão, se notou que a entidade Zé Pilintra é figura de destaque na maior parte

dos terreiros em que “baixa”. Das 15 aparições que notou Negrão, em 6 a entidade era uma das principais do terreiro. Apesar do baixo número de aparições (Negrão pesquisou cerca de 80 terreiros), em quase metade das vezes em que aparece é uma entidade de importância. Esta é uma característica regional que vale a pena ser destacada, já que, como observa Carneiro (2012), no Rio de Janeiro Seu Zé Pilintra não pode ser destaque do terreiro. Segundo os umbandistas por ele entrevistados, não é recomendado que malandro ocupe posição de destaque, até porque, na fala deles, não se tem o malandro na “coroa”, se “carrega” o malandro. Isto significa que a entidade do malandro, por mais que respeitada e devotada, não seria considerada uma bênção, mas um “peso” para o médium de Umbanda, por isso não permitir que ele seja uma das entidades de destaque do terreiro. Muito diferente do que ocorre no terreiro estudado, onde Seu Zé Pilintra não só é muito respeitado e querido, mas orgulhosamente assumido à frente do terreiro.

3 O MALANDRO ZÉ PILINTRA: CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA, MUDANÇAS E PERMANÊNCIAS

É que eu sou malandro, batuqueiro
Cria lá do morro do Salgueiro
Se não acredita, vem no meu samba pra ver
O couro vai comer!

Laroiê, mojobá, axé!
Salve o povo de fé, me dê licença!
Eu sou da rua e a lua me chamou
Refletida em meu chapéu
O rei da noite eu sou
Num palco sob as estrelas
De linho branco vou me apresentar
Malandro descendo a ladeira, ê, Zé!
Da ginga e do bicolor no pé
"Pra se viver do amor" pelas calçadas
Um mestre-sala das madrugadas

Ê, filho da sorte eu sou
Vento sopra a meu favor
Gira sorte, gira mundo, malandro deixa girar
Quem dá as cartas sou eu, pode apostar!

O samba vadio, meu povo a cantar
Dia a dia, bar em bar
Eis minha filosofia
Nos braços da boemia, me deixo levar
Eu vou por becos e vielas
Chegou o barão das favelas
Quem me protege não dorme
Meu santo é forte, é quem me guia
Na luta de cada manhã, um mensageiro da paz
De larôs e saravás!²⁰

Com este samba-enredo o Grêmio Recreativo Escola de Samba Acadêmicos do Salgueiro desfilou no carnaval de 2016, trazendo o tema “A Ópera dos Malandros”. Ainda que no título e em vários momentos do desfile se fizessem claras as referências ao teatro musical quase homônimo de autoria de Chico Buarque (o original se chama “Ópera do Malandro”), o desfile trouxe outros elementos da malandragem que muito se relacionam com a entidade neste trabalho analisada.

A escolha de tal personagem para ser temática de um desfile de escola de samba em tempos atuais é evidência de que o malandro não é personagem histórico

²⁰ Letra retirada do endereço eletrônico <https://www.vagalume.com.br/salgueiro/samba-enrede-2016-a-opera-dos-malandros.html>

esquecido na memória de personagens do Brasil. É, na realidade, personagem constantemente reinventado, cuja presença é identificada a cada vez em lugares diferentes. O desfile do Salgueiro traz vários elementos que serão importantes na narrativa aqui escolhida para analisar a trajetória da construção do personagem do malandro Zé Pilintra, que tem origens distintas, mas um caminho que chega aos dias atuais mantendo a relevância de tal figura.

A intenção aqui não é fazer uma análise do desfile realizado pela Escola de Samba Acadêmicos do Salgueiro, mas utilizar a narrativa da escola para trazer os elementos que confluem na caracterização do malandro Zé Pilintra, sendo que é julgada a narrativa trazida pelo desfile como bastante oportuna e lógica.

O desfile inicia trazendo referências ao malandro histórico, retratado na “Ópera do Malandro”, teatro musical escrito por Chico Buarque em 1978 que traz o personagem Max Overseas, um contrabandista conquistador de mulheres, que sempre se livra dos imbróglios de suas falcatruas por meio de alianças escusas e mais atos fora da lei. É a personificação do malandro carioca. Sua vestimenta, o terno branco e vermelho, chapéu panamá, rosa na lapela, se tornou emblemática, e o cenário onde se desenrola a história, a Lapa carioca, pano de fundo para as representações do malandro. É certo que Chico Buarque não inventou esta representação do malandro, mas a resgatou de diversas representações de tal tipo social que surgiram nos sambas cariocas da primeira metade do século XX. Os próprios sambistas eram os malandros, que vivem no ócio e na boemia. Sobre tal caracterização, tanto física quanto de atitudes, diz Janderson Bax Carneiro que

É a face glamourizada, embora ambígua, do carioca na sua versão boêmia, sagaz e matreira. É um herói, ou anti-herói, constitutivo do nosso imaginário social de forma tal que está presente na música, no teatro ou mesmo na imagem constantemente vendida aos estrangeiros sobre o Brasil, mais precisamente sobre o Rio de Janeiro, em sua inquestionável vocação para a vida mansa e descontraída, não obstante as agruras de sua gente. (CARNEIRO, 2012, p. 24)

No entanto, esta figura do malandro carioca, ressignificada ao caracterizar uma entidade da Umbanda, não é a única e cristalizada representação do malandro. É certo que quando se fala de tal personagem, é uma imagem que acaba sendo bastante referenciada. Numa busca por imagens em buscador da internet, quando se usa o termo “malandro”, a figura do malandro carioca na Lapa da metade do

século XX, do sambista de terno branco, rosa na lapela, sapatos bicolores, chapéu panamá, é uma das que mais aparecem.

Mas quando se fala em malandro, não está se falando apenas no tal personagem, já cristalizado no imaginário nacional. O termo malandro se refere a um modo de agir, um “estilo de vida”, se é que é possível classificar desta forma. No dicionário a definição de malandro é “que não gosta do trabalho, preguiçoso. Vadio. Ladrão. Patife. Tratante.” (Melhoramentos dicionário da língua portuguesa, 2009, p. 184) É certo que o malandro carioca personifica todas estas características, mas não é o único. A figura do malandro é ressignificada de acordo com o tipo social que assume tal comportamento. A respeito da figura da malandragem, Carneiro faz tal afirmação;

Estilizada e cristalizada em sua aura folclórica, a malandragem parece despida de sua periculosidade, ganhando a legitimidade assegurada pelos usos e abusos burgueses. (CARNEIRO, 2012, p. 25)

No entanto, é preciso fazer a ressalva de que a malandragem não está “cristalizada”, como afirma o autor. Está sim, aquela figura representativa do malandro carioca da Lapa. Porém, a ideia da malandragem se renova, está sempre atualizada, e de forma alguma perde sua periculosidade. Exemplo disso é que no desfile da Acadêmicos do Salgueiro em 2016 foi apresentada uma versão atual do malandro, representada pelos traficantes dos morros do Rio de Janeiro. Ou seja, os usos atuais da ideia do malandro ainda não se despiram de sua marginalidade, mas sim, a reconfiguraram no que é caracterizado como marginal e perigoso no cenário atual. Até que ponto tal paralelo das representações de malandragem é válido, há que se discutir. Talvez aquela representação imagética do sambista malandro seja sim higienizada, já que a ideia que forma a noção de malandragem se deslocou, como o próprio autor (CARNEIRO, 2012) posteriormente coloca, quando apresenta o personagem Lico, malandro da Umbanda que afirma ter sido um menino do tráfico quando vivo, que dá depoimento para sua pesquisa, atualizando a noção de malandragem trazida para o âmbito da Umbanda, neste caso, no Rio de Janeiro.

É interessante notar que a dinâmica entre a representação profana da malandragem e a entidade da Umbanda, de caráter sagrado, é uma dinâmica de muita proximidade e entrecruzamento. É possível dizer até que um não vive sem o outro, e que, na maioria das vezes, é tido como a mesma figura. O malandro da

Lapa carioca nasceu profano, mas foi sacralizado²¹ rapidamente, identificado a Zé Pelintra. Portanto, quando falo das permanências da figura do malandro carioca na atualidade, deve-se atentar ao fato de que a maioria das pessoas que interagem com aquela representação do malandro tem em sua concepção que ele é também o Zé Pelintra da Umbanda, que ele tem um quê de sagrado, de entidade que guia e protege.

Como é possível observar nas letras do samba-enredo acima citado, a composição das características do malandro conta necessariamente com seu caráter de entidade das religiões afro-brasileiras, quando dizem sobre o malandro: “Quem me protege não dorme/Meu santo é forte, é quem me guia” ou até mesmo quando cantam “Laroiê, mojobá, axé!²²/Salve o povo de fé, me dê licença!”. Ou seja, as trocas entre as representações são permanentes e complexas, e por vezes é difícil reconhecer de qual figura se está falando. Como explica Carneiro,

À distância, a observação das construções poéticas e visuais acima mencionadas poderia sugerir uma correspondência bastante simples e simplificadora. Zé Pelintra e todos os malandros cultuados na umbanda seriam correlatos religiosos de uma figura popular do nosso imaginário: o característico malandro da Lapa, como idealizado na primeira metade do século XX. No entanto, o mínimo de aproximação com o terreiro é suficiente para demonstrar que tal identificação não corresponde a uma associação simples, estática e isenta de contradições. É preciso assinalar que Zé Pelintra é um malandro sacralizado. É alvo de culto em distintas manifestações religiosas do campo afro-brasileiro, como o catimbó e a umbanda. E o fato de ser cultuado em modalidades religiosas marcadas pela centralidade da possessão impõe a Zé Pelintra inúmeras peculiaridades. Em outras palavras, no terreiro ele é um malandro que morreu, transformou-se em espírito, ascendeu à condição de entidade espiritual e “baixa” na Terra para fazer algo em benefício dos seus protegidos. Se, por um lado, ele é pensado como um malandro, tipo nacional marcado e até datado, por outro, é invocado enquanto “companheiro” espiritual dotado de atribuições no tempo presente. (CARNEIRO, 2012, p. 40)

O mesmo autor ainda completa que

²¹ Entendo “sacralizado” neste trabalho, seguindo a conceituação de sagrado de Mircea Eliade, que, em primeira instância, define como sagrado aquilo que se opõe ao profano. Mas, mais do que isso, é um valor que se cria para o que é divino, pela diferença do que é profano, portanto um não existe sem o outro. O ato denominado por Eliade como “hierofania” é a manifestação do sagrado no profano, sacralizando-o, e, portanto, não sendo entendido como representação do divino, mas a imanência do divino. (ELIADE, 1992) (MARCHI, 2005)

²² De acordo com observações das práticas de Umbanda de vários terreiros frequentados pela pesquisadora, laroiê e mojobá são saudações a exu, enquanto axé representaria energia.

Mesmo em sua dimensão tipológica, o conjunto de “zés” da umbanda não está restrito ao ideal idílico de malandragem. Esta categoria de entidades parece trazer à tona tipos sociais que vão do matuto ao bandido dos meios urbanos atuais. No terreiro, a imagem tão tipificada do malandro ideal não resiste ao dinamismo do culto. O sujeito cheio de ginga e poder de sedução, esculpido em gesso e louvado em muitas cantigas litúrgicas, não raro cede lugar a um velho matuto ou mesmo o bandido associado ao tráfico de drogas, versão contemporânea do elemento social marginalizado, morador de favelas e bairros pobres dos grandes centros urbanos. Nesse sentido, mesmo em um contexto ritual, onde possivelmente a entidade apareça de forma mais estereotipada, os elementos constitutivos da imagem generalizada do malandro são incrivelmente ressignificados. Nesse sentido, a própria denominação Zé Pelintra acaba por designar não apenas uma entidade do universo umbandista, mas um conjunto de entes espirituais agrupados por afinidades apresentadas em suas trajetórias terrenas, marcadas pela marginalidade social. (CARNEIRO, 2012, p. 46)

O malandro Zé Pilintra, portanto, é adepto de certa ética difusa, nos limites do proibido, sempre encontrando formas de driblar a lei. Nem sempre é assumidamente criminoso, como no caso em que este trabalho analisa, mas tampouco é correto. Não considera suas atitudes criminosas, mas sempre tem um jeito de salvar seus afilhados da cobrança da lei. Por exemplo, em determinada conversa informal com os filhos de santo do terreiro analisado, uma das filhas de santo contou de certa vez em que estava dirigindo e se viu prestes a passar por uma blitz de trânsito, e não estava com o veículo apto a ser liberado na inspeção policial. Então agarrou um pequeno colar de contas que ganhou de Zé Pilintra em sua festa, e que mantinha em seu veículo, e pediu sua ajuda. A filha de santo afirmou que Seu Zé atendeu seu pedido, já que não foi parada pela blitz, conseqüentemente não recebendo a punição por sua transgressão às regras de trânsito.

Este caráter transgressor e anti-normatizador de Zé Pilintra o aproxima de uma figura que o define: o exu. No Terreiro de Umbanda Caboclo Giramundo e Mestre Zé Pilintra, a própria entidade, assim como o pai de santo Marcos de Ogum, afirmam que ele é um exu. Ele atende nas giras de esquerda, junto às pombagiras, e, mesmo que esteja desenvolvendo sua própria linha de malandros, ainda se caracteriza dentro da categoria maior de exus. Mas o que seria o exu, e por que ele é tão importante para a definição da figura de Zé Pilintra?

3.1 Exu

No desfile da escola de samba Acadêmicos do Salgueiro, a figura do exu aparece logo no início, e reaparece diversas vezes durante o desfile, até o final do

mesmo, demarcando a importância de tal figura na caracterização de quem é o malandro.

O malandro ocupa lugar social liminar, periférico, dividindo espaço com outras figuras como o ladrão, o assassino, a prostituta. Estes últimos são os personagens sociais que se transformam, na Umbanda, nos exus e pombagiras, representações de tais figuras que vêm aos terreiros para ajudar os fiéis, e fazer trabalhos que entidades do “bem”, como pretos velhos e caboclos, não fariam, afinal, a moralidade de criminosos e prostitutas é dada como duvidosa, assim, não estão se comprometendo ao realizar o que é de sua especialidade: ajudar os seus, por vezes em detrimento de outros.

No caso dos exus e pombagiras, e dos tipos sociais que representam, não há dúvidas do lado em que ocupam quando se pensa a prática religiosa em sentido dual, de bem e mal, luz e trevas. Já o malandro, por andar nos interstícios entre a lei e o crime, nem sempre é visto claramente como exu. Em alguns terreiros que visitei, os filhos de santo o colocam em outras categorias, afirmam categoricamente que o mesmo não é exu, tentam desviá-lo de tal caracterização que o “rebaixaria” espiritualmente. Por isso, a presença de exu no desfile da Salgueiro, enfatizando o local do malandro no culto da Umbanda, é tão significativa: não só o afirma como pertencente sem sombra de dúvidas à linhagem dos “fora-da-lei”, como localiza onde está sua força e sua especialidade. Afinal, não é sem motivo que, em todo terreiro de Umbanda, as giras de exu são as que têm mais procura. Exu atende todos os tipos de pedido, e vai ajudar sem julgar, a quem o procurar e pagar o que ele pede.

Em sua análise do malandro, DaMatta explica que

[...] o malandro recobre um espaço social igualmente complexo, onde encontramos desde o simples gesto de sagacidade, que, afinal, pode ser feito por qualquer pessoa, até o profissional dos pequenos golpes. O campo do malandro vai, numa gradação, da malandragem socialmente aprovada e vista entre nós como esperteza e vivacidade, ao ponto mais pesado do gesto francamente desonesto. É quando o malandro corre o risco de deixar de viver do jeito e do expediente para viver dos golpes, virando então um autêntico marginal ou bandido. [...] o malandro corre o risco de virar o marginal pleno, deixando assim de fazer parte dos interstícios do sistema, onde vive comprometido no ponto certo do equilíbrio entre a ordem e a desordem. (DAMATTA, 1997, p. 269-270)

Segundo o autor, esta gradação entre a esperteza e o crime é o ponto de diferenciação entre o malandro e o exu, este segundo sendo declaradamente marginal. Para os praticantes da Umbanda, o malandro ocupa esta posição de exu

não tão exu, ou seja, não tão declaradamente criminoso, mas para os não praticantes, não há dúvidas de que Zé Pilintra faz parte da estirpe diabólica de figuras religiosas.

Sendo assim, estando demarcado que Zé Pilintra tem muitas similaridades com os exus, faz parte da linha dos exus, da esquerda na Umbanda, faz-se necessário pensar quem é exu. No imaginário popular brasileiro, no senso comum dos não praticantes da Umbanda, exu é o diabo. Desde que os missionários católicos puseram pés na costa atlântica da África, nas regiões onde se cultuam os Orixás, Voduns e Inquices, fizeram a relação entre exu e o diabo cristão (ANDRADE JUNIOR, 2015).

As tribos africanas que cultuavam, em seu panteão politeísta, Exu (ou Esú, Elegbará, Legbá, entre outros muitos nomes), acreditavam que ele era o responsável pela comunicação dos homens com os deuses. Ele levava as oferendas, e trazia as respostas. Ele era responsável por abrir espaço para os tranSES, por trazer as respostas dos deuses às questões dos homens. Por isso, antes de qualquer coisa, era preciso sempre fazer uma oferenda a exu. Exu era o deus que desafiava as regras, que transformava as atitudes. Tinha sempre atitudes fora dos padrões, e era piadista, pregava peças. Era o responsável pela reprodução, pelos muitos filhos, decorrentes, naturalmente, da atividade sexual. Ter muitos filhos era significado de prosperidade, pois os descendentes é que mantinham a sobrevivência coletiva e a perpetuação dos clãs. Desta forma, sua representação visual era um grande falo. Quando os missionários católicos tiveram contato com as formas de culto a exu, representado pelo grande falo, do sexo que o catolicismo vê como tabu e pecado, representado como um deus que transgride normas, sua interpretação de tal divindade os levou à identificação com o diabo cristão (VERGER, 1981).

Já no Brasil, o processo de identificação de exu com o diabo continuou acontecendo. Como diz Moacir Carvalho,

[...] é bastante provável que não só Exu diabolizou-se, isso já na África, mas que também, o Diabo exuizou-se; o Diabo, quando adstrito aos candomblés, xangôs, tambores, batuques, macumbas e umbandas, não poderia transformar-se facilmente no Diabo teológico e terrível do Catolicismo ou do protestantismo, ele não poderia deixar de acionar todo um conjunto de significados que, a depender do contexto, poderiam tomar a figura de frente, ou pano de fundo, sendo que, não abandonando em absoluto aqueles atributos de severidade, não seria exclusivamente isso, nem seu contrário, mas os dois ou vários e nenhum ao mesmo tempo... (CARVALHO, 2016, p. 378)

Como explica Lourival Andrade Junior (2015), as casas de culto de Umbanda passaram gradativamente a adotar a representação visual do diabo cristão para representar os exus, assim como as nomenclaturas e símbolos referentes a representações do diabo. A função era proteger o local religioso e as cerimônias, já que, ao colocar os exus “diabolizados” na entrada da casa, onde sempre é feito o assentamento a exu, este amedrontaria os possíveis invasores do local de culto, tanto os espirituais quanto os materiais.

Assim, entre figuras de homens e mulheres seminus, com tridentes, de feição demoníaca, passou a se encontrar também nas casas de exu na Umbanda a figura do malandro, de terno branco e vermelho e chapéu, identificado ao modo de ser de seus colegas de conduta duvidosa.

Mas Zé Pilintra, se apresentando na Umbanda com a roupagem carioca, não surgira ali. Esta figura vem de outra denominação religiosa periférica, onde atende como mestre e tem características semelhantes com roupagens diferentes. É na Jurema²³ que podemos encontrar as primeiras menções ao Mestre Zé Pilintra. É também de onde afirma vir o Zé Pilintra que é figura central desta pesquisa. Por isso, importa discutir mais a fundo tal prática religiosa.

3.2 Jurema e Catimbó

Jurema é uma prática religiosa que possui elementos de tradição afro-brasileira, cristã, mas sua base principal é indígena. Também é conhecida como Catimbó, apesar de o termo ser mencionado em vários escritos com significados bastante vagos que se refeririam à magia de uma forma geral. A este respeito, discorre Dilaine Sampaio

²³ Apesar de em outros capítulos ser utilizado o termo Catimbó para definir a religião de origem do Mestre Zé Pilintra, por conta de citação direta de falas de entrevistados, por definições retiradas de outras referências, e por se tratar de referências à prática religiosa conforme era realizada nos séculos passados, neste capítulo a escolha é se referir à prática religiosa na forma como é denominada atualmente, Jurema Sagrada. A justificativa para isso é que, para os juremeiros, os praticantes de tal religião, o uso do termo “Catimbó” é ofensivo, pois remete a feitiçaria (TEIXEIRA, 2014). Poderia se dizer que é parecido com a forma como se dá a dinâmica dos umbandistas com o termo “macumba”. Entre si utilizam o termo “Catimbó” e “catimbozeiro” em tom de brincadeira remetendo à vaga definição de feitiçaria e de feiticeiro, da mesma forma como umbandistas por vezes tomam os termos “macumba” e “macumbeiro”, usando entre si em tom descontraído, invertendo o uso depreciativo e opressivo da palavra quando é usada de forma geral por não praticantes. Porém, por respeito aos praticantes, a escolha é a utilização do termo Jurema quando se referir à prática religiosa contemporânea.

[...] Embora haja inúmeras controvérsias, os dados levantados permitem afirmar que a denominação Catimbó era a mais utilizada para as práticas mágico-religiosas presentes especialmente entre os indígenas do nordeste brasileiro ou ainda na região amazônica como apontam alguns autores. Essas práticas mágico-religiosas, com grande foco na cura dos males da alma e do corpo, herdada dos indígenas, irão mesclar-se com o Catolicismo popular, com o Espiritismo, a Umbanda e o Candomblé, configurando-se no que se passará a denominar mais frequentemente, especialmente a partir dos anos 60, 70, de Jurema, ou ainda atualmente, Jurema Sagrada, termo que podemos compreender como fruto de um processo de legitimação. Vale ressaltar que a palavra “jurema” é polissêmica. Presente nas “mesas de Catimbó”, tratava-se da bebida ritual, feita a partir da tronqueira da árvore chamada jurema. Desde então denomina, além da bebida e da árvore, uma religião – a Jurema ou a Jurema Sagrada; o rito a ser realizado – Jurema de chão, Jurema batida, Jurema na mata, etc.; uma cidade encantada, o “reino dos mestres” que seria a dimensão espiritual; uma entidade, no caso a Cabocla Jurema, dentre outras significações. (SAMPAIO, 2016, p. 153)

A prática religiosa consiste em uma cerimônia onde se invocam espíritos de pessoas que já viveram, em um transe provocado por uma bebida feita da casca da árvore da jurema, planta comum no Nordeste brasileiro. Como esclarecem Brandão e Rios;

[...] complexo mágico-religioso da jurema envolve como padrão a ingestão da bebida feita com partes da jurema, o uso ritual do tabaco, o transe de possessão por seres encantados, além da crença em um mundo espiritual onde as entidades residem. (BRANDÃO; RIOS, 2001, p. 162)

O rito que hoje se convencionou chamar pelo termo polissêmico Jurema tem já, diversas pesquisas realizadas, porém sua reconstrução histórica leva a poucas menções nos estudos iniciais a respeito de práticas religiosas no Brasil. Alguns autores renomados dedicaram algumas palavras ao estudo do que eles denominavam na época como Catimbó, mas nenhum cultivando grande interesse, já que tal prática não se encaixaria nos moldes do que era considerado uma religião pura.

Um dos autores que se propôs a compreender tal prática religiosa foi Roger Bastide. Em seu texto com o título “Catimbó” (BASTIDE, 2001), explica que a Jurema seria uma festa indígena onde se fazia uso da bebida da árvore da Jurema, e que tal cerimônia teria função comemorativa. A festa da Jurema teria como elemento coadjuvante, não principal, o uso da bebida e o transe em que se tem contato com “almas dos mortos e espíritos protetores”, diferente do rito hoje conhecido como Jurema Sagrada, em que o uso da bebida e o contato com os espíritos é elemento central. Nas festas indígenas ocorreria também a defumação

com fumo de tabaco como outro elemento coadjuvante, que permanece ainda na Jurema Sagrada, assim como em outras práticas religiosas, inclusive sendo prática de grande relevância na Umbanda. A festa tradicional dos povos indígenas seria uma festa de transe, bênçãos, e funções coletivas. Mas, segundo Bastide (2001), com o contato dos indígenas que realizavam tais práticas com outros povos, e a consequente união destes com os brancos, no litoral e nos sertões, a finalidade das práticas mágicas se transformou. As práticas da defumação com o fumo e de beber a bebida feita com a raiz da Jurema e entrar em transe, passaram de elementos da festa religiosa, a serem a finalidade do processo religioso.

[...] Podemos dizer, portanto, que o catimbó não passa da antiga festa da jurema, que se modificou em contato com o catolicismo, mas que, assim transformada, continuou a se manter nas populações mais ou menos caboclas, nas camadas inferiores da população do Nordeste. Apenas a festa estacional, provavelmente anual, separou-se do ritmo dos meses e das ocupações: o que não passava de um elemento da cerimônia, a invasão, na alma, dos sonhos maravilhosos, veio a se transformar na finalidade, no ideal proposto. Essa mudança de função correspondeu a uma complicação do esquema primitivo, pela conglomeração, ao redor do núcleo central, dos outros processos mágicos dos índios e, particularmente, da cura pela defumação. Em resumo, a passagem da sociedade tribal para outro tipo de organização, ou melhor, à sua desagregação em famílias dispersas pelo litoral, levando uma vida difícil, unindo-se sexual e culturalmente aos brancos, criou necessidade que a tribo não conhecia: a bênção coletiva das cidades dada pela festa da jurema foi sucedida pela bênção individual, a luta contra as preocupações particulares, a tristeza das almas solitárias. Daí a necessidade de se refugiar o maior número de vezes possível no mundo dos encantados, de chamar, semana após semana, os espíritos protetores. (BASTIDE, 2001, p.148)

Com tal contato, não só a finalidade e importância dos elementos da prática religiosa se modificaram, se sobrepondo uns sobre outros, como entraram em cena novos elementos, resultados de contatos culturais. O culto da Jurema “[...] se difundiu dos sertões e agrestes nordestino em direção às grandes cidades do litoral, onde elementos das outras matrizes étnicas entraram em cena. [...]” (BRANDÃO; RIOS, 2001, p. 161). Tal processo de hibridismo foi popularizando com a prática, e a partir daí foi surgindo o que seria chamado popularmente como Catimbó, atraindo o interesse de alguns pesquisadores, como explicam Brandão e Rios, ao dizer que

[...] juntaram-se na constituição desta forma de religiosidade popular outros elementos de origem europeia como a magia e o culto aos santos do catolicismo popular. Da matriz africana, incorporou o sacrifício de animais, como realizado entre os xangôs nordestinos, além de algumas divindades do panteão iorubá. As constantes ondas migratórias entre o interior e o

litoral devem ter influenciado nestes intercâmbios de elementos simbólicos no culto. E com esta configuração ele se espalha em algumas capitais nordestinas, como Recife, Paraíba, Maceió e Natal. Na década de 1920 os jornais já anunciavam a presença “dos baixos e barulhentos espíritos” do primitivo “Catimbau”, entre os ditos “civilizados das pacatas cidades”. A partir desta época encontramos referências sobre a jurema em autores como Cascudo (1951), Fernandes (1940), Bastide (1945) e Vandezande (1975). (BRANDÃO; RIOS, 2001, p. 161-162)

Além destes nomes, o Catimbó já havia sido citado, apesar de não pesquisado ou discutido, por Gilberto Freyre em sua obra “Casa Grande e Senzala”, de 1933. A citação do termo “catimbozeiro” no escrito de Freyre parecia inculcar o significado geral de prática mágica, dividindo tal definição com outros termos como “macumbeiro”, “mandingueiro”. Ele aparece em breve passagem a respeito de magias de finalidade sexual realizadas pelos escravos. Também faz breve menção ao uso de ervas, porém sem citar a Jurema.

Ervas, várias - umas indígenas, outras trazidas da África pelos negros. Algumas tão violentas, diz Manuel Querino, que produzem tonturas, apenas trituradas com as mãos. Outras que se bebem, se mascam, ou se fumam, tragando, como a maconha. [...] Foi a perícia no preparo de feitiços sexuais e afrodisíacos que deu tanto prestígio a escravos macumbeiros junto a senhores brancos já velhos e gastos. [...] fralda suja de camisa de mulher entra na composição de muita mandinga de amor, como entram outras coisas nojentas. Pêlos de axila ou das partes genitais. Suor. Lágrimas, Saliva. Sangue. Aparas das unhas. Esperma. Alfredo de Carvalho menciona ainda: "o muco catamenial, excreto das glândulas de Bortholin e até mesmo dejeções". De posse de qualquer destas substâncias, o catimbozeiro, mandingueiro ou macumbeiro diz que "abranda o coração" das pessoas mais esquivas. (FREYRE, 2003, p. 408-409)

Ainda a respeito dos “catimbozeiros”, Freyre continua:

Há catimbozeiros que confeccionam bonecos de cera ou de pano. São os feitiços mais higiênicos do ponto de vista do enfeitado. Sobre esses calungas operam os mestres-carlos tudo quanto desejam que se reflita sobre o indivíduo a enfeitar; questão de rezarem forte. O mais é só brincar com o boneco: apertá-lo, machucá-lo, estender-lhe os braços, escancarar-lhe as pernas. Que tudo se reflita na pessoa distante. (FREYRE, 2003, p. 409)

É interessante salientar deste trecho os, assim chamados por Freyre, “mestres-carlos”. Na prática da Jurema Sagrada, os espíritos que vem atender aos consulentes através do transe induzido pela bebida da Jurema são chamados de mestres. Entre eles, a figura que interessa particularmente a este trabalho, está o Mestre Zé Pelintra. Porém, Freyre não se refere simplesmente a mestres em um

sentido geral, mas especificamente “mestres-carlos”. A este respeito, Dilaine Sampaio contribui com significativa explicação: “[...] a menção genérica ‘mestres-carlos’ parece estar relacionada aos mestres do Catimbó, sendo mestre Carlos um dos mais conhecidos” (SAMPAIO, 2016, p. 158). No panteão da Jurema, os mestres são figuras muito importantes, apesar de não serem os únicos a atenderem, dividindo espaço com os caboclos. No entanto, como é de tal categoria que se originou Zé Pelintra, é válido esclarecer quem seriam os mestres juremeiros;

De forma geral, os mestres são descritos como espíritos curadores de descendência escrava ou mestiça. Dizem os juremeiros que os mestres foram pessoas que, quando em vida, trabalharam nas lavouras e possuíam conhecimento de ervas e plantas curativas. Por outro lado, algo trágico teria acontecido e eles teriam “se passado”, isto é, morrido, encantando-se, podendo assim voltar para acudir os que ficaram “neste vale de lágrimas”. Alguns deles se iniciaram nos mistérios e ciência da jurema antes de morrer [...]. Outros adquiriram esse conhecimento no momento da morte, pelo fato desta ter acontecido próximo a um espécime da árvore sagrada. No panteão juremista existem vários mestres e mestras, cada qual responsável por uma atividade relacionada aos diversos campos da existência humana (cura de determinadas doenças, trabalho, amor...). Há ainda aqueles especialistas em fazer trabalhos contra os inimigos. [...] (BRANDÃO; RIOS, 2001, p. 166-167)

É possível reconhecer muitas características dos mestres juremeiros que se mantiveram na forma como se manifesta Zé Pilintra na Umbanda. Por exemplo, Brandão e Rios informam que “Quando em terra, incorporados, os mestres já chegam embriagados, tombando de lado a lado e falando embolado. São brincalhões, chamam palavrões, mas o que falam é respeitado por todos.” (BRANDÃO; RIOS, 2001, p. 169) Poderia ser usada descrição semelhante para se referir à entidade que é objeto desta pesquisa, amenizando-se a parte da embriaguez, apesar de manter-se de modo fundamental na caracterização da figura o gosto pelas bebidas alcoólicas. Já o clima de descontração e o linguajar informal e jocoso são aspectos de suma importância nas aparições de Zé Pilintra, já que, nas falas dos próprios filhos de santo, são elementos de atração de fiéis à entidade.

3.3 Zé Pelintra na Jurema

Não há consenso nem muitas informações a respeito de quando ou como surgiu o Mestre Zé Pelintra na Jurema. Há muitas histórias que narram a vida de certo homem que teria vivido em variadas cidades do Nordeste, a depender da história, e teria tido contato ou se iniciado na Jurema Sagrada, tendo se tornado mestre após sua morte. As histórias variam, mas a caracterização comportamental do personagem é quase sempre a mesma, e guarda muitas similaridades com a caracterização do Zé Pilintra que é malandro da Umbanda. Apesar disso, a caracterização física é diversa. Monique Augras (1997), tendo a oportunidade de ver fotos de uma incorporação do Mestre Zé Pelintra da Jurema, se surpreende com a diferença nos trajes. A autora descreve que Zé Pelintra, incorporado em mestres da Jurema, estaria

[...] vestindo calça branca, camisa quadriculada e chapéu de palha, indumentária própria de camponês, bem diferente da elegância do frequentador das noites boêmias da cidade, e, conforme depoimento de C. Cruz, no prefácio do mesmo livro: “Eu conheci Zé Pilintra na cabeça de Zé Ribeiro, com chapéu de palha amarrado a fita, pedaço de pau fingindo bengala, sentado no tronco à beira da esteira, fumando cachimbo e jogando cusparada pelo chão” (p. 19) (AUGRAS, 1997, p. 45)

A mesma autora também traz informações a respeito de determinado livro que traria uma explicação de como o Zé Pelintra da Jurema teria ido parar na Umbanda, se tornando o malandro carioca, de aparência tão diversa ao sertanejo catimbozeiro.

A pertença ao catimbó é também enfatizada por Farelli. “Dizem que conhecia tudo sobre os catimbós. Era rezador, macumbeiro [...] andou por Pernambuco, Ceará, Paraíba” (1987, p. 15) até se fixar no Rio, como outros tantos migrantes. Farelli assegura que Zé Pelintra era nativo de Caruaru. “O Zé, gibão de couro, calça branca, alpercatas, lenço no pescoço [...] era mulherengo e femeeiro como só macho do sertão. Cafuné de mulher era seu repouso, quando não estava ao tiroteio bravo, sob a lua nova, ou de facão amolado atrás de cristão” (ibid, p. 13). Vê-se que essa representação de Zé Pelintra incorpora elementos que, no imaginário do Sul, são atribuídos ao famoso estereótipo do “sertanejo-antes-de-tudo-um-forte”, onde a influência dos filmes sobre cangaço parece preponderante. A ligação com o malandro da Lapa não é evidente, e a autora não dá justificativas a esse respeito. (AUGRAS, 1997, p. 45)

Segundo a autora citada por Augras, o contato do Zé sertanejo com o malandro carioca se deu pelo fenômeno da migração de populações do Nordeste

para o sudeste. Interessante notar que a narrativa mítica adotou justificativa realmente plausível para o contato da Jurema com a Umbanda, e da aparição de Zé Pilintra na Umbanda, qual seja, a migração de nordestinos para o sudeste, levando consigo suas práticas religiosas e seus mestres. É possível apreender que houve então uma transformação estética, mas não da ideia do que seria o “malandro”. Mais uma vez, o termo carrega uma definição de um tipo de comportamento, que pode ser encaixado nos mais variados tipos sociais. Portanto, o malandro carioca é mais um dos tipos malandros, mas que permanece sendo a representação hegemônica do malandro na Umbanda. Contudo, como a Umbanda não é uma prática padronizada, e os hibridismos com outras práticas continuaram a ocorrer até os dias atuais, é bastante comum se encontrar em terreiros de Umbanda Zés Pilintras vestidos a caráter do sertanejo nordestino, ou com vestimentas misturadas, num meio termo entre o malandro carioca, evocado pelas cores branca e vermelha, e o Zé Pelintra nordestino, com elementos de vestuário que evocam o sertanejo, como camisa quadriculada, lenço no pescoço, entre outros.

3.4 Zé Pilintra na Umbanda

E como se encerra a narrativa do desfile da escola de samba Acadêmicos do Salgueiro, com o malandro sendo representado de pés descalços sentado riscando um ponto na terra, também se conclui a narrativa deste capítulo: chegando na representação do Zé Pilintra na Umbanda.

Tendo chegado no Rio de Janeiro, e aparecendo nos terreiros com a roupagem do malandro carioca, não se sabe exatamente em que período, o fato é que Zé Pilintra ganhou notoriedade na Umbanda. Ganhou rapidamente popularidade, sendo hoje uma entidade bastante conhecida, e respeitada pelos umbandistas, enquanto temida por muitos não praticantes.

Sua presença na Umbanda evoca elementos que constituem o malandro, como a vestimenta, o cigarro e a cerveja, o modo de falar; porém, a noção de malandragem é ressignificada. Numa religião como a Umbanda, onde o discurso de remissão espiritual e prática de caridade é característica fundamental, Zé Pilintra passa a incorporar em seu discurso elementos relacionados à noção de evolução espiritual. O assunto será aprofundado posteriormente, mas importa, para este capítulo, esclarecer que Zé Pilintra continua sendo o malandro, mas o ambiente

onde se manifesta exige uma adaptação discursiva, onde ele assume a posição de espírito na senda da evolução espiritual, em que seu trabalho como guia serve para que redima suas atitudes condenáveis em vida.

Como bem define Monique Augras,

[...] a duplicidade dessa figura não deixa de chamar a atenção. É pernambucano e cidadão carioca, sertanejo e morador da Lapa, macumbeiro e catimbozeiro, malandro e letrado, pertence aos bas-fond e à alta sociedade. Não há porque escolher uma só direção. (AUGRAS, p. 46)

De tal modo, são múltiplas suas representações e as formas de compreendê-lo, e a figura analisada por este trabalho apresenta aspectos de várias dessas representações. A intenção, nos capítulos seguintes, é compreender como tais elementos se combinam para formar a figura que atrai tantos fiéis e suscita tanta devoção.

4 A CONSTRUÇÃO DA DEVOÇÃO: ZÉ PILINTRA NAS NARRATIVAS DOS FILHOS DE SANTO DO TERREIRO DE UMBANDA CABOCLO GIRAMUNDO E MESTRE ZÉ PILINTRA

O Zé Pilintra e as maneiras singulares de devoção a ele pelos filhos de santo é um dos focos da presente pesquisa. Mais especificamente, neste capítulo, a intenção é analisar, por meio de entrevistas realizadas com os filhos de santo, de que maneiras se desenvolvem os relacionamentos filho de santo-entidade, não só dentro do terreiro como - e especialmente - no cotidiano dessas pessoas. Como ressignificam as histórias e ensinamentos de Seu Zé Pilintra e qual a capacidade de intervenção destes ensinamentos na vida cotidiana e na resolução de problemas.

Para isso, foram realizadas entrevistas com alguns filhos de santo do terreiro, assim como com o pai de santo, com e sem a incorporação da entidade, e com a mãe pequena que é esposa do pai de santo. No total foram entrevistados 16 filhos de santo. As entrevistas foram realizadas em duas semanas do mês de julho de 2016, a primeira metade com recurso de áudio e vídeo, e a segunda metade apenas com recurso de áudio.

Neste sentido, a História Oral se mostra como metodologia profícua para as fontes que auxiliarão a responder as questões da pesquisa.

[...] Entendida como um recurso metodológico fundamental para a produção de fontes que permitam investigar aspectos da “visão de mundo” dos indivíduos envolvidos na produção historiográfica, a história oral produz um material que dificilmente apareceria em outros tipos de fontes. [...] A utilização da história oral, além do fato de poder registrar narrativas às quais de outra forma não teríamos acesso, justifica-se também pelo que ela tem de mais precioso e singular, a subjetividade [...] (ARRUDA e PROENÇA, 2013, p. 259)

A narrativa que cada filho de santo tem para dizer sobre Zé Pilintra é o que mostra a construção da imagem e da sacralização desta entidade dentro do terreiro. Definida sua relevância, é importante lembrar que a narrativa dos entrevistados não se limita a experiências de vida; ainda que suas experiências individuais definam a forma com que delineiam a entidade Zé Pilintra em suas falas e em seu imaginário, em ultimato, estão definindo “alguém” alheio às suas individualidades, uma figura diferente deles mesmos. Além disso, a narrativa é voltada para o período de vivência

do filho de santo dentro do terreiro estudado. O Terreiro de Umbanda Caboclo Giramundo e Mestre Zé Pilintra existe há apenas cinco anos, o que limita a temporalidade em torno da qual giram as narrativas. Ainda que, em determinadas questões, os entrevistados sejam estimulados a narrar suas experiências de vida religiosas, o que implica em recordar desde a infância, o foco principal da pesquisa se situa em acontecimentos recentes. A questão precisa ser mencionada e levada em conta, pois, como afirma Marieta de Moraes Ferreira,

A história do tempo presente, perspectiva temporal por excelência da história oral, é legitimada como objeto da pesquisa e da reflexão históricas; na história oral, o objeto de estudo do historiador é recuperado e recriado por intermédio da memória dos informantes, e a instância da memória passa, necessariamente, a nortear as reflexões históricas, acarretando desdobramentos teóricos e metodológicos importantes [...]. (FERREIRA, 2012, p. 172)

Ou seja, o emprego da História Oral como metodologia para a pesquisa acarreta a reflexão sobre a temporalidade da narrativa. Ao tratar de história do tempo presente, em geral os historiadores se referem a todo acontecimento histórico que ainda possui testemunhas vivas ou, a acontecimentos do século XX até os dias atuais. No caso desta pesquisa, é de fato tempo presente; a temporalidade das narrativas dos entrevistados se afasta cinco anos, uma década no tempo, dificilmente mais do que isso. No entanto, isto não retira a validade histórica do depoimento. Sabemos que a falta de distanciamento histórico não impede a pesquisa e o estudo das compreensões individuais de um fenômeno histórico; afinal

[...] a história do tempo presente é uma história da duração, não do instante, o que permite problematizar historicamente as pesquisas. [...] É, além disso, um tipo de prática que deve estar aberta a mudanças, à acolhida de novos temas e de novas fontes, a fim de poder dar conta da novidade permanente e da dinâmica de seu objeto. (HUFF JÚNIOR, 2008, p. 54)

A metodologia de história oral se revela constantemente nesta pesquisa como escolha pertinente para responder aos questionamentos propostos ao objeto, tendo em vista que o objeto é a própria compreensão e conseqüente narrativa dos filhos de santo a respeito de uma manifestação religiosa singular da Umbanda, a entidade Zé Pilintra. Em múltiplos sentidos, o objeto desta pesquisa é singular e subjetivo; seja ao levar em conta a carga de experiências que cada entrevistado põe em suas interpretações do religioso, seja ao perceber que toda manifestação

religiosa na Umbanda é singular, e ressignificada a cada nova oportunidade de representação. A subjetividade transpõe a história oral, de documento frio e distante, à compreensão familiar dos fenômenos particulares que ocorrem ao longo da história. Assim acuradamente define Verena Alberti que

[...] o que fascina numa entrevista é a possibilidade de tornar a vivenciar as experiências do outro, a que se tem acesso sabendo compreender as expressões de sua vivência. [...] No caso de entrevistas de história oral, ele também requer uma preparação criteriosa, que nos transforme em interlocutores à altura de nossos entrevistados, capazes de entender suas expressões de vida e de acompanhar seus relatos. Mas, [...] o tornar a vivenciar a experiência do outro nunca será completo. A compreensão é um processo de elevado esforço intelectual que jamais chega ao fim, diz Dilthey. [...] Observe-se que esse “jamais chegar ao fim” a que está fadada a compreensão também está na base do fascínio da história oral. Como nenhuma interpretação é completa, haverá sempre espaço para novas possibilidades, que, novamente, não darão conta da totalidade, e assim por diante. [...] (ALBERTI, V., 2004, p. 18-19)

Assim, o esforço principal desta pesquisa é sempre procurar compreender um pouco mais as narrativas destes entrevistados, e descortinar novas possibilidades de compreensão de um fenômeno histórico, nunca se esquecendo de ser sensível às vivências do outro, seus relatos e seus silêncios.

A coleta de entrevistas se revelou um trabalho que exige flexibilidade. Antes de iniciar as entrevistas, foram feitas pesquisas online com os filhos de santo, com questões sobre há quanto tempo frequentam o terreiro, e de qual religião vieram, na tentativa de categorizá-los para separar as pessoas que seriam entrevistadas. Foi preparado o material, e foram tentados contatos para organização de um cronograma de entrevistas baseado nos resultados das pesquisas online. No entanto, a liderança do pai de santo prevaleceu. Pai Marcos de Ogum decidiu criar um cronograma e “convocar” os filhos de santo a preencher os horários definidos do cronograma, que previa cerca de 30 minutos por entrevista, e apenas repassou à pesquisadora o cronograma preenchido na véspera do primeiro dia de entrevistas, ao qual apareceram todos os presentes no cronograma elaborado pelo pai de santo. Respeitando sua liderança dentro do terreiro, aceitei sua determinação, e entrevistei os filhos de santo na quantidade definida por ele e na sua ordem. Portanto, a organização prévia e a expectativa de quantidade e tempo das entrevistas se modificaram totalmente. A vontade do pai de santo era a de que todos os filhos de santo do terreiro fossem entrevistados. Esta tarefa, no entanto, não foi possível, e

nem é o objetivo da pesquisa, já que o terreiro contava, no início da pesquisa, com quase 60 filhos de santo ativos, e hoje conta com cerca de 45 filhos de santo ativos, números elevados que tornariam a pesquisa uma empreitada muito maior do que o planejado. Nestes fatos, é possível apreender o exercício da liderança exclusiva do pai de santo, e as formas como ele se esforça para criar o discurso que ele acredita ser o melhor para a instituição que ele representa. Não encontrei outra solução para esta situação a não ser aceitar os desígnios do pai de santo, haja vista que a aceitação da pesquisa no terreiro, assim como uma entrevista com ele era essencial para a pesquisa, e sua realização estava condicionada à vontade do mesmo. É interessante pensar que, mesmo sendo Pai Marcos de Ogum um líder umbandista mais aberto a uma pesquisa acadêmica, sendo inclusive entusiasta das entrevistas com os filhos de santo e filmagens das giras, o é de forma bastante controlada. Não proíbe os empreendimentos acadêmicos, mas interfere de forma a obter o máximo possível de controle sobre o que está sendo pesquisado.

4.1 Conhecendo Seu Zé e as Regras do terreiro: sobre o controle do institucional do discurso dos filhos de santo

Relacionado à questão da autoridade e liderança do pai de santo está o resultado de uma das perguntas do roteiro de entrevistas, que parece demonstrar a tentativa da criação de um discurso institucional. A questão é responsável por tentar resgatar, nas primeiras impressões dos filhos de santo assim que tiveram contato com a entidade Zé Pilintra, suas opiniões e reações quanto ao caráter da entidade (modo de falar, agir, aparência). A pergunta foi elaborada considerando que o trânsito entre o sagrado e o profano que esta entidade em particular realiza chama a atenção, por ser desviante do padrão de sagrado que a Igreja Católica e as religiões cristãs em geral padronizaram, religiões essas das quais veio a grande maioria dos filhos de santo. Ao questionar: “qual foi sua primeira impressão assim que conheceu Zé Pilintra?”, a expectativa era de que as respostas trouxessem luz a um dos pontos a ser investigado na pesquisa, que é a forma como os filhos de santo enxergam a ambiguidade sagrado/profano da entidade. Ao solicitar que os entrevistados recordassem uma primeira impressão, o que se esperava era encontrar pistas da compreensão dessa particularidade do sagrado de Zé Pilintra. No entanto, o resultado foi praticamente unânime; todos os entrevistados, exceto um, não deram

sinais de estranhamento ou surpresa em relação à entidade; seus discursos foram muito parecidos, e tinham um caráter de exaltação à entidade. Apenas um entrevistado se desviou de tal padrão. A seguir, serão analisadas mais pormenorizadamente as respostas à pergunta “qual foi sua primeira impressão assim que conheceu Zé Pilintra?”

Nossa, foi fantástica, assim, né, eu acho assim, que ele falando com a gente, conversando com a gente, assim, é, ele contou muitas coisas das nossas vidas, assim, da nossa... das nossas relações, né, minha, do meu irmão, da... das pessoas que vivem junto, né... assim, a gente viu que é, que ele conhecia bem a gente, né, e assim, transmitiu muita segurança pra gente assim. Nossa, eu fiquei muito feliz, assim, quando eu conheci o Seu Zé, assim. (MARQUES, 2016b)

Como é possível perceber por este trecho da entrevista com uma das mães pequenas, Vera (MARQUES, 2016b), a característica mais ressaltada em Zé Pilintra, e que deu a ele a credibilidade aos olhos de Vera, foi sua capacidade de enxergar a vida dela e das pessoas que a rodeiam. O fato de saber sobre a vida da mãe pequena sem que ela a contasse demonstrou, em sua visão, que ele a conhecia. Que ele já a estava acompanhando. E esta capacidade de Seu Zé Pilintra de dizer coisas que não foram reveladas a ele comprovou que ele não era uma entidade enganosa, mal-intencionada. Assim, o sentimento demonstrado por Vera foi segurança. Lembrando que, como uma das fundadoras do terreiro e irmã biológica do pai de santo, Vera já acompanhava o irmão no antigo terreiro que ele frequentava, e conheceu Zé Pilintra desde as primeiras incorporações dele em Pai Marcos. Portanto quando conheceu Zé Pilintra, não foi só novidade para ela, mas para todos à volta, inclusive para o cavalo²⁴, o pai de santo Marcos de Ogum.

Em seguida, temos a resposta de Cleusa (SILVA, 2016), que evoca o caráter de uma escolha especial. Que Zé Pilintra a teria escolhido, dentre tantos, e sirva para ela como um guia. Se relacionando ao discurso kardecista, essa definição de “espírito de luz” tem a intenção de conferir a Zé Pilintra a característica de evoluído.

Eu tenho uma relação com Seu Zé Pilintra, é... pra mim ele é um espírito de luz. Pra mim ele é o espírito de luz que me guia. É como se ele... é como se ele tivesse me escolhido, pra... assim, pra me... pra me mostrar. Esse espírito de luz. (SILVA, 2016)

²⁴ “Cavalo” é na Umbanda uma das formas de chamar o médium que incorpora as entidades.

Já o próximo depoimento, de Jonathas (RAMOS, 2016), revela uma visão diferente da entidade:

A primeira vez que eu entrei naquele quartinho e vi o Seu Zé, eu fiquei com medo, né. Eu fiquei com medo. Porque a gente sempre tinha aquela ideia que o Zé Pilintra, né, era uma coisa ruim, né. Que era uma entidade malvada, tal. Mas, nos 10 primeiros minutos de conversa com Seu Zé Pilintra, eu já fiquei mais tranquilo, e parecia que eu conhecia ele há muito tempo já, né. Tanto que eu sempre senti um cheiro muito forte de cigarro na minha casa. E era, geralmente era de madrugada. Por volta das três horas da manhã eu acordava, e tinha um cheiro de cigarro forte, forte, forte, e eu falava pra minha esposa, eu falava: "amor, eu acho que tem alguém fumando dentro de casa". E eu saía do quarto e não tinha nada, não tinha cheiro. E no quintal não tinha cheiro. E dentro do meu quarto tinha cheiro de cigarro. Eu achava que tinha bituca, alguma coisa, e não era. Daí quando eu perguntei pro Seu Zé, ele disse que era ele, que há muito tempo já me rondava, pra mim conhecer, pra falar com ele, né. Então, daí quando ele falou isso, ele me tranquilizou, porque daí esse medo foi embora, entendeu? Que ele já tava, é... sabe no futebol, não tem uns olheiro? Que fica vendo a molecada jogar. Então, o Seu Zé é mais ou menos assim. Ele fica vendo quem que... quem que dá, e quem não dá, pra puxar, né. E às vezes, um ou outro fica, e outros acabam saindo. (RAMOS, 2016)

Dentre todos os entrevistados, ele foi o único a dizer que sentiu medo. O mais interessante é a forma como Zé Pilintra tentava se fazer visto no cotidiano de Jonathas, segundo sua fala. O instrumento que a entidade usava era seu cigarro, parte fundamental da caracterização de sua incorporação. Por fim, o entrevistado faz um paralelo com a vida cotidiana, ao colocar Seu Zé numa posição de olheiro espiritual, na qual ele teria a tarefa de observar silenciosamente seus potenciais filhos de santo, não só no terreiro, mas sobretudo, no cotidiano.

Outra questão que chama a atenção na narrativa por não ter tido desvios, foi a pertinente aos que saem do terreiro. Ao questionar se o entrevistado conhecia alguém que saiu do terreiro, e se sim, saberia dizer o porquê, as respostas obtidas todas tiveram o mesmo padrão. De forma geral, os entrevistados falaram positivamente da hierarquia do terreiro e responsabilizaram os que saíram por desobedecer e/ou não gostar de regras definidas e justas. Se referiam às regras no sentido de que há ordem no local, citando que as pessoas que não se sentem satisfeitas assim encontram seu lugar em terreiros onde “tudo pode”. Citaram também boas energias com relação ao terreiro. Uma descrição comum fala da rigidez e pulso firme do pai de santo Marcos de Ogum, que comanda o terreiro com severidade. No entanto, os erros sempre recaem sobre “o outro”. Aquele que saiu é quem não fez as coisas certas, quem tomou as decisões erradas.

O filho de santo Ricardo (GARCIA, 2016), mesmo corroborando com esse discurso geral sobre o terreiro e a autoridade do pai de santo, dá a entender em determinado momento que não concordava no passado com a rigidez das regras do terreiro, quando diz “*Hoje eu entendo que pra você manter um terreiro em pé, o trabalho na linha, rígido, ele precisa ser feito ou você vai ter uma coisa de qualquer jeito*” (GARCIA, 2016), sugerindo que no passado não tenha entendido.

Os filhos de santo fundadores do terreiro têm opiniões veementes com relação às regras. Nadjanara (MORÁS, 2016), outra mãe pequena do terreiro, ao responder uma questão relativa ao que tinha mudado ou não no terreiro desde o início, diz:

O Pai, ele é extremamente organizado, né [risos], ele é muito certo das coisas, assim, e se é regra, é regra. Então, assim, desde o começo nós já tínhamos regras. Só que, é claro que no começo nós éramos assim, seis, depois foi pra dez... então, assim, é... foi surgindo a necessidade de criar outras regras, né. Então, isso sim foi evoluindo. Mas eu acho que assim, o principal, que foi, é... acordado lá no começo, isso se manteve sim. Mas teve umas mudanças por causa do... desse... dessa necessidade, assim, porque o centro se ampliou, né. Então, em um ano, nós tínhamos a gira lá, naquele pedacinho assim, né. Em um ano nós construímos esse lado de cá, né. E agora já construímos o dobro, então, isso requer que a gente tenha, né, mais, né, mais regras, assim, de organização mesmo. Mas assim, o que foi estipulado na questão espiritual, isso se manteve e se mantém, sempre, né. (MORÁS, 2016)

Mais uma vez a organização do pai de santo é citada. Segundo ela, quanto mais espaço e mais filhos de santo, maior a necessidade de regras para que funcione. Porém as definições espirituais, como a forma de trabalho com as entidades, não precisam ser adaptadas da mesma forma que as regras de convívio, como as vestimentas exigidas aos filhos de santo, horários de saída e chegada, contribuições financeiras ao terreiro, entre outros. Edilson (RAULINO, 2016), outro filho de santo fundador, esposo de Vera, portanto, cunhado do pai de santo, vai mais além em seu discurso a favor das regras:

Se não tiver regras, o ambiente não funciona, o centro não... não funciona. E eu não sou contra. Tá certo, às vezes, tem gente que fala: "ah, mas Pai Marcos exagera demais", mas tem uns que faz... não é que ele exagera, é que tem uns que faz... provoca ele ser mais enérgico, sabe? Mas, eu não tenho nada contra, não. Não é porque eu sou da família, né, mas eu... eu... se o ambiente não tiver alguém pra comandar, não vai funcionar. Entendeu, então, tem que ter alguém pra mandar. E tem que ter regra, senão vira bagunça. Entendeu, e aqui eu acredito que nosso desenvolvimento, dos filhos... tanto dos filhos, como a assistência, que cada dia mais cresce, mais gente procurando o ambiente, é pela... pelo caráter, principal do pai, da

mãe, e pela honestidade, e pelos bons trabalhos que o centro vem produzindo. Tanto é por isso que o nosso centro hoje tá, graças a Deus, bem comentado dentro da cidade. [...] Só fala mal aqueles... o que não presta mesmo, porque quem não presta não tá aqui, você pode ter certeza! É verdade! Desculpa falar, mas todos que saíram falando mal, se você puxar o histórico deles, é tudo, que eles queriam coisas assim, que não cabia à religião, ao caráter da gente fazer. É prejudicar alguém, é pedir alguma coisa que não tem lógica, sabe? (RAULINO, 2016)

Edilson é categórico ao afirmar que os trabalhos religiosos do terreiro só funcionam com regras e pulso firme. Não hesita em afirmar sua concordância com a atitude de Pai Marcos de Ogum. Inclusive, traz um novo elemento ao assunto, o caráter e valor daqueles que deixaram o centro. Afirma que essas pessoas “não prestam” e não eram bem-intencionados. Percebe-se aqui um padrão, de exaltar o terreiro em questão, e desqualificar aqueles que decidiram, por um motivo ou outro, deixar este terreiro.

Uma única variação discreta do discurso aparece na fala da filha de santo Juliana (SOARES, 2016). Ela nasceu e cresceu dentro da Umbanda, pois seus avós tinham um terreiro no Rio de Janeiro. Por isso, ela liga a organização do terreiro Caboclo Giramundo e Mestre Zé Pilintra a uma característica regional e a uma “evolução” da Umbanda.

Aqui... é, inclusive uma coisa que a minha mãe conta, que a minha mãe, ela... ajudava lá também [no terreiro dos avós da entrevistada, no Rio de Janeiro], até... até uma certa idade ela ajudava lá. E ela dizia... e ela diz que aqui é bem mais organizado do que era lá. Porque lá, as vezes, eram várias entidades, uma junto com a outra, diferentes, e... não tinha toda essa organização, de vir o guia chefe, de ir incorporando cada um, organizando eles... era tudo meio que... na bagunça, as vezes. Mas é... eu acho que é a própria evolução... é a evolução da própria Umbanda, né, que foi que... trouxe toda essa organização pra cá, e também regionalidade, porque lá é um tipo de Umbanda, aqui já é outra! (SOARES, 2016)

Analisando os depoimentos, é possível perceber um discurso em comum sobre as regras e sobre Pai Marcos. Os entrevistados sempre admitem que há regras, mas é sempre o “outro” que se incomoda, nunca o interlocutor. O entrevistado sempre afirma que concorda com as regras. Já a respeito da primeira impressão sobre a entidade Zé Pilintra, o que predomina são afirmações genericamente positivas.

Esta questão pode ser compreendida por meio da explicação de Pollak sobre o “não-dito” das memórias coletivas, a qual

[...] Essa tipologia de discursos, de silêncios, e também de alusões e metáforas, é moldada pela angústia de não encontrar uma escuta, de ser punido por aquilo que se diz, ou, ao menos, de se expor a mal-entendidos. [...] A fronteira entre o dizível e o indizível, o confessável e o inconfessável, separa, em nossos exemplos, uma memória coletiva subterrânea da sociedade civil dominada ou de grupos específicos, de uma memória coletiva organizada que resume a imagem que uma sociedade majoritária ou o Estado desejam passar e impor. (POLLAK, 1989, p. 8)

Portanto, é necessário lembrar que, a todo momento, o discurso do pai de santo do terreiro está influenciando o discurso pessoal destes indivíduos. Mesmo suas memórias que antecedem seu trabalho dentro do terreiro, sejam elas ditas ou omitidas, passam pelo crivo do que deve ou não fazer parte da “imagem oficial” da Umbanda praticada no terreiro. As ambiguidades entre o sagrado e profano na representação de Zé Pilintra são deixadas em detrimento de um discurso que destaca características positivas da entidade, como sua “boa energia” e sua infalibilidade nas questões cotidianas dos filhos de santo.

Quanto às características do terreiro, por mais que os filhos e o pai de santo reafirmem a importância das regras da casa, a prática religiosa não está confinada ao terreiro e ao momento da gira; as entidades aparecem em muitos outros locais e situações, seja incorporando ou intuindo. “[...] Os limites institucionais parecem pouco significativos diante do enorme campo que recobre a atuação das entidades [...]” (CARNEIRO, 2012, p. 137)

4.2 Aprofundando-se nas narrativas dos filhos de santo: as entrevistas em categorias de análise

As entrevistas feitas com os 16 filhos de santo abordaram diversos assuntos, e a seleção de entrevistados, ainda que feita pelo pai de santo, permitiu uma variedade de perfis diferentes a serem analisados. Portanto, para analisar os diversos assuntos das entrevistas e traçar um perfil dos entrevistados, alguns aspectos foram enumerados e contabilizados em tabelas. Desta forma, é possível entender melhor os tipos de narradores e narrativas que são criadas no interior do terreiro estudado a respeito da entidade Zé Pilintra. As categorias selecionadas para contabilizar e traçar o perfil dos entrevistados foram: religião de origem, grau de instrução, idade, e contato com a Umbanda. Tendo a compreensão de quem são essas pessoas, as próximas categorizações tiveram a intenção de agrupar os

discursos em comum a respeito de determinado assunto. Para isso, as categorias foram criadas com base nas perguntas feitas aos entrevistados. Sendo assim, a categoria “motivação para procurar a Umbanda” derivou seus resultados da pergunta “Por que entrou para a Umbanda?” ou “Conte um pouco sobre o que te levou a Umbanda”. Já a categoria “Conhecia Zé Pilintra antes de frequentar o terreiro” deriva de pergunta homônima, e a categoria “Tipos de pedidos feitos a Zé Pilintra” deriva do pedido para que os entrevistados contassem alguma história em particular de suas vidas que envolvesse a intervenção da entidade Zé Pilintra. É importante salientar que o objetivo das categorizações não é uma tentativa de “padronização” das respostas, mas uma forma de melhor compreender os discursos, melhor organizar a análise. Afinal, pelas palavras de Portelli, “[...] quando a voz do pesquisador é cortada, a voz do narrador é distorcida.” (PORTELLI, 1997, p. 36). Ou seja, é importante dar atenção às perguntas feitas, ou então à interpretação das respostas poderá ser enviesada.

Tabela 1 – Perfil dos entrevistados: Religião frequentada desde a infância

Religião frequentada desde a infância	Qtde. de entrevistados por opção
Catolicismo	12
Kardecismo	2
Umbanda	2
Protestantismo (definida apenas como “evangélica”)	1
Nenhuma	1
TOTAL DE ENTREVISTADOS	16
TOTAL DE OPÇÕES	18

Fonte: o próprio autor.

O resultado numérico desta categorização ultrapassa a quantidade de entrevistados. Isto porque alguns entrevistados declararam mais de uma religião de origem, como por exemplo o filho de santo que fez a formação católica (batizado, primeira comunhão, crisma) porém seus pais frequentavam o centro espírita, e ele conseqüentemente também frequentava. Pelas falas dos filhos de santo pode-se perceber que mesmo professando a Umbanda, e se dizendo satisfeitos com sua

religião, eles dão importância ao rito católico e à formação católica. Esta importância parece vir mais do âmbito social, afinal aquele que não tem a formação tradicional católica é quase um pária em determinados eventos sociais, como por exemplo casamentos. Já no âmbito filosófico, espiritual, não têm dúvidas em escolher a Umbanda. Esta visão se mostra comum entre os filhos de santo mais velhos, mas parece estar em vias de se modificar com os filhos de santo mais novos. Um exemplo é a fala da filha de santo Angela (DIAZ, 2016), que frequenta o terreiro desde seus primórdios. Ao ser questionada a respeito da vida da entidade Zé Pilintra, a parte que a entrevistada julgou importante de ser lembrada foi o fato de que ele teria sido católico. Com isso, a entrevistada pôde traçar um paralelo com uma situação familiar que estava vivendo.

Ele fala da vida dele, foi boêmio demais, né. E eu acho interessante, assim, que o Seu Zé, ele sempre... as histórias que ele conta, que eu levo bem em conta isso, que ele frequentava a Igreja. Todos os domingo ele tava na Igreja. Então, é... quando, o centro aqui permitiu que as nossas crianças fizessem catequese na Igreja Católica, né, eu... a minha filha, eu falei pra ela: "Você quer fazer? Você vai, né." "Mas mãe, não pode, eu sou umbandista, como é que eu vou fazer no catolicismo". Falei assim: "Não, mas o Seu Zé frequentava. O Seu Zé, né, permite". Mas, de maneira alguma, ela não quer ir na catequese. Então, uma das histórias assim, que ele fala, que eu me surpreendi, que, apesar de todos, né... ser espírito de luz, ele ter voltado na religião umbandista ou até no Candomblé, porque ele vem, ele tem um pezinho lá, no sincretismo, né. Tem a adoração a algum santo, alguma mamãe Oxum, né. (DIAZ, 2016)

Parece haver aqui um conflito geracional, onde a mãe, que nasceu e cresceu dentro do catolicismo, e encontrou a Umbanda depois de adulta, não vê a religião da mesma forma que a filha, que convive dentro da Umbanda desde muito cedo. Para a entrevistada, a mãe, parece existir um questionamento da validade da Umbanda enquanto religião institucionalizada, enquanto que para a filha não há dúvidas quanto à essa validade. Neste contexto, a fala de Zé Pilintra não está sendo usada para afirmar a importância da Umbanda, mas, ao contrário, a apropriação que a entrevistada fez da fala da entidade serve o propósito de demonstrar seu ponto de vista, que se relaciona com a ideia de que a Umbanda seria uma prática de resolução de problemas, mas falharia enquanto religião institucionalizada, papel que, neste cenário do problema que a entrevistada citou, seria preenchido pela Igreja Católica.

Tabela 2 – Perfil dos entrevistados: Grau de instrução

Grau de instrução	Qtde. de entrevistados por opção
Ensino básico	10
Ensino superior	6
TOTAL DE ENTREVISTADOS	16
TOTAL DE OPÇÕES	16

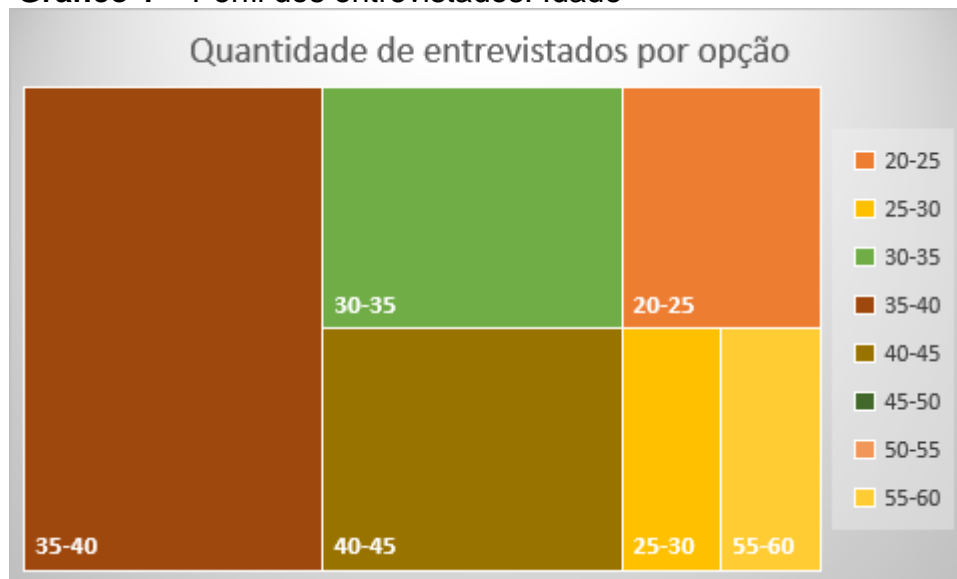
Fonte: o próprio autor.

A função desta categoria é principalmente melhor compreender a classe social e tipo de discurso dos filhos de santo. Para isso, os entrevistados foram divididos nas categorias “ensino básico” e “ensino superior”. Como “ensino básico” me refiro à educação de níveis fundamental e médio. Não é feita uma distinção mais fina entre as séries do ensino, optando por essa classificação mais geral, pois o foco do trabalho não é esse, mas é interessante chamar a atenção para o grau de instrução, pois este acaba refletindo no discurso do filho de santo. Por “ensino superior” quero dizer todos os níveis de ensino não obrigatórios, desde a graduação até o doutorado. Sendo assim, os que portam ensino básico acabam tendo menor poder aquisitivo, vivendo da informalidade ou de vários empregos, e seu discurso tem um caráter mais pessoal e coloquial. Já os filhos de santo que possuem algum nível superior de ensino representam parcela dos filhos de santo que tem maior poder aquisitivo, e uma carreira profissional consolidada. Isto se reflete nas entrevistas, quando o entrevistado utiliza de sua carreira para adotar um discurso mais formal e intelectualizado, em alguns momentos falando de forma instrutiva, “professoral”, usando jargões e conhecimentos específicos de sua área como crédito intelectual e discursivo sobre a entrevistadora, como pode ser observado com mais ênfase nas falas de Cleusa (SILVA, 2016), Rodrigo (BASGAL, 2016), Ricardo (GARCIA, 2016), e com menos ênfase nas falas de Nadjanara (MORÁS, 2016).

Tabela 3 – Perfil dos entrevistados: Idade

Idade	Qtde. de entrevistados por opção
20-25	2
25-30	1
30-35	3
35-40	6
40-45	3
45-50	0
50-55	0
55-60	1
TOTAL DE ENTREVISTADOS	16
TOTAL DE OPÇÕES	16

Fonte: o próprio autor.

Gráfico 1 – Perfil dos entrevistados: Idade

Fonte: o próprio autor

Pela categoria “idade” é possível ter uma compreensão maior de qual é o público que procura o terreiro e a ajuda de Seu Zé Pilintra, e entender sua relação com a entidade, os tipos de pedidos que fazem, enfim. Pela amostragem dos entrevistados, é possível perceber que a maior parte dos filhos de santo tem entre 35 e 40 anos. Não só isso, mas como o pai de santo Marcos de Ogum e sua esposa, a mãe pequena Fabiani, também são dessa faixa etária, ou seja, é um significativo indício de que os trabalhos do terreiro e de Seu Zé Pilintra representam uma forma

de resposta aos anseios desta geração de pessoas. Complementando a reflexão, percebe-se também, que não só a maioria dos entrevistados, assim como os líderes do terreiro, pertencem a uma faixa etária jovem, como a maioria dos filhos de santo é da mesma idade ou mais jovem. Apenas 3 entrevistados estão entre os 40 e 45 anos, o que não representa um desvio tão grande da idade da maioria. Já, dos 20 aos 35 anos, temos 5 filhos de santo, quase um terço dos entrevistados. E apenas uma entrevistada na faixa acima dos 55 anos.

Tendo em vista estes dados, cabe a reflexão: quais seriam as influências efetivas desse público alvo específico na construção da figura e do discurso de Zé Pilintra? Espero responder com as próximas categorias de análise.

Tabela 4 – Perfil dos entrevistados: Contato com a Umbanda

Contato com a Umbanda	Qtde. de entrevistados por opção
Pertence desde criança	2
Teve contato quando criança	3
Conheceu depois de adulto	10
Não respondeu ²⁵	1
TOTAL DE ENTREVISTADOS	16
TOTAL DE OPÇÕES	16

Fonte: o próprio autor

Nesta categoria estão divididos os entrevistados pelo período em que tiveram contato com a Umbanda, fato que influenciou na visão e discurso que tem a respeito da Umbanda e da entidade Zé Pilintra. A grande maioria conheceu depois de adulto, e suas narrativas são quase exclusivamente ligadas ao terreiro de Umbanda Caboclo Giramundo e Mestre Zé Pilintra. Por isso, suas narrativas com relação a isso não serão analisadas nesta categoria, pois estarão contempladas nas categorias seguintes. Nesta, serão destacadas as experiências desviantes da

²⁵ Nesta e nas próximas tabelas, há esta opção “não respondeu”. Existem duas justificativas para a existência de tal categoria. Algumas questões, como esta e a questão relativa a pedidos feitos a Zé Pilintra, não foram feitas diretamente, mas foram elaboradas de forma mais aberta, de forma a suscitar uma fala mais livre dos entrevistados. Assim, ficou aberta a interpretação a resposta dos entrevistados, sendo que alguns deles, por timidez, nervosismo, acabaram não respondendo diretamente à questão. Nas questões onde as opções de resposta são “sim” ou “não”, que foram feitas diretamente, a existência de tal categoria se deve ao fato de que, no primeiro dia de entrevistas, por conta de mudanças de planos e tempo para as entrevistas, imprevistos já citados anteriormente, acabou se olvidando tal questão para alguns entrevistados.

maioria. No caso, a categoria “pertence desde criança” implica participar de cerimônias umbandistas desde criança. Nesta categoria há apenas uma filha de santo, já abordada anteriormente, Juliana (SOARES, 2016). Ela conta:

Os meus avós, eles tinham um terreiro de Umbanda, só que como eles moravam no Rio de Janeiro e a gente morava aqui em Foz então eu frequentava muito pouco. Mas... passe, incorporação, essas coisas, é desde pequenininha. Inclusive, eu fui batizada na Umbanda e não fui batizada na Igreja Católica. (SOARES, 2016)

Em sua fala, Juliana revela já ter familiaridade com as práticas umbandistas (o passe e a incorporação). Portanto, sua fala em outras questões pouco surge de um ambiente de estranheza, diferente do que pode ser observado com todos os outros filhos de santo.

A próxima categoria desviante da maioria, “teve contato quando criança”, não tem a ver com participação efetiva de cerimônias umbandistas, mas, de alguma forma, presenciar práticas que o entrevistado é capaz de ligar com a prática umbandista. Deste modo, são destacados os seguintes depoimentos:

A minha família é da... da religião católica, só que a minha mãe, ela sempre foi, assim, atrás de, é... quando a gente ficava doente, quando a gente era criança, um pouco maior, minha mãe ia lá... ia atrás de tudo, então, ela ia, é... atrás de benzedora, ela... eu já tinha sido, é... passado por uma cirurgia num terreiro de Umbanda, quando acho que eu tinha uns, uns 20 anos, assim, eu conhecia, mas eu tinha um pouco de medo, assim [...]. (MARQUES, 2016b)

A mãe pequena Vera (MARQUES, 2016b), irmã de pai Marcos de Ogum, lembra do contato que teve na infância com “benzedoras”, que em seus trabalhos de cura se utilizam de um hibridismo de elementos de várias religiões, como a Católica e também a Umbanda, além de conhecimentos populares de cura. Sua mãe, também mãe biológica do pai de santo, apesar de católica, tinha por costume buscar ajuda nessas formas menos rígidas de contato com o sagrado e a cura. Vera também recorda que no início da vida adulta recebeu cura em um terreiro de Umbanda por meio de uma “cirurgia”. Pela fala, é possível compreender que Vera manteve o costume de sua mãe, de nos momentos de necessidade, em especial em casos de doença, acreditar numa maior eficácia de práticas religiosas não tradicionais. Sendo assim, apesar do medo sentido, procurava a ajuda da Umbanda em detrimento da ajuda de sua religião de origem, o catolicismo.

Eu cresci vendo uma vizinha minha que era cartomante, e ela saía na rua, descia a pombagira nela. Então, eu cresci vendo pastores dando espada de São Jorge nela pra ela voltar ao normal. (GUELERE, 2016)

A filha de santo Carla (GUELERE, 2016) se recorda do contato cotidiano com uma vizinha que incorporava a entidade pombagira. Sua lembrança traz à tona não só a presença da religiosa, mas a forma hostil com que era tratada. Carla relata que era comum ver pastores agredindo a religiosa com uma planta muito usada em rituais religiosos, popularmente conhecida como “espada de São Jorge”, na esperança que a mesma voltasse ao “normal”, saísse do transe de possessão. Esta relação dos pastores e das igrejas evangélicas com a Umbanda, que alimenta o aumento do preconceito em relação às práticas religiosas afro-brasileiras, acontece em um trânsito de crenças e práticas, no qual as igrejas evangélicas se apropriam das práticas umbandistas para ressignificá-las como demoníacas. No entanto, ao se apropriarem, reafirmam a validade das práticas²⁶.

Tabela 5 – Motivação para procurar a Umbanda

Motivação para procurar a Umbanda	Qtde. de entrevistados por opção
Questões espirituais	6
Respostas a questões filosóficas	4
Interferências de amigos / familiares	4
Problemas pessoais	3
Ter contato com certa entidade	1
Interesse cultural	1
Não respondeu	2
TOTAL DE ENTREVISTADOS	16
TOTAL DE OPÇÕES	21

Fonte: o próprio autor

Nesta categorização, foram elencados, de forma generalizante, os motivos que os entrevistados dão para sua entrada na Umbanda. Ao responderem à pergunta “Por que entrou para a Umbanda?” ou então “Conte um pouco sobre o que

²⁶ Quem se aprofunda nessa discussão é Ari Pedro Oro, em seu artigo intitulado O Neopentecostalismo “Macumbeiro” (2006).

te levou a Umbanda”, os entrevistados citavam seus motivos, que muitas vezes eram parecidos aos de outros filhos de santo. De uma forma geral, estas opções elencadas conseguem representar a grande parte de motivos que levam as pessoas a procurar a Umbanda, e mesmo a amostragem de filhos de santo que me concedeu entrevista conseguiu refletir bem o cenário geral dos que procuram esta religião. Esmiuçando as categorias, temos como a mais citada, “questões espirituais”. Esta definição geral é utilizada para elencar aquelas respostas de filhos de santo relacionadas a problemas com a mediunidade. Ver e falar com espíritos, sentir incômodos, fazer e falar coisas das quais não se recorda, ter sensações extraordinárias. Todas essas queixas estão categorizadas dentro das “questões espirituais”. Como explica o filho de santo Rodrigo (BASGAL, 2016):

É... são coisas que a gente sente, pelo menos no meu caso, sentia desde pequeno, de uma certa ligação com algum... um outro plano, que a gente chama, né? E... como eu sentia necessidade, né, e eu tinha conhecidos aqui, eu fui convidado e acabei ficando, me encontrei, e acabei ficando por aqui. (BASGAL, 2016)

Esta ligação com um outro plano, que no caso seria um plano espiritual, explicada evasivamente por Rodrigo, era detalhada pelos outros entrevistados como ter sonhos estranhos, ver vultos, ouvir vozes. Quando se deparam com estes fenômenos, muitas pessoas recorrem às religiões mediúnicas, e a Umbanda é uma delas. Na Umbanda desenvolvem sua mediunidade trabalhando como cavalos de santo, e assim controlam os problemas que os fenômenos sobrenaturais causam em seu cotidiano.

Em seguida, temos a categoria “respostas a questões filosóficas”. Pode-se dizer que este é um dos motivos mais comuns na busca por religiões de um modo geral. Nesta categoria, elenquei os filhos de santo que expressaram que sua antiga religião (na maioria dos casos religião que frequentavam por imposição, e não escolha) não era capaz de responder suas questões sobre a vida, ou que na Umbanda encontraram respostas a questões que os incomodavam.

Eu não era uma pessoa que se dizia muito praticante [do catolicismo], pra mim faltava muitas lacunas, assim, de... de algumas explicações, e até, com relação a nossa vida em si, então, o por quê a gente vive, por quê a gente tá aqui. E quando eu entrei no... comecei a frequentar o centro de espírita kardecista eu entendi que tinha muito mais que poderiam nos, nos explicar ou nos mostrar, e por convite de um amigo eu vim conhecer esse terreiro. E

foi quando eu entendi que aqui a... o espiritismo, né, é mais prático, mais direto. Ele levava a informação que a gente... nós por vezes procurávamos, de uma maneira um pouco mais rápida, sem muita metáfora ou muito desenho, e... e me lembro, inclusive, de uma frase, que foi o próprio Seu Zé Pilintra que me disse, que enquanto a gente tá nos centros kardecistas, por vezes, estudando muito pra daí fazer uma prática espiritual, no centro de Umbanda se você nasceu um médium, você vem e pratica já de forma mais rápida, e acaba desobstruindo muitos canais. (GARCIA, 2016)

O filho de santo Ricardo (GARCIA, 2016), membro antigo do terreiro, e pessoa com formação universitária, que trabalhava na área do ensino, adotou em várias partes de seu depoimento um tom intelectual, e suas respostas tinham o sentido de instruir a respeito da Umbanda e do kardecismo. Este tom pode ser percebido pelos termos específicos que usa, pela forma polida como se expressa. Como visto na sua fala, ele passou pelo kardecismo em sua jornada religiosa, antes de ingressar na Umbanda. Sua busca se iniciou pela necessidade de encontrar respostas para a vida. No Kardecismo encontrou as respostas, mas na Umbanda encontrou a prática ensinada no kardecismo. Nadjanara (MORÁS, 2016), mãe pequena do terreiro, chegou à Umbanda por uma busca semelhante.

Sempre fui católica, até eu descobrir uma... e, mas muitas coisas assim eu não conseguia achar respostas, né. Uma delas assim que mais me intrigava, é, eu trabalho com educação especial, com surdos. E aí eu não conseguia, assim, entender o porquê que algumas pessoas, né, nascem daquele jeito, tinham que passar por aquelas situações e outras... não que seriam melhores, mas, talvez mais fácil, né, e... e aí, assim, isso sempre me intrigou muito e eu não conseguia achar essa resposta, assim, na Igreja Católica, então, aí... e aí foi também essa questão minha da mediunidade, né. Então, eu, aí fui, comecei a... a frequentar. (MORÁS, 2016)

É interessante notar as semelhanças entre Ricardo e Nadjanara. Ambos tem faixa etária próxima (de 35 a 40 anos), e ambos possuem ensino superior e trabalham na área do ensino. Portanto, é possível perceber que há um certo perfil para cada motivação de busca da Umbanda. Enquanto os incômodos que levaram Ricardo e Nadjanara a buscar a Umbanda são filosóficos e existenciais, muitos filhos de santo com diferentes origens demonstram em suas falas uma realização muito mais prática dentro da Umbanda. Enquanto a Umbanda preenche um vazio existencial e uma necessidade de praticar a caridade espiritual em Ricardo e Nadjanara, ela provê a outros filhos de santo a resolução de questões mais

mundanas, como a obtenção de um emprego ou a cura de uma doença, por exemplo.

A categoria “interferências de amigos/familiares” abarca aqueles que falaram que chegaram até a Umbanda por indicação e incentivo de amigos e familiares. Este é o caso, por exemplo, dos familiares do pai de santo Marcos de Ogum. Sua irmã, seu cunhado, foram pessoas que chegaram até a Umbanda por influência familiar de Pai Marcos e sua esposa Fabiani. Carla (GUELERE, 2016) também declarou ter chegado à Umbanda por incentivo familiar: “Foi aos poucos, né. Minha tia ia muito, e eu acabei indo com ela, gostei, e resolvi mudar.” (GUELERE, 2016)

Juliana (SOARES, 2016), que já tinha contato com a Umbanda desde muito pequena, relatou a seguinte experiência:

Como os meus avós, eles... eles tinham um terreiro, eu fui batizada, então eu tinha padrinho, é... uma entidade que era meu padrinho. E eu queria falar com essa entidade de novo. E fui procurando, procurando, procurando, procurando, e... acabei aqui. Na verdade, quem me trouxe foi o Ricardo... agora que eu cheguei aqui, eu falei “bom, acho que tá legal, né, vamo... vamo ver o que que é”. O Seu Zé, ele... numa sessão de descarrego, ele me convidou pra entrar, eu eu falei “bom, acho que tá na hora, né”. (SOARES, 2016)

A filha de santo, ainda que tenha nascido na Umbanda, se distanciou, e resolveu depois de certo tempo buscar a entidade que a apadrinhava. Segundo conta, ela não encontrou tal entidade. Mas encontrou Seu Zé Pilintra. Chama a atenção no relato o papel que Zé Pilintra cumpre, de trazer novos filhos de santo para o terreiro. Esta atitude é muito comum à entidade. Ele é responsável por selecionar e convidar os possíveis trabalhadores do terreiro, e parece ser bastante receptivo, afinal em cinco anos de existência o terreiro já chegou a ter 60 filhos de santo.

Por fim, nesta categoria, é interessante trazer a fala de Cleusa (SILVA, 2016). Esta filha de santo é doutora em História, e este fato se reflete claramente em seu discurso. Além do tom professoral e da reafirmação de sua presença na academia durante todo seu relato, a sua formação influencia até mesmo na sua motivação em buscar a religião que professa. Quando questionada “Por que resolveu buscar a Umbanda?”, ela responde:

Existem duas questões aí. Uma é de cunho pessoal, porque eu sou historiadora, e trabalho com a questão das diversidades culturais, e... e as religiões de raiz africana sempre me... digamos assim, sempre me deixou com bastante vontade de conhecê-las, né. Eu tenho muita admiração pela forma como, é... os Orixás são pensados, como... enfim, na minha... na minha opinião são as... as... as religiões que apresenta as diversidades. E segundo, eu acho que é mais de cunho pessoal, né, que foi quando eu me deparei mesmo com essa questão da minha mediunidade, e aí eu tive que... que assumir. (SILVA, 2016)

Os aspectos culturais das práticas religiosas afro-brasileiras representaram, para Cleusa, elemento fundamental de atração para a Umbanda. Dificilmente esta resposta viria de uma pessoa que não tivesse a formação que a filha de santo tem; este local de surgimento de interesse é bastante específico, e revela que a entrevistada ocupa lugar de exceção dentro da constituição de tipos de filhos de santo do terreiro. Não pelo mesmo motivo, mas por pertencer à Umbanda desde criança enquanto mais nenhum filho de santo do terreiro tem essa experiência, Juliana também ocupa lugar de exceção dentre os filhos de santo. Um último aspecto a se notar é o de que, ainda que ambas tenham apresentado esses interesses iniciais peculiares que as impeliram a buscar a Umbanda, a decisão final de permanecer na religião não foge tanto à regra do restante dos filhos de santo. No caso de Juliana, foi motivada pelo convite de Zé Pilintra. No caso de Cleusa, como de muitos outros, a necessidade premente de resolução de questões espirituais, a “mediunidade”.

Há um ditado muito utilizado para se referir à forma como as pessoas costumam chegar à Umbanda, e que foi repetido algumas vezes nas entrevistas pelo pai de santo e pelos filhos de santo. Este ditado diz que “se não chega pelo amor, chega pela dor”. Ou seja, se a pessoa não se interessou em buscar a Umbanda por motivos mais “nobres”, quando sua “missão espiritual” é servir à Umbanda, ela irá chegar até a religião pela dor, ou seja, pelo sofrimento, pelas dificuldades, que as entidades irão infligir para que ela se sinta compelida a buscar a Umbanda, ou desafios intransponíveis pois a pessoa não pede ajuda às entidades, para que facilitem a resolução do problema. Mesmo sendo quase uma máxima da Umbanda, é interessante notar que poucos sinalizaram esta categoria como definidora de sua busca pela Umbanda.

[...] Costumam dizer que só se adere à Umbanda “pela dor ou pelo amor”, isto é, premidos pelo sofrimento da doença, da desgraça, ou atraídos pelo desejo de ajudar o próximo. Na maioria das vezes ressaltam: “eu vim pela dor”. [...] (NEGRÃO, 1996, p. 181)

Tabela 6 – Relação filho de santo-entidade: Conhecia Zé Pilintra antes de frequentar o terreiro de Umbanda Caboclo Giramundo e Mestre Zé Pilintra

Conhecia Zé Pilintra antes de frequentar o terreiro	Qtde. de entrevistados por opção
Sim	6
Não	8
Não respondeu	2
TOTAL DE ENTREVISTADOS	16
TOTAL DE OPÇÕES	16

Fonte: o próprio autor.

Nesta categoria é interessante notar a diferença dos discursos daqueles que já tiveram algum contato anterior com a entidade Zé Pilintra e aqueles que conheceram apenas a entidade estudada por este trabalho. Percebe-se que há uma divisão quase de mesmo número daqueles que não tem nenhuma experiência a relatar para os que conheciam de alguma forma a entidade. Segundo a mãe pequena Vera (MARQUES, 2016b), Zé Pilintra não é uma entidade muito conhecida na cidade de Foz do Iguaçu. Ela exemplifica a afirmação com a seguinte história;

Nós tínhamos um adesivo do Seu Zé no carro, né? Depois que a gente reformou, que bateram no carro, a gente teve que fazer... tirar porque pintaram, e tal. E uma menina que trabalhava comigo um dia falou assim: nossa quando eu vejo seu carro eu sempre reconheço pelo Michael Jackson que você tem colado atrás [risos]. Então, eu falei, ninguém associa aquele adesivo ao Seu Zé, não é? Acho que pouca gente conhece. (MARQUES, 2016b)

Segundo este relato, poderia se presumir que a imagem do malandro carioca, estampada nos adesivos para carros, não faz remeter a Zé Pilintra para os habitantes de Foz do Iguaçu, mas se assemelha mais, na visão das pessoas, ao cantor americano Michael Jackson, cuja estética tinha similaridades com a estética com a qual são ilustrados os malandros cariocas. Já o relato da filha de santo Carla (GUELERE, 2016), revela a existência de certo conhecimento popular a respeito da entidade Zé Pilintra. Ao ser perguntada se já tinha ouvido falar de Zé Pilintra antes

de ingressar no terreiro, ela declara: “O povo falava que ele era o capeta, né? Que ele era o... que fazia o mal.” (GUELERE, 2016) Então, quando questionada a respeito de quem ela já tinha ouvido essa afirmação, Carla responde: “Os próprios evangélicos falam, né”. (GUELERE, 2016) Sabendo que Carla sempre viveu em Foz do Iguaçu, é correto supor que, ao menos pela comunidade evangélica, Zé Pilintra é conhecido na cidade, ainda que sendo interpretado de outras formas. É interessante notar também o indício, nesta e em outras falas anteriores de Carla (GUELERE, 2016), de conflitos religiosos na cidade de Foz do Iguaçu. Outro indício de que há certa informação local a respeito da entidade é a resposta de Carla para a pergunta “como você chegou a conhecer Zé Pilintra?”. A filha de santo esclarece que

Numa consulta que eu fui num outro... não era um terreiro, era uma casa mesmo que a... que a mulher atendia, e trabalhava com Seu Zé. Aí eu comecei a ir, conversar, quando eu vim pra cá eu vi Seu Zé, comecei a conversar com Seu Zé aqui também. (GUELERE, 2016)

Carla então revela que há outros religiosos na cidade de Foz do Iguaçu que atendem com a entidade Zé Pilintra. Assim, mesmo que de forma limitada, há outras formas de conhecer a entidade em Foz do Iguaçu que não sejam no terreiro de Umbanda Caboclo Giramundo e Mestre Zé Pilintra. Outra filha de santo, Angela (DIAZ, 2016), também tem depoimento semelhante em relação a conhecer a entidade Zé Pilintra atendendo em outros lugares.

Quando eu era pequena, tinha, o que, uns 11 anos, a minha mãe consultava com um senhor... com uma senhora, dona Ana. E a dona Ana vinha o Seu Zé. Só que Seu Zé Pilintra, mas não falava que era das almas, do catimbó, tem várias falanges, né. Então, a gente... eu ouvi falar do nome dele, mas eu não conversei, mas a minha mãe, sim. A minha mãe chegou a conversar com ele, mas até aí só. (DIAZ, 2016)

Angela destaca a variedade de “Zés Pilintras”. Ela se refere à existência de várias falanges, Zé Pilintra das almas, Zé Pilintra do Catimbó. Desta forma, a filha de santo encontra uma maneira de diferenciar o Zé Pilintra que conheceu junto com a mãe quando criança do Zé Pilintra ao qual é devota hoje. Assim, demonstra que ainda que tenha tido contato com esta entidade, é o Zé Pilintra de hoje que conhece e sabe mais a respeito.

Um depoimento, no entanto, que entra em conflito com as falas das duas filhas de santo acima é o da filha de santo Eridan (BERTÉ, 2016). Eridan é a

entrevistada mais velha do grupo, sendo a única que preenche a faixa etária dos 55 aos 60 anos. Ela é umbandista há muitas décadas, e viveu numa relação de idas e vindas com esta religião, pois trabalhou em um terreiro há muitos anos, deixou de frequentar o local e passou muitos anos sem praticar a religião, até que outro entrevistado, Jonathas (RAMOS, 2016), seu genro, a levou ao terreiro Caboclo Giramundo e Mestre Zé Pilintra, onde Eridan voltou a trabalhar como médium. A entrevistada, no entanto, fala de Zé Pilintra em suas experiências na Umbanda anteriores ao terreiro pesquisado;

Nessa época que eu frequentei esse outro centro, não tinha Zé Pilintra, né. Não... você não ouvia falar de Zé Pilintra naquela época. E se perguntasse, eles falavam alguma coisa que eu nem... nem lembro o que falavam dele. Sei que, é... de entidades ele não era... era mais exus, né? E dele não. Apesar que ele também é um exu, mas ele não, não conhecia. Aí quando eu vim aqui, daí o Jonatas me falou, daí que eu fui conhecer. (BERTÉ, 2016)

A entrevistada conta que não se ouvia falar de Zé Pilintra na época em que trabalhava em outro terreiro em Foz do Iguaçu. No entanto, é a mesma época em que Angela teve contato com um Zé Pilintra. Carla teve um contato mais recente, mas é preciso pensar que a religiosa que a atendeu há alguns anos atrás já deveria ter vários anos de prática umbandista. Eridan aventa a possibilidade de que as pessoas pudessem ter algum conhecimento prévio de Zé Pilintra, quando pensa na possibilidade de que teriam alguma resposta caso alguém perguntasse sobre tal entidade. No entanto, não se recorda o que as pessoas do antigo terreiro que ela frequentava teriam a dizer.

Por meio destes depoimentos é possível perceber que o conhecimento a respeito da entidade Zé Pilintra não está condicionado à iniciação dentro da Umbanda, já que Eridan (BERTÉ, 2016), com muitos anos de prática umbandista, não conhecia a entidade, mas Carla (GUELERE, 2016) e Angela (DIAZ, 2016), filhas de santo com um histórico bem mais recente na Umbanda, apresentam um conhecimento prévio maior.

A seguir, dois depoimentos falam de um contato prévio com Zé Pilintra, externo a Foz do Iguaçu. O filho de santo Gleison (SANTOS, 2016) conta sua experiência de conhecer uma entidade Zé Pilintra, como ele define “do sertão”. Ele teve contato com este Zé Pilintra em uma gira que assistiu em um terreiro em Santa Catarina, onde disse não ter conversado com a entidade, apenas visto. Ao solicitar

que o entrevistado apontasse as diferenças desse “Zé Pilintra do sertão”, Gleison fala:

Esse do sertão, ele vinha com um chapéu de boiadeiro, ele vinha com um facão, ele tinha a... a... as armas deles, né, de magia, eles usavam um facão, é... tudo aquela roupa, tipo, do... do cangaço, né. É o Zé Pilintra do cangaço. Todo aquele... roupagem de couro, bem diferente desse Zé Pilintra do Rio de Janeiro, né, que é doutor, mais tá num terno branco. (SANTOS, 2016)

Gleison descreve um Zé Pilintra identificado com a estética do cangaço, o diferenciando do malandro carioca, de onde o Zé Pilintra analisado empresta sua estética. Poderia até mesmo ter relação com o que fala Angela em seu depoimento, a respeito da existência de várias “falanges” de Zé Pilintra. Sendo assim, este Zé Pilintra que se assemelha aos cangaceiros do sertão nordestino constituiria uma falange distinta daquela dos Zés Pilintras assemelhados ao malandro carioca. A respeito do Zé Pilintra inspirado no malandro carioca, a filha de santo Cleusa (SILVA, 2016) declara:

Eu já tinha ouvido, essa coisa do morro, essas coisas, claro, né, porque eu sou viajada, tudo, já tinha ouvido. Mas nunca tinha me... a coisa do malandro, né, que tem a música do Chico Buarque, né, do Ode ao Malandro [sic], e tal. (SILVA, 2016)

A entrevistada destaca em sua fala um detalhe: que ela é um pessoa, em suas palavras, “viajada”. Ou seja, teve oportunidades de conhecer outros lugares fora de Foz do Iguaçu, e assim, pode trazer um diferencial de conhecimentos culturais em relação aos outros entrevistados. No entanto, Cleusa revela que, ainda que fosse familiarizada com a figura do malandro, esta não chamou sua atenção até que conheceu a entidade Zé Pilintra.

É possível perceber que há uma diferenciação de conhecimentos prévios da entidade quando o entrevistado é de Foz do Iguaçu e quando vem com experiências de outros locais. É importante notar que, sendo Foz do Iguaçu na Tríplice Fronteira, é um local de trânsito e de contato constante com estrangeiros ao território.

Tratando de um outro tipo de contato, este não tendo relação com a presença ou não da figura do malandro e da entidade Zé Pilintra em Foz do Iguaçu, a filha de santo Juliana (SOARES, 2016) declara: “então, assim, eu nunca tinha conhecido pessoalmente, mas eu já tinha visto um vídeo do Zé Pilintra, então, nem

me espantei muito, né.” Com interesse na menção ao vídeo, questionei a entrevistada: “como você viu esse vídeo?” Ao que Juliana responde,

Youtube. Procurando... porque, procurando alguma coisa sobre o Caboclo Cobra Coral é que eu cheguei nesses vídeos, esses vídeos foram meio que abrindo a cabeça, sabe quando você... “nossa, era isso que eu tava procurando o tempo todo! [risos] Eu também penso isso!” Aí esses vídeos é que foram dando aquela amolecida na visão toda... (SOARES, 2016)

O Caboclo Cobra Coral, ao qual a filha de santo se refere, é a entidade que é seu padrinho de batismo, aquele que Juliana estava à procura quando encontrou o terreiro de Umbanda Caboclo Giramundo e Mestre Zé Pilintra, história que ela conta em depoimento já citado. Esta declaração é especialmente interessante pela forma como a entrevistada revela buscar informações a respeito de entidades. Ela utiliza o site de repositório de vídeos online “Youtube”, onde usuários podem colocar à disposição de quem quiser ver vídeos a respeito dos mais variados assuntos. Com o tempo, o Youtube passou a ser utilizado como uma rede social em que as pessoas falam dos mais variados assuntos em vídeo, e com isso também muitos religiosos passaram a divulgar assuntos relacionados a suas práticas por meio de vídeos nessa plataforma. Com uma busca rápida é possível encontrar os mais variados resultados, apresentando, esclarecendo, criticando, mostrando as práticas umbandistas e suas entidades. É válido ressaltar que, ainda que este site seja aberto a todos e tenha conteúdo voltado a todos os mais variados tipos de público, o público que mais consome conteúdo no Youtube, e que mais está habituado a buscar informações utilizando o site, são jovens. Portanto, este modo pelo qual Juliana foi apresentada à Zé Pilintra é particularmente interessante, pois ela faz parte da faixa etária da maioria dos filhos de santo do terreiro (35-40 anos), e ao conhecer a entidade através do Youtube, declarar que se identificou com o discurso apresentado pela mesma nessa rede, e depois manter o interesse por Zé Pilintra do terreiro estudado, demonstra que há um apelo aos jovens na entidade Zé Pilintra. Todo o discurso da entidade, não só o falado, mas o visual, ritual, chamam a atenção de um público específico, os que têm acesso e interesse em buscar informações na internet a respeito de questões em geral.

Pensando naqueles entrevistados que declararam buscar a Umbanda por necessidade de encontrarem respostas a questões filosóficas e existenciais, pode ser traçado um paralelo aqui. Todos aqueles que fizeram este tipo de declaração

têm também a mesma faixa etária da maioria dos filhos de santo do terreiro (35-40), e possuem ensino superior. É possível então refletir que o terreiro de Umbanda Caboclo Giramundo e Mestre Zé Pilintra e a própria entidade Zé Pilintra possuem, em seus discursos e práticas elementos que atraíam esse público, e supram as buscas por respostas desta geração de indivíduos.

Tabela 7 – Relação filho de santo-entidade: Tipos de pedidos feitos a Zé Pilintra

Tipos de pedidos feitos a Zé Pilintra	Número de entrevistados por opção
Relação com familiares	5
Dinheiro, bens	3
Emprego	3
Saúde	3
Provas / estudos	3
Relacionamento consigo mesmo	1
Consolo emocional	1
Não respondeu	4
TOTAL DE ENTREVISTADOS	16
TOTAL DE OPÇÕES	23

Fonte: o próprio autor.

Esta categorização é importante para entender o papel de Zé Pilintra na vida dos filhos de santo. Muitas vezes, o pai de santo Marcos de Ogum falou que Zé Pilintra pode ser considerado o “clínico geral da Umbanda”, como neste depoimento que forneceu em uma das primeiras visitas feitas ao terreiro para a pesquisa:

Dentro da Umbanda, assim, o Seu Zé, ele toca todo, tudo, ele é o clínico geral, que a gente diz, dentro da Umbanda. Os outros guias, eles são especialistas, né? As vezes o Seu Tranca Rua pra... pra abrir caminho, Ogum pra vencer alguma demanda, um Baiano pra uma... pra também uma frente... Boiadeiros, Preto Velho, mas o Seu Zé ele é o clínico geral, né, então tudo gira em torno do Seu Zé, [...] todo mundo quer dar uma conversa com Seu Zé. (MARQUES, 2016a)

Pai Marcos (MARQUES, 2016a) se refere portanto a Seu Zé como “clínico geral da Umbanda” por conta sua característica de atender a todos os tipos de pedidos. Porém, a própria entidade tem suas preferências. Apesar de pedidos relacionados a questões de saúde serem relativamente comuns, como pode ser

visto na tabela, a mãe pequena Nadjanara (MORÁS, 2016) revela que Seu Zé Pilintra não se agrada muito em resolver este tipo de questão.

O Seu Zé, de tudo assim, na minha vida, assim, do que, depois a gente conheceu ele, a gente pergunta, assim, tudo, questão de trabalho, questão de família, né, a... questão de saúde. Ele não gosta muito [risos] de saúde, ele fala "vai pedir pro [Baiano] João!" [risos] (MORÁS, 2016)

Pela declaração de Nadjanara é possível perceber que Zé Pilintra, apesar de ser considerado pelos filhos de santo como uma entidade com poderes de auxiliar suas vidas em todos os campos, não se inclina a resolver todos os tipos de problemas, encaminhando os filhos de santo a outras entidades específicas, como nesse caso, para “João” ao que Nadjanara se refere ao parafrasear Zé Pilintra, que corresponde ao Baiano João, entidade que incorpora no pai de santo Marcos de Ogum na linha de baianos. Mas Nadjanara continua sua narrativa, mostrando que, mesmo não gostando, Zé Pilintra responde aos pedidos dos filhos de santo.

O mais importante foi quando os meus pais ficaram doente, né. Então ele tava sempre muito presente, e... e me ajudou muito, assim, a superar, né. E eu falo assim, que... que ele... se não fosse ele meu paizinho já tinha partido daí, né. Então, tanto que quando meu pai ficou doente, ele falou assim que era pra mim me preparar, né, mas que ele ia fazer de tudo pra que ele ficasse, né, e... e ele ficou, né. E... e voltou uma pessoa muito melhor que ele já era, né. Então, isso é... assim, acho que isso eu vou dever sempre pra ele, né, de tudo assim, tanto essa força espiritual que ele deu pro meu pai, quanto todos os conselhos que ele me deu, assim, sábias palavras que ele fala. (MORÁS, 2016)

Então, no quesito de resolução de problemas de saúde, Zé Pilintra pode intervir, mas sua atuação vai além. Na história da entrevistada, Seu Zé Pilintra prometeu a ela todo seu esforço na resolução da questão, porém não prometeu que resolveria. Ao invés disso, a entidade ofereceu à filha de santo “força espiritual”, resiliência para lidar com uma questão tão delicada. Eventualmente, a questão foi resolvida, de modo que Nadjanara credita à Zé Pilintra a cura e melhora de seu pai, fisicamente e moralmente, pois ela afirma que, além de ter sido curado, seu pai se tornou uma “pessoa melhor”.

Outra filha de santo, Angela (DIAZ, 2016), no entanto, conta em seu depoimento como conseguiu ajuda de Zé Pilintra para um problema de saúde de sua mãe.

Minha mãe, minha mãe nunca mais ficou doente. Nunca mais. Minha mãe tinha um, um cisto né, que diz, no seio. Minha mãe nem sabia. Que eu tava... eu vi os exames, e através de uma amiga aqui do centro, também falou assim pra mim: "Angela, você viu o outro lado do seio da sua mãe? Também tem." Aí fiquei desesperada. Vim até o Pai Marcos, falei com Seu Zé, o Seu Zé falou assim: "Não. Traz ela tal dia, que o Baiano [João] vai curar ela." E ela não... minha mãe nem sabia, quando ela chegou de viagem, falei: "mãe, se arruma..." - naquele mesmo dia - "... veste teu branquinho, e vamos pro centro". Mas, e no outro dia ela tinha mamografia. "Mas por que, minha filha?" "Vamos lá, que...". Aí fez, tudo certinho nela, e ela, no outro dia foi fazer o exame. Pois na segunda-feira, passou uns dez dias, chegou o exame. Não tinha mais nada. Então, desde aí, nós, a minha família, só temos a agradecer, somente... e o que precisar aqui, o que for possível fazer por eles, pelo Seu Zé, a gente não... larga de tudo e vem. (DIAZ, 2016)

O curioso aqui é que Zé Pilintra não ajudou exatamente a realizar a cura da mãe de Angela. O que ele fez foi encaminhá-la para o Baiano João, a mesma entidade a qual Nadjanara cita anteriormente, mostrando que, de fato, quando existe um problema de saúde a ser tratado, Zé Pilintra prefere deixar a cargo da entidade Baiano João, que aparentemente seria um especialista do assunto. No entanto, ao final do depoimento Angela declara que, desde o acontecimento extraordinário de cura de sua mãe, ela e sua família são devotas a Zé Pilintra e fazem o possível por ele. O que é curioso, pois sua atuação neste caso foi apenas atender à filha de santo em sua urgência e orientá-la a levar sua mãe a outra entidade. A declaração dá a entender que o que acontece sob a jurisdição de Zé Pilintra dentro do terreiro já concede a ele graças e fidelidade.

Em outras histórias, os filhos de santo entrevistados relembram situações específicas em que receberam o que pediram, conseguiram resolução para os mais variados problemas, e creditam Zé Pilintra por isso, demonstrando que Seu Zé Pilintra se faz presente em várias partes da vida dos filhos de santo, em seus cotidianos.

A filha de santo Ana Cristina (SPAGNOLI, 2016) demonstra em seu depoimento a presença constante da entidade em quase todos os tipos de situações da vida da moça.

Seu Zé, pra mim assim, ele... não que não tenha outra entidade igual, que não possa ajudar e tamanha como ele. Mas ele é diferente, sabe. Ele sai, ele vai, ele abraça a assistência, coisa que eu não vejo em outros centros. Na, na minha vida, que eu passei, assim. Coisa que eu não vejo em outros centros. Ele sempre vai procurar te ajudar da melhor forma possível, mesmo que pra isso você tenha que passar alguns perrengues, mas é pra você aprender. E ele me ajudou muito. Muito, muito, muito. Então, um pouco da paz que eu consegui com o primeiro Seu Zé, agora tenho com meu

padrinho, aqui ele é meu padrinho. O Seu Zé da casa do Pai Marcos, ele é meu padrinho. E... como eu posso falar pra você... não foi só nas horas de dificuldade que eu procuro ele. É pra agradecer também. Porque, às vezes, eu sei que tem certa coisa que tá acontecendo comigo, e com a minha família, que não tem dedo de outra pessoa a não ser dele [risos], e aí eu agradeço. E que eu peço muito pra ele é pela minha família, sempre pedi isso pra ele. (SPAGNOLI, 2016)

A filha de santo chama a atenção para o tratamento diferenciado que Zé Pilintra dá aos seus fiéis, em que ela destaca o fato de que ele abraça as pessoas que estão na assistência. Ana também adverte que a entidade ajuda, mas não evita que se passe por situações complicadas, pois as situações difíceis geram o aprendizado. Ana Cristina fala de um “primeiro Seu Zé”. Este, segundo sua entrevista, é um Zé Pilintra que a atendia em um terreiro de Umbanda que a mesma frequentava em Curitiba, cidade onde viveu. Ela ainda conta que procurou o terreiro de Umbanda Caboclo Giramundo e Mestre Zé Pilintra porque soube que nele atendia um Zé Pilintra.

A entrevistada fala da participação de Zé Pilintra em seu cotidiano, com a certeza de que ele interfere em determinados momentos. Ela não especifica se ele claramente assume a participação naqueles momentos de seu cotidiano, mas não é necessário; o crédito da ação já está dado. Quando acontece algo de bom, Ana Cristina agradece Zé Pilintra, certa de que foi sua participação que resultou no bom acontecimento. Por fim destaca também que pede bastante por sua família, e, em sua visão, funciona, afinal os fatos em que Zé Pilintra interfere, na concepção da filha de santo, não envolvem apenas ela, mas também seus familiares.

É interessante notar essa participação cotidiana da entidade, que não é anunciada por ele, mas creditada a ele pelos filhos de santo. Neste sentido, Zé Pilintra não é apenas a entidade que os atende no terreiro. É também a segurança do dia-a-dia, a certeza do amparo nos momentos de dificuldade. Sendo assim, é mais a construção individual que cada um faz da entidade que conhecem no terreiro, do que propriamente a forma como Zé Pilintra se apresenta. É a apropriação da representação, que carrega o olhar individual de cada um que realiza a apropriação, da forma como explica Chartier (1988).

Esta participação cotidiana, no entanto, não deriva do nada. Ela é corroborada pelas afirmações e promessas que Zé Pilintra faz de ajuda a seus fiéis no terreiro. Em assuntos mundanos, como questões relacionadas a dinheiro e bens

materiais, ele intervém e atende os pedidos dos filhos de santo, como no depoimento de Vera (MARQUES, 2016b):

Nós tínhamos, é... coisas assim, pessoais, assim, que nós pedíamos, é, que nós queríamos uma casa que... a casa que nós moramos hoje, a gente, é... queria essa casa, né, na época, assim, a gente tinha pedido pro Seu Zé. O outro foi um trabalho que meu marido tava correndo atrás e tinha pedido, e o Seu Zé falou que, que ia dar certo, é... coisas do meu trabalho, das minhas filhas, é... sempre assim, coisas que a gente pediu, e que aconteceram, né... as vezes coisas simples, mas que a gente pediu pra ele e que... se realizaram, né. [...] Tudo que você vai... a gente vai fazer hoje, que a gente quer pedir alguma coisa, quer pedir pra que, é... abençoe aquilo, pra que aquilo dê certo, a gente sempre pede pro Seu Zé, né. Até essa semana eu fui e falei, é que eu queria muito que, que a gente tivesse... voltasse a receber um dinheiro que a gente recebia, né. Eu falei "ai, eu vou pedir pro Seu Zé, tenho certeza que ele vai ajudar a gente!" E deu certo, né! Então, assim, tudo a gente coloca o Seu Zé pra ele ajudar a gente, abrir os caminhos, né. A gente tá sempre pensando no Seu Zé. (MARQUES, 2016b)

Mais uma vez aqui é possível perceber como as promessas e previsões de Zé Pilintra incentivam a fé dos filhos de santo. Assim, mesmo que não vão propriamente até o terreiro falar com a entidade, pensam nele e acreditam que ele irá ampará-los. Zé Pilintra, como diz a mãe pequena, abre os caminhos. Esta parece, apesar de seu título de "clínico geral" da Umbanda, ser sua especialidade. Para conseguir dinheiro, bens, e empregos, ele é sempre procurado, e atende aos pedidos. Como na história que o filho de santo Ricardo (GARCIA, 2016) conta que

Tiveram situações em que... acho que a que mais ficou marcada na memória foi quando eu estava há dois anos e pouco procurando algum... estava procurando universidades pra mim dar aula, e... e ele afirmava que eu ia trabalhar com algum tipo de instrução e, pouco tempo depois, eu entrei numa empresa, numa grande empresa, que trabalha com treinamentos direto, e... entre outros. (GARCIA, 2016)

Nesta fala, Ricardo em nenhum momento esclarece ter pedido ou não ajuda de Zé Pilintra para conseguir o emprego, mas a previsão da entidade é que tem importância. A confiança nas palavras da entidade, e consequente concretização do previsto renovam a fé do filho de santo, que credita a Zé Pilintra seu emprego, ainda que a participação da entidade no fato foi tê-lo previsto. De certa forma, a previsão do fato por Zé Pilintra indicou, para Ricardo, que a entidade estaria ajudando na situação, estaria participando do sucesso do acontecimento que o filho de santo tanto esperava.

Pelo mesmo motivo que os filhos de santo renovam sua fé em Zé Pilintra, muitos se amedrontam. Suas previsões certeiras significam, indubitavelmente, que ele tem poder, para aqueles que o procuram. No entanto, este poder, se para uns significa proteção, para outros é sinônimo de perigo. Angela (DIAZ, 2016) conta a respeito de seu irmão o seguinte fato:

Primeira pessoa que pisou aqui foi meu irmão mais velho. Chegou aqui, meu irmão mais velho tava desempregado. Seu Zé falou assim: "olha, numa sexta-feira, você vai começar a trabalhar." E nessa sexta-feira ele começou a trabalhar. Então, quando meu irmão começou a ver que o negócio era sério, que Seu Zé, o que falava, acontecia, então, ele começou a se afastar. Então, pro meu irmão mais velho, o que... a nossa religião é a perdição. Mas ajudou ele, a hora mais difícil. (DIAZ, 2016)

Angela revela nesta fala o medo gerado em seu irmão pela suposta infalibilidade das previsões de Zé Pilintra. Seu irmão relacionou este dado da entidade à “perdição”, que significaria o afastamento dos bons valores religiosos, e a aproximação a práticas negativas do ponto de vista moral. Esta visão criada na percepção do irmão de Angela pode se relacionar com a concepção de magia pelas religiões cristãs, onde a magia é prática condenável, não alinhada com os preceitos divinos. É possível notar que Angela não aprova a interpretação que seu irmão faz da prática umbandista representada no contato que ele teve com Zé Pilintra, quando afirma que, apesar de ele achar isso, apesar de ele se afastar e condenar seus familiares, a Umbanda o ajudou num momento em que ele estava precisando.

Logo em seguida, Angela prossegue a entrevista falando a respeito de um pedido em específico que foi atendido, porém com certa dose de fé e paciência.

E, agora vou te falar de mim, do meu marido. A gente chegou aqui, meu marido faz, vamos dizer, 18 anos que tá numa empresa. E o primeiro pedido, que foi, foi que ele subisse de cargo, porque ele que faz tudo, é inteligente, tudo mais, faz as coisas dentro da lei, tudo certinho. E nunca se... é... levantaram o cargo dele. Aí o Seu Zé falou assim pra ele: "olha, meu filho, eu vou te dar esse cargo." E na... passou um ano, não aconteceu, passou dois anos, não... mas a gente sempre, né, ali, firme e forte, uma hora vai sair. E no final do ano passado, aconteceu. E foi três anos, assim, que a gente aqui dentro, e final do ano passado, né, o ocorrido. Daí a gente viu que, no tempo certo, merecido pra nós, era aquele, que é, né, que subiu de cargo, então, foi dito e... aí, até hoje tenho a agradecer a Seu Zé. (DIAZ, 2016)

A filha de santo toca no tema do “tempo certo”, do “tempo merecido”. O conceito de merecimento é bastante utilizado nas religiões mediúnicas, para se

referir a uma condição em que a pessoa precisa alcançar para ter os seus pedidos atendidos. Esta condição se alcança apenas pela prática da religião e dos preceitos que a mesma prega, sejam boas obras, caridade, mas é essencial que se persevere na prática religiosa. Ainda que pareça que três anos são bastante tempo para se esperar pelo atendimento de um pedido, a fé em Zé Pilintra não deixou Angela e seu marido esmorecerem, e permaneceram frequentando o terreiro, até que conquistaram o que aguardavam, que em 18 anos de vida fora da prática umbandista não havia sido conquistado.

A conquista de um emprego, ou a promoção a um cargo, são pedidos que, em mais apurada análise, não são totalmente neutros. Afinal, a conquista de uma vaga, um determinado espaço de trabalho, pressupõe que tal vaga não é ilimitada. Assim, para que o filho de santo protegido por Zé Pilintra conseguisse tal vaga, outra pessoa precisou perdê-la. Esta lógica de ajuda a seus protegidos continua quando a entidade os privilegia em situações de provas e testes, em que eles obtêm vantagens sobrenaturais a partir do pedido de ajuda a Zé Pilintra. É como conta a filha de santo Carla:

Minha habilitação, foi... foi a primeira coisa que... que eu pedi, que eu tava muito nervosa, não sabia dirigir, nem nada. E ele falou pra mim: "pega, acenda um ponto pra mim, que eu vou te acompanhar". Eu nem precisei fazer a prova. O cara olhou pra minha cara, mandou eu descer [do veículo] e me passou direto. (GUELERE, 2016)

A intervenção de Zé Pilintra foi tão efetiva que a filha de santo nem precisou fazer o teste. E a presença da entidade no momento de necessidade se condicionou a acender uma vela, ou um "ponto" para Zé Pilintra. Esta prática é bastante comum nas casas dos filhos de santo. Para garantir a presença da entidade em seu cotidiano, e sua ajuda na resolução de problemas, acendem uma vela especialmente para ele. Assim, sentem que possuem a vantagem da proteção e ajuda de Zé Pilintra. De fato tê-lo ao lado nos desafios cotidianos é vantajoso, como afirma Rodrigo:

Pra mim é fantástico assim, que eu... nunca me senti mais sozinho. Até quando eu fui fazer meu exame de Ordem da Advocacia, vim falar com ele, ele falou assim "não precisa... vou tá junto de você, faz a sua parte que eu vou fazer a minha", e eu fui e parecia que tinha alguém comigo mesmo. Então assim, é algo muito fantástico, o que ele faz pela gente. (BASGAL, 2016)

Segundo o relato de Rodrigo, Zé Pilintra garante a ajuda a quem lhe pede; no entanto, é necessário que a pessoa faça “sua parte”. Fazer sua parte pode ter os mais diversos significados. Pode ser, como subentendido pelo depoimento de Rodrigo, o significado de estudar e se esforçar para passar em um teste difícil. Ou pode significar, como no caso de Carla (GUELERE, 2016), meramente comparecer para a realização do teste. O que não deixaria dúvidas seria a participação efetiva de Zé Pilintra nessas situações. Como destaca Rodrigo, ele teve a impressão que de fato tinha alguém o acompanhando, e como a promessa de Seu Zé Pilintra a ele foi de que estaria com ele no momento da prova, ele entendeu que a entidade não o desamparou. Rodrigo afirma que é fantástico pois nunca mais se sentiu sozinho. Ou seja, Zé Pilintra acompanharia os filhos de santo a todo momento, sendo um instrumento que dá segurança aos seus protegidos.

Além de ajudar nos desafios corriqueiros, Zé Pilintra age em um nível mais profundo da vida dos filhos de santo, como um instrumento que os ajuda a compreender e lidar tanto com as questões da vida a seu redor, quanto consigo mesmos. Assim é possível perceber na fala do filho de santo Christian:

Seu Zé Pilintra ajudou muito a minha família, e me ajudou a me achar como pessoa e, da minha capacidade que eu tenho, pra me sobressair na vida, que seja, laboral, espiritual, e como próprio ser humano, entendeu? E, na verdade... te faz enxergar a tua vida cotidiana, a tua família, de outra forma. (RODRIGUEZ, 2016)

Zé Pilintra preenche as inseguranças dos filhos de santo, e dá as garantias de que são capazes de conseguir as coisas que desejam. Assim, sua ação na vida das pessoas as leva a mudar a forma como enxergam sua própria vida e as pessoas que as cercam. O suporte que a entidade oferece ultrapassa o socorro imediato, servindo como um instrumento de constante aperfeiçoamento íntimo. Ainda que, nos momentos em que se necessita do socorro emocional, Zé Pilintra também acuda:

Algumas vezes, no momento de desespero e de muito choro e de... emoção incontrolável... “Seu Zé, por favor!” E, em cinco minutos... [a entrevistada faz um som vocal simulando vento] Aquela... aquela angústia, aquele... aquela coisa que não parava, já... [a entrevistada faz um assobio indicando alívio] (SOARES, 2016)

Mesmo com dificuldades em expressar em palavras os sentimentos que a acometem e fazem com que peça socorro a Zé Pilintra, a filha de santo Jualiana

(SOARES, 2016) demonstra que nos momentos em que, em seu íntimo está se sentindo mal, a ajuda que pede é de Zé Pilintra. Nestes momentos, ele serve como um apaziguador de sentimentos, uma forma de trazer calma e consolo. Assim, é possível perceber que em todos os mais variados momentos e percalços do cotidiano, os filhos de santo contam com a presença e o auxílio de Zé Pilintra.

4.3 Zé Pilintra, seu cuidado no cotidiano dos filhos de santo e sua moral

Seu Zé Pilintra sempre alerta sobre armadilhas de situações cotidianas, por vezes envolvendo pessoas mal-intencionadas. Dentro das dificuldades da vida atual, ele se mostra como alguém sábio das relações humanas, e que alerta os seus protegidos nos negócios e nas amizades. Zé Pilintra, ainda que não viva no mundo atual, parece estar familiarizado com as particularidades e armadilhas dos relacionamentos atuais.

Teve casos dele comentar sobre pessoas que demonstrariam que eu não poderia confiar e esses fatos, eles se realizaram, se concretizaram. Teve fatos de... de acontecer, de a própria pessoa que me trouxe até aqui, que ele pedia pra mim tomar cuidado, é... quase teve uma situação extremamente desagradável com essa pessoa. Enfim, é... eram orientados, quando se fazia urgente o recado era sempre mais direto. (GARCIA, 2016)

O cuidado da entidade com os filhos de santo envolve conhecer e alertá-los a respeito de pessoas que os cercam. Os alertam sobre pessoas que os enganam, na vida pessoal e profissional. Caso o filho de santo decida não dar ouvidos a Zé Pilintra, a consequência chega. A entidade avisa, mas não impede o mal feito. Se o filho de santo insiste, Zé Pilintra não esquece que tentou ajudar, mas não foi ouvido.

O meu marido tinha falado que ia entrar numa sociedade com um cara, e Seu Zé falou pra ele, pra ele não entrar porque não ia dar certo, que o cara não prestava, o cara ia dar um... o cara ia enrolar ele, e não ia pagar o dinheiro pra ele, e ele ia perder. Só que ele quis... quis fazer né, achou que... [pausa, faz uma expressão decepcionada]. E daí ele perdeu o carro, que ele tinha quitado, a gente teve que pagar, perdeu tudo o dinheiro que tinha investido, né? E Seu Zé sempre fala, que "Lembra que eu falei? Se você não tivesse feito... (MARQUES, 2016b)

Uma vez, eu... eu tinha uma... eu... eu queria trabalhar... eu tinha um comérciuzinho, né, de Disk Gás, e eu queria pegar um rapaz pra sócio. E... e eu, tipo assim, eu fui entrando de cabeça, e o Seu Zé falava pra mim "ó, não faz. Não faz, essa pessoa não é boa, essa pessoa não é de bom caráter, essa pessoa vai te prejudicar". Aí, eu entrei de sócio. Aí, "tá bom.

Te avisei pra você não fazer". É... aí eu falei, "ó, a empresa tá bombando, tá bombando, tal! Quero comprar um carro". "Não, não faz isso, que não é hora, não sei o que, seu sócio não é gente boa", sabe? Aí, sempre conversava com um, com outro: "nossa, o cara é gente boa, pessoa que era teu amigo, aquela, tal..!" Aí, resumindo: eu levei um tombo do meu sócio, de mais de 40 mil reais. E já tinha sido avisado, pra não fazer. E o Seu Zé tinha me avisado, e eu não... não aceitei os conselhos do Seu Zé, sabe? (RAULINO, 2016)

Aqui foi contada a mesma história, pelo filho de santo que a protagonizou, Edilson (RAULINO, 2016), e por sua esposa, Vera (MARQUES, 2016b). Nos depoimentos o que se destaca é a atitude do filho de santo em não dar ouvidos a Zé Pilintra, não obedecendo aos conselhos da entidade. A consequência foi ter acontecido exatamente o que Seu Zé Pilintra alertou que aconteceria, além do filho de santo ser sempre lembrado pela entidade de sua escolha infeliz. Sua atitude serviu como exemplo para os demais filhos de santo, para que sempre dêem ouvidos a Zé Pilintra, afinal seu conhecimento vai além dos assuntos sagrados; é um expert nas relações humanas, e na malandragem, afinal, quem melhor para reconhecer um malandro, do que outro malandro?

A respeito da participação cotidiana que os filhos de santo creditam a Zé Pilintra, diz Carneiro:

De um modo geral, as abordagens acadêmicas acerca da prática da possessão tendem a não valorização de uma realidade fundamental no sistema religioso analisado, um sistema baseado nas relações concretas entre homens e divindades ou entidades espirituais. A concretude dessas relações é um elemento fundamental entre os praticantes da umbanda. Diante de determinadas adversidades ou exigência de tomada de decisões, são aos seus guias espirituais que os devotos recorrem. Além das atividades estritamente religiosas, inúmeros aspectos da vida cotidiana dos fieis são condicionadas à intervenção direta das entidades. Relacionamentos amorosos, assuntos ligados à provisão da sobrevivência ou à aquisição de um bem material são questões frequentemente em pauta nas relações entre os médiuns e suas entidades. (CARNEIRO, 2012, p. 109)

Por meio dos depoimentos até aqui analisados, fica claro esse caráter da entidade, de perpassar todos os aspectos do cotidiano e dos assuntos mundanos de seus protegidos. Um detalhe que não deve ser negligenciado é o fato de que o malandro é urbano, por isso é entidade privilegiada para resolver problemas urbanos, em contraponto às outras entidades, por exemplo pretos velhos e caboclos, que são muito afastados do urbano, e mesmo os exus, que vivem na calunga (cemitério).

Os “zés”, bem como outras entidades, são considerados espíritos de pessoas que já viveram na Terra. Estão suficientemente próximas dos “mortais” e por isso facilmente são tomados por sentimentos e atitudes eminentemente humanas. (CARNEIRO, 2012, p. 108)

No mundo atual, urbano e secularizado, é preciso uma figura que dinamize o contato das pessoas com o religioso, e que lhes ofereça ferramentas satisfatórias para que compreendam a vida e consigam ter a compreensão de que estão trilhando um caminho de melhora individual, e ofereçam perspectivas para o futuro.

A estrutura do crer, da religião, diria, não é mais exclusividade de tradições religiosas convencionais, mas é operacionalizada por indivíduos, estruturas e tradições várias que há. O crer está disseminado em pequenas estruturas do crer. A religião continua a existir também fora da “Igreja”, disseminada de forma subjetiva, fragmentada e fluída. (PORTELLA, 2006, p. 76)

Neste sentido, Zé Pilintra é muito relacionável com a realidade e percalços dos filhos de santo. Ele está presente e vigilante no cotidiano, e vigia os seus protegidos para que melhorem suas vidas, como por exemplo neste trecho da fala de Jonathas (RAMOS, 2016), filho de santo do terreiro pesquisado:

Durante algum tempo, mesmo estando aqui, eu aprontava lá fora. E eu aprontava, e em outro... na outra gira ele perguntava pra mim porque que eu tava em tal lugar, fazendo tal coisa. Sendo que o Pai Marcos tava trabalhando, na cadeia, entendeu? Então não tem nem como ele saber que eu tava lá fazendo o que, e ele falava exatamente o horário e com quem eu tava. Então eu comecei a ver que a coisa era muito séria, né. (RAMOS, 2016)

A habilidade sobrenatural da entidade de saber o que Jonathas estava fazendo, onde estava, detalhes de sua vida que ele não tinha a intenção de expor, confere seriedade ao seu trabalho e discurso. Esta ligação com o filho de santo, além disso, dá a ele o posto de um amigo íntimo, quase um familiar de seus protegidos:

Seu Zé Pilintra, basicamente, da hora que eu acordo até a hora que eu durmo, eu... eu... eu... eu penso nele, pelo menos umas 20 vezes por dia, sabe? Porque, que nem eu te falei, a ligação é tão forte que é como se fosse um... um... um familiar seu, mesmo, né? (RAMOS, 2016)

Zé Pilintra é uma entidade que não julga ou condena. Ele está próximo e ajuda. É uma presença importante, um salvador. Não por ser imaculado, mas porque

viveu os erros da vida, e sabe guiar os filhos de santo para fora dos mesmos erros, levando-os a um modo de vida mais moralmente correto.

Seu Zé, eu falo que ele é meu salvador, né. Porque antes do... de eu entrar [no terreiro], minha vida era um inferno, um verdadeiro inferno. Eu bebia demais, eu mentia, eu enganava, eu manipulava as pessoas, fazia tudo que não prestava, né. E depois que eu descobri, e ele também foi conversando, foi mostrando, é... como que é a vida de verdade, né, e como, quando você é perturbado por alguém. Então ele me tirou da lama, né. E sou grata demais a ele por tudo que ele fez e vem fazendo. (OLIVEIRA, 2016b)

A filha de santo Valdirene (OLIVEIRA, 2016b) esclarece que sua gratidão por Zé Pilintra deriva de ele tê-la mostrado como é a “vida de verdade”, diferente de quando se é “perturbado”. Perturbação significando ter a influência de algum espírito mal-intencionado. A entrevistada contou que encontrou o terreiro pois precisava de um “descarrego”, afinal carregava consigo um espírito que a compelia a realizar todos os atos que descreve no trecho da narrativa acima. Este espírito foi devidamente “doutrinado”, e se transformou na entidade pombagira que essa filha de santo incorpora. Disso, é possível perceber que Zé Pilintra não só ajuda com pessoas vivas que cercam os seus protegidos, mas também com espíritos.

Este trabalho que confere a Zé Pilintra o posto de amigo íntimo dos filhos de santo também o dá o direito de ensiná-los, rigidamente quando é preciso, com duras palavras quando aqueles precisam ouvi-las, como exemplifica Nadjanara (MORÁS, 2016):

[...] o Seu Zé pra mim, assim, é como se fosse um amigo, assim, mas um amigo muito especial, sabe, porque assim, é, o jeito que ele dá conselho é diferente, o... ele briga com a gente também [risos], dá puxão de orelha, então nesse sentido... e toda essa energia dele, assim, é diferente que as outras entidades, sabe? Assim, acho que é a forma que ele conduz, também, por... por isso que eu te digo assim, que é a linha dele, assim, claro que os caboclos são muito mais fechados, assim, são muito mais reservados, e... e assim, eles... eles dão conselhos também, mas assim, é... eles fazem que a gente busque dentro de nós as coisas, né. E o Seu Zé já é bem mais claro, né [risos], ele já coloca todas as cartas, e já fala as coisas, assim, então ele é... ele é incrível [risos]. (MORÁS, 2016)

Nesta fala, a mãe pequena Nadjanara explicita uma das diferenças entre Zé Pilintra e outros tipos de entidades. Enquanto as outras entidades seriam mais reservadas ao dar conselhos ou falar duras verdades, Zé Pilintra poria as “cartas na mesa”. A sinceridade brutal e sem “cerimônias” denota o caráter mais humano,

mundano de Zé Pilintra. Este é mais um dos elementos que o configura dentro da linha de esquerda, dos exus.

Dentro desta categorização, um outro elemento que está presente nas atitudes de Zé Pilintra é um senso de moral que permite burlar algumas regras, coisa que entidades mais “iluminadas”, como pretos velhos e caboclos, não permitiriam. O mal, para Zé Pilintra, é relativizado. Se um pedido de um filho de santo o privilegia em detrimento de outro, ou a despeito do cumprimento das leis, Zé Pilintra pode permitir, afinal, não está fazendo o mal diretamente a ninguém, apenas privilegiando os seus.

O que é o bem para um é o mal para o outro, mas mesmo isto se relativiza diante do mérito do favorecido; o que foi alijado magicamente da competição, [...] não foi realmente prejudicado, apenas não favorecido. [...] De qualquer forma, exista um abismo separando o bem e o mal ou seja a diferença entre eles simples questão de perspectiva, maus não são os Exus, mas os homens. (NEGRÃO, 1996, p. 345-346)

Se alguém pedir para que Zé Pilintra faça explicitamente o mal para alguém, ele negará. Mas favorece os filhos de santo nas situações em que estes acionam o auxílio da entidade. Se por uma questão de perspectiva, isto corresponde a fazer o mal, esta não é responsabilidade de Zé Pilintra, mas do filho de santo que pediu sua ajuda, sabendo que seu favorecimento acarretaria na desvantagem de outrem. Assim, o jeito malandro de Zé Pilintra aceita ajudar com a quebra de regras, e protege os filhos de santo para que não sejam pegos. Na entrevista com Edilson (RAULINO, 2016), o filho de santo conta quando pediu o aval de Seu Zé Pilintra para trabalhar ilegalmente:

... Falei: "então vou pedir a conta. Vou trabalhar só com moto táxi." E isso, eu trabalhava ilegal, sabe? Eu não era cadastrado, não tinha documentação, nada, trabalhava, assim, ilegalmente, que o pessoal fala, os "piranha", né, trabalho ilegal. Então tá bom, "Pode sim? Posso trabalhar ilegal?" "Pode." Pedi a conta na empresa e comecei a trabalhar. (RAULINO, 2016)

Mais tarde na entrevista, Edilson ainda conta que Zé Pilintra o auxiliou a trabalhar na legalidade quando o filho de santo lhe pediu socorro pois a fiscalização estaria chegando até ele. Esta moralidade frouxa é mais uma característica que dá a Seu Zé Pilintra a vantagem da proximidade e identificação com os filhos de santo. No entanto, ainda é caracterizado como uma entidade evoluída e no caminho da

honestidade e do bem. Sua honestidade, segundo a filha de santo Ana Cristina (SPAGNOLI, 2016), reside em que ele não cobre exageradamente de ninguém, com a intenção de obter lucros econômicos em cima dos fiéis.

Quando ele - como eu falei antes - ele falou que não era de tirar "pataco" de ninguém, nem o cavalo dele, aí eu vi quem ele... ele era. Que era um homem sério, era... é um espírito sério, né, um espírito honesto. E sempre pregando a gente fazer a caridade. (SPAGNOLI, 2016)

A seriedade de Zé Pilintra é baseada em não tirar vantagem das pessoas, e incentivar a caridade, que é realizar boas atitudes sem esperar nada em troca. No entanto, os filhos de santo o recompensam pelos pedidos atendidos, em uma dinâmica de barganha, em que o merecimento do presente é proporcional ao pedido realizado, como pode ser visto no depoimento de Angela (DIAZ, 2016):

Cada ano ele surpreende a gente, cada vez mais, né. E, eu, meu pedido que fiz agora, no último ano, agora, foi por esses dias, parece que foi, assim. Daí eu falei assim "agora o senhor vai ganhar o presente que é merecido!" (DIAZ, 2016)

Pelo depoimento da filha de santo é possível então perceber que existe o mecanismo de barganha entre os filhos de santo e a entidade. Não está explicitado na fala que o presente partiu de um pedido de Zé Pilintra; o que está subentendido é que o ato de presentear partiu da iniciativa da filha de santo como incentivo ao recebimento da graça pedida à entidade.

4.4 Mestre Zé Pilintra: entre a titulação e o papel de mestre

As pessoas que buscaram a prática religiosa através do terreiro de Umbanda Caboclo Giramundo e Mestre Zé Pilintra esperavam soluções para questões imediatas, mas também sentiam necessidade de encontrar respostas a questões mais profundas. Atendendo a esta demanda religiosa, Zé Pilintra assume o posto de sábio.

Um homem sábio, um homem que tinha respostas, um homem que trazia algo... ele, a primeira impressão que eu tive era de alguém que eu queria contar, pra... pra adquirir as respostas que eu procurava, né... tipo, alguma orientação que eu não tinha, ainda não havia tido. (GARCIA, 2016)

Respondendo à pergunta “o que é Seu Zé Pilintra na sua vida hoje?” Ricardo (GARCIA, 2016) afirma que

Meu padrinho. Orientador, é... cara, ele é... é um... acho que tudo que um padrinho pode ser, é um momento em que eu as vezes tô... se algo acontece de ruim, ou, algo que eu não consigo entender, que eu simplesmente... às vezes o fato de eu tá conversando com ele, parece que as respostas já começam vir, automaticamente. É... carinho, amor, enfim, padrinho. (GARCIA, 2016)

Assim, é possível perceber que Ricardo, assim como muitos outros filhos de santo, considera que Zé Pilintra preenche o papel de sábio, orientador. Ele traz as respostas para as mais variadas dúvidas, das mais corriqueiras às que tiram a paz interior. Assim, Christian (RODRIGUEZ, 2016) demonstra que os conselhos de Zé Pilintra são capazes de trazer o sossego:

O que ele transmite pra você, te dá um certo sossego, ou paz... ou algo assim. É... certas pergunta você tem incógnitas, aí ele encontra aquelas respostas que você tá procurando. Ele é um guia meu. Que, ele é um guia, ele é um conselheiro, e, eu devo muito a ele, muitas coisas, que me ajudou a enxergar, e resolver. (RODRIGUEZ, 2016)

É possível perceber, pelos depoimentos, que Zé Pilintra ocupa o lugar de mentor dos filhos de santo. Ele os orienta do que fazer e não fazer, e os esclarece do que, às vezes, nem eles sabem que precisa ser esclarecido. Assim, os filhos de santo ocupam a posição de aprendiz, como declara em sua entrevista a filha de santo Cleusa (SILVA, 2016), ao dizer que

Seu Zé Pilintra é minha... meu guia... minha... o meu guia de luz. É quem me ensina. É como se ele fosse, do plano espiritual, aquele que me... que tá me ensinando. Eu sou aprendiz, né, ele é o... é o mestre. Mestre no sentido de mestre, mesmo, né. [...] eu acho que o Seu Zé fala de muitas questões, né. O Seu Zé fala de questões muito profundas, mesmo, né. De... é... da necessidade de... de uma evolução espiritual, da necessidade... enfim, né, cada aula do Seu Zé é um ensinamento, né. São vários ensinamentos, né. Da inteligência, da sabedoria, da humildade. De ser, é... o malandro, né... (SILVA, 2016)

Da mesma forma, a filha de santo Ana Cristina (SPAGNOLI, 2016) chama a atenção para o título de mestre que assume Zé Pilintra. Em sua visão, a pertença da entidade à linha de malandros não o faz menos sábio. Ao contrário, ele age corretamente e ainda incentiva os filhos de santo ao mesmo tipo de atitude, com palavras mansas, mas, caso necessário, rudes:

É... ele é um mestre, eu chamo ele de mestre. Que ele realmente é um mestre, é... sabe usar as palavras com sabedoria, pra quem é preciso. Pra quem for preciso falar alguma coisa mais rude ele vai falar, porque, é... mas não é por ele ser da linhagem dos malandros, que... que ele vai ser, como que eu posso dizer, que as pessoas vão ter essa imagem dele: "ah, malandro!" Ou "boêmio, bebe só cerveja, só fuma cigarro". Não é assim. Ele... ele sabe usar com sabedoria. Que que eu posso falar pra você... os conselhos e os cascudos. E se ele vai ser um pouco mais rude, é porque a pessoa precisa abrir os olhos e ver o que ela tá fazendo ou o que ela fez. E ver se ela vai querer se arrepender, ou pedir perdão das coisas que ela fez. [...] Era muito bom de conversar com ele, era muito legal. Porque ele, ele explicava as coisas espirituais, assim pra mim, de um jeito que outro espírito não... nunca tinha explicado pra mim. Sempre querendo me ensinar. Sempre assim, querendo me ensinar, me mostrar o lado do bem. (SPAGNOLI, 2016)

É interessante que todas estas falas explicitam o título de mestre que Zé Pilintra traz junto ao nome, dando sentido a ele por meio do reconhecimento de seu papel como sábio, orientador, guia, conselheiro. No entanto, o que poucos filhos de santo parecem saber é que este título pelo qual Zé Pilintra solicita ser chamado pode até coincidir com os atributos creditados ao mesmo, mas não vem daí. A nomeação “Mestre Zé Pilintra” vem do lugar de origem da entidade: o Catimbó. Sendo assim, é curioso perceber que, desconhecendo esta origem para a titulação, os filhos de santo tenham relacionado as características professorais de Zé Pilintra para dar sentido ao título e para justificar seu merecimento do mesmo.

Mas não são todos os filhos de santo que desconhecem a origem de Zé Pilintra no Catimbó. Nas entrevistas, dois filhos de santo fizeram alusão a esta informação. A filha de santo Eridan (BERTÉ, 2016) lembra: “Eu sei que ele foi... que ele é um baiano, eu sei essas coisas de Catimbó que ele conhece, que ele transita tanto pela direita como pela esquerda, né?” (BERTÉ, 2016). Ricardo (GARCIA, 2016), ainda que não tenha conhecimento da relação entre a titulação de mestre e a presença de Zé Pilintra no Catimbó, lembra que a entidade já falou sobre sua origem no Catimbó.

Seu Zé Pilintra foi uma... é uma... é uma entidade, eu diria que hoje mais compreendida e mais valorizada. É... a origem dele, que... que ele sempre comenta aqui no nosso terreiro, que vem do Catimbó, dos antigos trabalhadores espirituais. Ele teve, talvez a primeira entidade que surgiu no Rio de Janeiro, né, era um boêmio. [...] Seu Zé Pilintra hoje, como ele se... ele se intitula, um mestre, e nós, damos esse direito e esse título de mestre, e nada mais é de que, de fato assumir esse papel de mestre. De mostrar, de fato, o que é necessário pra evolução, de que as nossas... é, desafios, os nossos problemas de... na vida diária, não são, senão bençãos disfarçadas, e... e contando um pouco da história dele, né, as... quantas vidas que ele não viveu mais que 50 anos, de não ter filhos, de... às vezes, renegar

esposas ou, enfim, é, tudo isso passa do processo evolutivo de cada um, e a hora que ele nos mostra isso, nos mostra que qualquer pessoa é um ser humano acima da média, basta ele acreditar que tá sempre num caminho bom, e sempre evoluindo. (GARCIA, 2016)

Ricardo, deste modo, faz uma correlação entre o título de mestre e a forma como Zé Pilintra utiliza a narração de sua vida desregrada para ensinar os filhos de santo, mostrar que mesmo as desventuras servem positivamente à experiência de vida, e que todos podem aprender com seus erros. Do mesmo modo, alguns filhos de santo, muitas vezes, utilizam da história de vida que Zé Pilintra conta para traçar paralelos com suas próprias vidas, e fazem com que as narrações que Zé Pilintra faz de sua vida sirvam de identificação pessoal com a entidade. Quando solicitados a contar a história de Zé Pilintra, parecem contar a própria história, chamando a atenção para as partes em que se identificam com a história de vida da entidade.

O Seu Zé, ele teve algumas encarnações, né, na Terra. Então, um... uma síntese, né, de todas as vidas que Seu Zé teve, eu me identifiquei muito com Seu Zé Pilintra, também, pelo fato dele ter sido uma pessoa que, é... cometeu muitos exageros de vício, principalmente, né? Não... não... não... muitas vezes, não valorizou o pai dele, que ele se culpa muito, de não ter sido amigo do pai dele. Teve que reencarnar várias vezes pra ser amigo do pai, e mesmo assim não conseguiu, né. Então, o Seu Zé Pilintra, ele vem duma linhagem, né, da, da Umbanda, que é muito próxima da gente, realmente, né. Então, Seu Zé, quando ele conversa com você, ele é aquele malandro, que a gente fala da malandragem, não é o malandro do esperto, é o malandro da malandragem, né. Da pessoa que se deu mal e aprendeu com o erro. (RAMOS, 2016)

O filho de santo Jonathas (RAMOS, 2016) identifica a origem de Zé Pilintra em uma linhagem de entidades que são próximas a nós. O malandro, como o entrevistado descreve, não é aquele que se dá bem às custas de outra pessoa, mas aquele que já errou, teve consequências negativas por suas atitudes e com isso aprendeu. Por conta disso, Jonathas se reconhece na figura de Zé Pilintra. Especificamente, em seus exageros com vícios, um problema com o qual o filho de santo lidou por muitos anos, e que declara que conseguiu superar com a ajuda de Zé Pilintra. O caráter humano, imperfeito de Zé Pilintra é que aqui conquista a fidelidade do filho de santo, por meio do seu poder de identificação pessoal.

De forma semelhante, o filho de santo Rodrigo (BASGAL, 2016) se identifica com a narrativa de Zé Pilintra. Porém, aqui a diferença é que o entrevistado não se reconhece nas falhas, mas em uma característica virtuosa da entidade, qual seja, a formação superior que Zé Pilintra declara ter conquistado em sua última encarnação

terrena: a de advogado. Rodrigo é também um advogado, e toda sua fala durante a entrevista foi permeada por esta titulação, sempre lembrando e associando as respostas das questões com este aspecto de sua vida. Assim, o filho de santo detalha a respeito de sua identificação pessoal com Zé Pilintra, dizendo que

Ele tem aquela... aquela... aquele jeito malandro dele, e tal, mas, eu vi como ele falava, ele... ele parecia, me identifiquei muito, como a gente chama ele do advogado dos pobres, né. Isso já me identifiquei muito com ele, né. É a minha profissão, e eu vi o jeito que ele tava conversando com as pessoas, o que ele conversava, então, essa é a impressão que eu tive dele. [...] Como eu gosto da palavra, de novo, do advogado dos pobres, né, é ele que, às vezes você tá desesperado e não consegue enxergar um caminho, ele tá pra te dizer olha esse é o caminho. (BASGAL, 2016)

A alcunha de “advogado dos pobres” que Rodrigo empresta a Zé Pilintra é definida pelo filho de santo como alguém que indica o caminho para os desesperados. É interessante notar que este filho de santo lembrou deste detalhe da vida terrena de Zé Pilintra, sua formação, dentre tantas características.

O que isto mostra é que o elemento de identificação, na maior parte das vezes, vem mais do fiel do que da entidade. É o filho de santo que se esforça a encontrar algo que o ligue intimamente à entidade, seja uma característica da entidade, seja, como visto nas narrativas anteriores, dar a eventos inexplicáveis de seu cotidiano o crédito do feito a Zé Pilintra. Portanto, na construção da figura da entidade, os elementos que se unem para se transformar na narrativa que define Zé Pilintra são trazidos da experiência de vida e expectativas de cada filho de santo que visita o terreiro de Umbanda Caboclo Giramundo e Mestre Zé Pilintra. Cada um com suas histórias de vida, as mais diversas, criando assim, num local de fronteira, um espaço de encontro e uma figura aglutinadora das experiências, e que possibilita as respostas aos anseios comuns ao cotidiano de todos os filhos de santo.

5 O PAI DE SANTO E A ENTIDADE: ESTABELECIMENTOS DE LIDERANÇA E DISCURSO NO CAMPO RELIGIOSO POR MEIO DA ANÁLISE DAS ENTREVISTAS COM PAI MARCOS DE OGUM E ZÉ PILINTRA

“Vou embora, vou chamar o homem do chapéu”. Assim se despede dos filhos de santo a entidade Exu Pimenta, incorporada no pai de santo Marcos de Ogum. Os filhos de santo, de vermelho e preto, ajoelhados, assistem aos movimentos incertos do pai de santo, que manca andando para trás como se tivesse sido empurrado, pega das mãos de uma das mães pequenas do terreiro um chapéu panamá branco com fita vermelha e uma bengala branca e vermelha. Ainda mancando, parecendo ainda não ter encontrado equilíbrio, retira a guia de contas verdes e pretas que usava até o momento, e recebe de outra mãe pequena (Fabiani, a esposa do pai de santo) um colar e anéis de ouro, e do pai pequeno a guia de contas brancas e vermelhas, que outrora estava em volta do pescoço da estátua de Zé Pilintra que fica ao lado direito do Congá. Eis o “homem do chapéu”, o malandro Zé Pilintra, que acaba de incorporar no pai de santo Marcos de Ogum, embalado pelo ponto cantado com toques vigorosos nos atabaques.

De terno branco, seu punhal de aço puro
O seu ponto é seguro quando vem pra trabalhar

Segura o negro que esse negro é Zé Pilintra
Na descida do morro ele vem saravá

Oi boa noite pra quem é de boa noite
Oi bom dia pra quem é de bom dia

A benção, meu paizinho, a benção
Seu Zé Pilintra é o rei da boemia

É galante ao beijar a mão da mãe pequena Fabiani, e, já bebendo sua cerveja e fumando seu cigarro, cumprimenta a todos com um “boa noite”, prontamente respondido pelos presentes. Diferente da letra do ponto cantado, não veste um terno branco, característico da representação do malandro carioca, mas usa uma bata vermelha de gola e mangas douradas, calças pretas e pés descalços. A referência visual a Zé Pilintra fica mesmo por conta dos acessórios há pouco vestidos. Afinal, essa é uma gira de esquerda, de exus e pombagiras.

Ainda não há uma gira apenas para malandros, e só nesse dia Seu Zé já é a terceira entidade a incorporar no Pai Marcos de Ogum, depois do Exu Tranca Rua das Almas e do Exu Pimenta, sendo que todos dividem a mesma indumentária. Zé Pilintra vem para comandar a linha das pombagiras, mas assim que incorpora, começa a dirigir conselhos e piadas aos filhos de santo, que conversam com ele casualmente. Fala de suas vestimentas, faz recomendações quanto à organização do terreiro para sua festa que está para se realizar. Desta forma, descontraidamente, conduz uma conversa animada e cheia de risadas, mas com demarcação clara de liderança. É ele quem aconselha, é ele quem decide o que tem para se decidir, é ele que dita o tempo da gira, ordenando a organização das filhas de santo para prosseguirem os preparativos para a incorporação das pombagiras, que trabalham sob a liderança de Seu Zé Pilintra. Depois de conversar com os filhos de santo, dando conselhos a respeito de relacionamentos amorosos, chama a pombagira da mãe pequena Fabiani. Com ela, dança um ponto cantado como se estivesse em uma roda de samba.

Esta figura que mesmeriza seus fiéis, que é capaz de mudar toda a dinâmica do rito quando chega, que atrai para o terreiro dezenas de filhos de santo, é o objeto deste trabalho. No entanto, é preciso pensar os elementos que fazem com que seja possível que a atuação da entidade ocorra desta forma. A organização do terreiro, a relação do pai de santo com os filhos de santo, e o papel de Zé Pilintra na liderança do terreiro, são aspectos que serão discutidos neste capítulo, por meio da análise da entrevista realizada com o pai de santo Marcos de Ogum e com sua esposa, a mãe pequena Fabiani, e entrevista realizada com o pai de santo Marcos de Ogum incorporado por Zé Pilintra. A intenção com a análise das duas entrevistas em separado não é apontar semelhanças e diferenças, ou questionar de alguma forma o processo de transe, mas sim buscar compreender as camadas de discurso que se revelam, e a forma como ambas figuras, que são entendidas e respeitadas em separado pelos filhos de santo, o pai de santo e o guia, estabelecem seu capital simbólico (BOURDIEU, 2007), que é validado pelos filhos de santo, como já foi visto no capítulo anterior.

5.1 Análise do discurso do pai de santo Marcos de Ogum

Na entrevista concedida pelo pai de santo Marcos de Ogum, juntamente com sua esposa, a mãe pequena Fabiani, foram feitos questionamentos no sentido de entender a relação do pai de santo com Zé Pilintra, e de forma geral a organização histórica do Terreiro de Umbanda Caboclo Giramundo e Mestre Zé Pilintra.

No capítulo anterior, foi levantada a questão do controle discursivo do pai de santo, e da autoridade que ele exerce na instituição religiosa. Neste trabalho, entende-se o Terreiro de Umbanda Caboclo Giramundo e Mestre Zé Pilintra como uma instituição religiosa em formação dentro do campo religioso de Foz do Iguaçu, também ainda em formação. Pela definição de Bourdieu (2007) um campo religioso consiste num conjunto de regras definidas, em especialistas de bens de salvação, e público. As regras do campo ainda estão em definição e disputa, por isso, não se entende como um campo definido ainda. Conforme Wander de Lara Proença esclarece a respeito da noção de campo, especificando que

Em primeiro lugar, o campo se apresenta como lugar de produção coletiva da imagem de poder do líder perante os fiéis. Através de uma legitimidade delegada pelos membros do grupo estabelecidos no próprio campo, a autoridade se perpetua sem recorrer à coação. Tal legitimidade se define, assim, em sentido geral, como a qualidade daquilo que é aceito e reconhecido pelos membros do respectivo grupo social, o campo religioso é espaço onde alguns agentes disputam e adquirem maior capital simbólico do que outros. (PROENÇA, 2006, p. 62)

Tal legitimidade já foi exibida nas análises do capítulo anterior, em que foi possível perceber que os filhos de santo reconhecem a liderança de Pai Marcos. A partir do depoimento do próprio pai de santo, aqui a intenção será perceber as regras que ele cria para delimitação de sua instituição religiosa, e as disputas que ocorrem com as demais.

Importante notar também a autoridade discursiva que o pai de santo tem sobre a mãe pequena. Seja por timidez, ou por reverência, respeito à sua autoridade, a mãe pequena, apesar de presente durante toda a entrevista, ao lado do esposo, raramente fala. Quando fala, é complementando alguma fala de Pai Marcos, mas de forma breve e logo interrompida pela fala do pai de santo, bastante eloquente durante toda a entrevista. É válido salientar que a maioria das perguntas foi dirigida a ambos, mas apenas o pai de santo respondeu grande parte.

Quando questionados se já haviam frequentado outros terreiros, o pai de santo afirma que sim, e prossegue a dar uma declaração onde se percebe o sentido de disputa de campos. Pai Marcos diz:

Se você troca o certo pelo duvidoso, você vai sentir as dificuldades depois. Porque a mediunidade, o desenvolvimento, tem alguns fundamentos. É o tom do toque do atabaque, é a energia do solo. É sentir a vibração dos seus guias na casa que você sente. (MARQUES e MARQUES, 2017)

Trocar o certo pelo duvidoso, portanto, seria frequentar um espaço religioso que não oferecesse os bens que Pai Marcos considera importantes, como fortes energias e vibração dos guias. A valorização da energia, da espiritualidade, é ponto recorrente na fala do pai de santo. Posteriormente, ao falar a respeito do terreiro em que se iniciou na Umbanda, dá a entender que existiam problemas relacionados a bens materiais, mas deixa subentendido, em nenhum momento desqualificando claramente o terreiro de sua mãe de santo. Pelo contrário, insiste em diversos momentos que a espiritualidade e os rituais naquele terreiro eram fortes, e isso dava a validade do local.

A importância dos rituais é assunto recorrente na fala de Pai Marcos. Quando questionado como definiria a Umbanda praticada por ele no Terreiro de Umbanda Caboclo Giramundo e Mestre Zé Pilintra, ele discorre a respeito do que seria sua forma de praticar Umbanda, a “Umbanda Ritualística”.

É, existem várias formas de Umbanda. Muitos falam de Umbanda Branca, a Umbanda Tradicional, a Umbanda Ritualística, Umbanda... tem a Umbanda Esotérica, Umbandaime. Vários tipos de Umbanda. Eu considero a minha uma Umbanda Ritualística. Sob os rituais da Umbanda. Porque não existe como você fazer um ritual, uma incorporação, sem rituais. Se tem, nós temos os Orixás, temos que cultuá-los todos, temos que cantar pra eles, puxar os pontos, até chegar na, na linhagem que vamos trabalhar. Não tem como atravessar. “Ah, mas uma entidade vem, um guia vem, se eu chamar ele?” Pode ser que sim. Dentro de certos rituais, dentro dum atendimento, que cada dia é diferente. Hoje é gira, então é um ritual completo. Hoje é um atendimento; é um ritual mais rápido. Hoje é um descarrego; um ritual quase completo. Hoje é quimbanda, vou tocar pra exu; é um ritual mais rápido, mas também tem que ser completo. Não tem como se evocar os espíritos sem um ritual. Os espíritos estão vagando, então eu tenho que tomar cuidado com isso. (MARQUES e MARQUES, 2017)

Tal preocupação com os rituais para evocação dos espíritos não é recorrente apenas nesta entrevista, mas pôde ser observada em discursos feitos por Pai Marcos aos filhos de santo em giras que foram assistidas. De forma enérgica, o

pai de santo advertiu os filhos de santo sobre os perigos corridos ao se chamar quaisquer espíritos, sem especificação. Com certa irritação, dizia que não aceitaria tal comportamento em seu espaço, e que os filhos de santo interessados em agir de tal forma, que procurassem outro local. Aí pude perceber uma clara delimitação de liderança e dos limites de sua instituição no campo religioso. Da mesma forma, esta delimitação pode ser percebida na entrevista, quando Pai Marcos declara a respeito das advertências e limites que impõe aos filhos de santo do terreiro.

Eu já adverti alguns filhos aqui dentro, que não vou deixar meu terreiro acabar por causa deles. São as fofocas, são algumas coisas, costumes que querem trazer. Então é assim, quem chegou tem que se adaptar. Não se adaptou à casa, é o velho ditado: a porta da rua é serventia. Ou siga, ou não siga. Pegue o seu pano de bater cabeça, pegue suas guias e vão embora. E dessa forma eu vejo que quem ficou, quem está comigo há anos... dos meus sete fundadores, eu tenho seis comigo. E a pessoa que saiu, era uma pessoa que não tinha amor na religião. (MARQUES e MARQUES, 2017)

Há claramente uma desqualificação daqueles que deixam o terreiro, no caso, questionando o amor que uma das fundadoras teria pela Umbanda. Esta desqualificação aparece também quando ele fala a respeito da rotatividade dos filhos de santo no terreiro nos poucos anos de funcionamento do mesmo. Segundo controle que o pai de santo afirma manter, já passaram pelo terreiro, entre os que estão e que saíram, cerca de 110 filhos de santo. “Temos 45 dentro, quer dizer que foram 65 que foram embora.” (MARQUES e MARQUES, 2017) Ou seja, existem mais filhos de santo que deixaram o terreiro do que filhos de santo que permaneceram. No entanto, não se aponta qualquer fragilidade da instituição para justificar esse número de pessoas que escolheram deixar de frequentar o terreiro. Uma das justificativas que se aponta, ao menos para uma diminuição mais recente em números de filhos de santo (no início da pesquisa, em 2016, o terreiro contava com mais de 60 filhos de santo, e um ano depois este número estaria por volta de 45), seria um processo de seleção feito pelo próprio Zé Pilintra. Quando o pai de santo fala a respeito da abertura de seu próprio terreiro, após consequente fechamento do terreiro de sua mãe de santo, também faz declaração sobre os outros filhos de santo do antigo terreiro, dando a entender que não tinha a intenção de adequar a nova instituição que estaria fundando às formas pelas quais estes indivíduos estariam habituados a agir.

Alguns filhos que vieram do terreiro dela aqui não ficaram também porque não se adaptaram às regras, né. Achei que foi muito bom. E aí começou o terreiro nosso. Do dia 21 de janeiro de... [Fabiani intervém falando: 2012] 2012 – depois nós vamos passar pra você algumas fotos, né, que a gente tem – a gente abriu a primeira gira. Não era essa estrutura que nós temos hoje. Com sete filhos de santo. O meu filho, que tinha sete anos, era o único atabaqueiro, com um atabaque que nem tocava direito, de 1963 o atabaque, da minha avó de santo. E começamos. [Fabiani intervém falando: tudo improvisado] 2012 com sete. Já em março, já estávamos com 20. Fechamos, acho que 2012, acho que com 25. 2013, 30. 2014, 40. 2015, 50. 2016 chegamos a 60. Daí o Seu Zé deu uma peneirada em 2017, e passamos pra 45. [Fabiani complementa] Mas durante todo esse tempo, uns entrando... dez entram e dois saíam, e isso ia... [faz gesto que indica rotatividade] (MARQUES e MARQUES, 2017)

A respeito do que atrairia os filhos de santo para o terreiro, Pai Marcos reflete que seria o sucesso em conseguir tratar alguma questão espiritual. No capítulo anterior, foi possível perceber que realmente as questões espirituais são o principal motivo de entrada na Umbanda pelos filhos de santo. Mas o que os faria continuar a frequentar o terreiro? Para Pai Marcos, é o sentido de família que ele procura inculcar no grupo de filhos de santo, criado por meio de festas particulares (churrascos, confraternizações, entre outros), assim conquistando intimidade com os filhos de santo, tendo contato fora do período em que ocorrem as giras.

Outro elemento importante para atração de filhos de santo, na visão de Pai Marcos, é a atenção com a assistência, ou seja, as pessoas que frequentam as giras esporadicamente. Afinal, todos os filhos de santo chegaram ao terreiro como assistência. Com esse foco, em entrevista concedida em 2016, Pai Marcos define sua versão ideal do que seria a Umbanda, trazendo clara delimitação de como rege sua instituição. Porém, como não o rege sozinho, mas divide a liderança com Zé Pilintra, muitas vezes declarando ser responsabilidade da entidade muitas decisões, a versão que prevalece de prática religiosa não é a definida pelo pai de santo, mas sim por Seu Zé.

A minha... a minha, assim, de Pai Marcos mesmo, a minha versão pra Umbanda, o que que ela seria? A Umbanda para todos. Você fosse na... na... na... num centro, já você já saberia que... nesse centro cê teria que ir de branco, mesmo você não sendo médium de incorporação, ali na hora, você participaria do círculo ali, da corrente. E você participando desse círculo você sentiria a energia, a vibração, pra você chegar um ponto de... ter coragem de ser um médium da corrente, né? Esse seria, pra mim... o carro pra mim, que eu queria que fosse pra todos né? Mas o Seu Zé, que que ele procura? Ele vê, se a pessoa tá vindo uma gira, duas gira, tem... ele vê que a pessoa tem condições de ser um médium de corrente, tá precisando... porque, a Umbanda, ou é por amor ou é pela dor, né? Então as vezes ele quer trazer a pessoa pelo amor. Mas... muitos... eles vão pela

dor. Eu fui pela dor, muitos e muitos vão pela dor. Então... o Seu Zé já não, o Seu Zé já quer trazer todo mundo pra a Umbanda. Então, inclusive eu já falei pra ele, eu falei assim ó: Seu Zé, para de por gente pra corrente aí que nós não vamo guentar, Seu Zé! [...] Então, o Seu Zé, ele vê a Umbanda assim... que é uma Umbanda para todos, que, se... que tem muitas pessoas que, se, não colocar na corrente, elas vão vim na assistência, vão vim vários e vários tempos, e tá ali... tem que desenvolver, tem que, desenvolver essa pessoa... ela... é uma forma de desenvolver, é uma forma da pessoa ajudar o próximo, como foi ajudado, né? Que os... os espíritos, eles se manifestam, através de nós, médiuns. Então, quanto mais pessoas pra se manifestar, melhor, né? Então, é através disso, que o Seu Zé vê, é a abertura de todos os caminhos. Por isso que eu falei, a Umbanda para todos seria um... era igual... fosse uma igreja. Cê passou, olhou, entrou, que ver o sentir, quer pegar um passe, quer... quer alguma coisa, a pessoa tá ali dentro! Tá certo? O que dentro da igreja, eu vejo, comparando a Igreja Católica com a... a Umbanda... é... eu vejo assim, nós, ali, os umbandistas da corrente, nós somos aquelas pessoas que estão ali preparando a missa. Os ministros, os... ali. Se você ver, quantos... numa missa, tem quatro, cinco pessoas trabalhando, fazendo isso. E nós da Umbanda, não, nós somos cinquenta aqui. Então quer dizer que nós somos maiores que... que eles. Porque, nós temos mais pessoas. E aquele um que vai assistir a missa, ele vai esporadicamente, ele tá lá fora, pensando na vida dele lá fora... “Ah, não, tô vindo, o que... minha...” a tese dele é o que? Eu sei disso porque eu já fiz isso. A tese dele: “Não, vim aqui, representei com Deus, já fiz a minha parte, já vim rezar um pouquinho, agora posso ir embora que eu tô curado! Que eu tô... ai, meus pecados...” então... então o que o Seu Zé passa é isso. Que não, nós somos maior, por que? Tamo ali dentro, a corrente... temos compromisso. E o pessoal que tá de fora não tem compromisso. A assistência não tem compromisso. Se ela vim hoje, tanto faz, se amanhã ela não vim ela vai fazer nada... e dentro da corrente, não. (MARQUES, 2016a)

Aqui, se delineia um ponto fundamental. O de que, em ultimato, quem decide quem fica ou sai do terreiro é Zé Pilintra. Sua autoridade, ao menos segundo o discurso de Pai Marcos, é absoluta, acima do pai de santo.

Outro elemento discursivo interessante é uma visão crítica de uma instituição religiosa concorrente, a Igreja Católica. Neste sentido, se critica o público, dizendo que não têm compromisso. Compromisso esse exigido para permanência no Terreiro de Umbanda Caboclo Giramundo e Mestre Zé Pilintra.

É possível perceber uma acentuada importância dada por Pai Marcos da prática religiosa dentro do terreiro e da fidelidade aos dizeres das entidades. Esta se sobrepõe à importância de aprender a Umbanda na teoria, por meio de estudos e leituras.

Li muito Rubens Saraceni²⁷, alguns outros. Mas com o tempo, eu vi que o principal estudo são as entidades. É o que eles trazem pra mim. É o conhecimento que eles trazem. É o que os exus me trazem. É o que o baiano, a cura do baiano, do preto velho. É o abraço do preto velho, gargalhada do exu, gargalhada da pomba-gira. É isso que me traz hoje. Leio? Leio. Mas, muitas coisas que a gente lê, tem que entrar aqui e sair aqui [faz gesto aproximando os dedos da orelha direita e depois afastando da orelha esquerda]. Porque a Umbanda, não é internet. A Umbanda é de séculos. A Umbanda foi fundada cento e poucos anos, mais... acho que 108 anos. Mas a mediunidade, ela sempre existiu. Só não era sa... não se sabia trabalhar com ela. Só isso. (MARQUES e MARQUES, 2017)

Pode ser feito um paralelo desta fala do pai de santo com falas dos filhos de santo explicitadas no capítulo anterior. Quando Ricardo (GARCIA, 2016) falou a respeito de sua experiência frequentando centros espíritas, onde se valorizava muito o estudo, mas não tanto a prática, e que no terreiro de Umbanda se conseguiria colocar em prática sua mediunidade, e não só estudar sobre. Esta parece ser uma parte importante da constituição da prática umbandista do terreiro estudado, qual seja, dar importância ao desenvolvimento da mediunidade na prática, com as incorporações e ouvindo o que as entidades têm a dizer.

A respeito das entidades, há uma elevação dos exus enquanto categoria de entidade no Terreiro de Umbanda Caboclo Giramundo e Mestre Zé Pilintra, quando em comparação com os exus com os quais Marcos e Fabiani tinham contato no terreiro em que iniciaram sua trajetória na Umbanda. Afinal, a categoria da esquerda tem grande importância no terreiro de Pai Marcos, já que é onde se encontra Zé Pilintra. Assim, Marcos sentiu necessidade de modificar as práticas das giras de esquerda. Assim Marcos e Fabiani descrevem as práticas do terreiro que frequentavam:

[Marcos] Todos os rituais no nosso terreiro, da minha mãe, muito de esquerda, eram rituais que eu falo pra alguns filhos de santo que, se alguns fossem lá, não voltariam. Porque, se apagavam-se as luzes, colocava-se o fogo dentro dum caldeirão, e chamava os exu. [Fabiani] E as entidades, elas não ficavam em pé, elas ficavam todas... [Marcos] Se rastejando, sentadas... [Fabiani] Ajoelhadas, sentadas, algumas bem encolhidas, assim [mostra a posição curvando as costas para frente]. Nenhum trabalhava em pé. No escuro. [Marcos] Então, eu mudei isso. Com todas as dicas do Seu Zé. Todos... tudo que eu faço aqui, é ele. Eu mudei. Os nossos exus ele

²⁷ Rubens Saraceni é um dos autores umbandistas mais proeminentes da linha de Umbanda chamada “Umbanda Sagrada”, que seria uma atualização da Umbanda Branca, uma Umbanda bastante moralizada defendida pelas federações umbandistas no século XX, quando existia um esforço de afastamento da Umbanda de suas origens afro-brasileiras. Pai Marcos afirma ter lido tal autor, enquanto que em trecho anterior da entrevista localiza sua prática na “Umbanda Ritualística”, denominação desconhecida pela autora.

incorporam, com as luzes acesas, virado pro Congá, porque eles não são²⁸ o diabo. Se as entidades, se ele é uma entidade de luz, ele tem que trabalhar com a luz acesa. Não que ele não goste do escuro, não que ele não goste do fogo. Mas ele gosta do fogo porque é um elemento da natureza. Então, ele trabalha. Se precisar trabalhar com uma luz apagada, pode ter certeza que é um outro ritual que eles estão fazendo. É um ritual diferente, é um... tá quebrando uma demanda, tá tirando algo de ruim. Mas não existe o ritual macabro, porque uma luz apagada, com todas as luzes, um caldeirão no meio... parece um ritual macabro. As vezes a luz não vai alternar em nada. Mas fica como se fosse um ritual macabro. (MARQUES e MARQUES, 2017)

Há dois pontos importantes a serem destacados desta fala: a questão da imagem e interpretação que pode decorrer do ritual de Umbanda, e a influência de Zé Pilintra nos rituais de Umbanda do Terreiro de Umbanda Caboclo Giramundo e Mestre Zé Pilintra. Quando Marcos e Fabiani descrevem a gira de exus do terreiro em que frequentavam, delimitam claras distinções entre o que era praticado lá e a forma como praticam em seu terreiro atualmente. Afirmam que aquela prática afugentaria muitos dos filhos de santo do atual terreiro, mas Pai Marcos esclarece: a forma como o ritual é conduzido não altera sua essência, ou seja, a iluminação, a forma como as entidades agem, não seria algo que alteraria o resultado do trabalho. A questão da importância da mudança das características do ritual recai mais sobre o perigo de amedrontar e causar uma impressão ruim àqueles que eventualmente procurarem o terreiro em um dia de gira de exu. Por isso, Zé Pilintra orientou que se fizessem mudanças. Aí reside outro ponto fundamental da fala. Quando Pai Marcos afirma “tudo que eu faço aqui, é ele”, define que as decisões a respeito do ritual são feitas pela entidade, não pelo pai de santo. O conhecimento, as instruções, vêm de Zé Pilintra. Ele seria o real líder do terreiro, quem delimita as regras da instituição dentro do campo religioso.

Zé Pilintra parece ser mesmo o líder e quem dita as regras dentro do terreiro, sendo o pai de santo seu subordinado. No entanto, o pai de santo conquistou também autoridade, como pôde ser visto no capítulo anterior, na análise do controle discursivo exercido pelo mesmo. Na impossibilidade de estar o tempo todo incorporado por Zé Pilintra, o pai de santo dita regras firmes para reger o terreiro, e mantém um controle institucional dos filhos de santo e das práticas, sendo aceito e respeitado pelos filhos de santo.

²⁸ O negrito aqui serve para apontar a ênfase dada às palavras quando ditas pelo pai de santo.

As regras de permanência no terreiro envolvem uma hierarquia, e tal hierarquia é demarcada visualmente, por meio do uso das guias, os colares de uso ritual, que todos os filhos de santo têm. Segundo Pai Marcos, todos os filhos têm 10 guias, inclusive a de exu. A este respeito, afirma veementemente: “se exu é Orixá, se exu é entidade, ela tem que tá junto com as outras guias. E eles não estão assentados no Congá. Porém, estão lá no lugar dele, que são guardião. Guardião, ele cuida da porta da casa, então é lá que ele vai ficar” (MARQUES e MARQUES, 2017) As guias iniciam finas, com poucas contas, e quando os filhos de santo fazem o buri, ritual de confirmação do filho de santo dentro da Umbanda, feito com 4 ou 5 anos de trabalho dentro do terreiro, eles pegam guias mais grossas, e as guias mais finas são redistribuídas pelos guias dos filhos de santo. A guia que demonstra a maior evolução é a que apenas o pai de santo tem, a guia de búzios, que ele usa durante toda a entrevista. Esta guia representa segundo ele a confirmação do indivíduo dentro da Umbanda, e só se ganha após 7 anos de trabalho religioso. Pai Marcos enfatiza que tal hierarquia foi criada sob orientação de Zé Pilintra. O motivo para tal ordem é estimular a vontade nos filhos de santo de subir na hierarquia espiritual do terreiro.

Isso é conquista. Conquista. Alguns terreiros, a pessoa chega, o Seu Zé fala muito nisso, chega, já amarra um pano na cabeça, pronto. Não, aqui não, a gente tem uma doutrina. Que é pra, pro outro que chegou, olhar e falar assim “por que que ele tá daquele jeito? Por que ele usa aquela guia? Por que que o exu dele incorpora com aquela capa?” Porque ele tem uma história dentro do terreiro, ele tem uma disciplina, ele tem uma hierarquia. Não é todo mundo igual. É isso que a nossa Umbanda prega. (MARQUES e MARQUES, 2017)

A conquista de guias mais grossas pelos filhos de santo representa a conquista de capital simbólico dentro do campo religioso. Segundo Bourdieu, capital simbólico pode ser definido como

[...] qualquer tipo de capital, percebido de acordo com as categorias de percepção, os princípios de visão e de divisão, os sistemas de classificação [...] produto da incorporação das estruturas objetivas do campo considerado. O capital simbólico é que faz com que reverenciemos Luís XIV, que lhe façamos corte, com que ele passe a dar ordens e que essas ordens sejam obedecidas, com que ele possa desclassificar, rebaixar, consagrar, etc. Só existe na medida em que todas as pequenas diferenças, as marcas sutis de distinção na etiqueta e nos níveis sociais, nas práticas e nas vestimentas, tudo o que compõe a vida na corte, sejam percebidas pelas pessoas que conhecem e reconhecem, na prática (que incorporam), um princípio de diferenciação que lhes permite reconhecer todas essas diferenças e atribui-

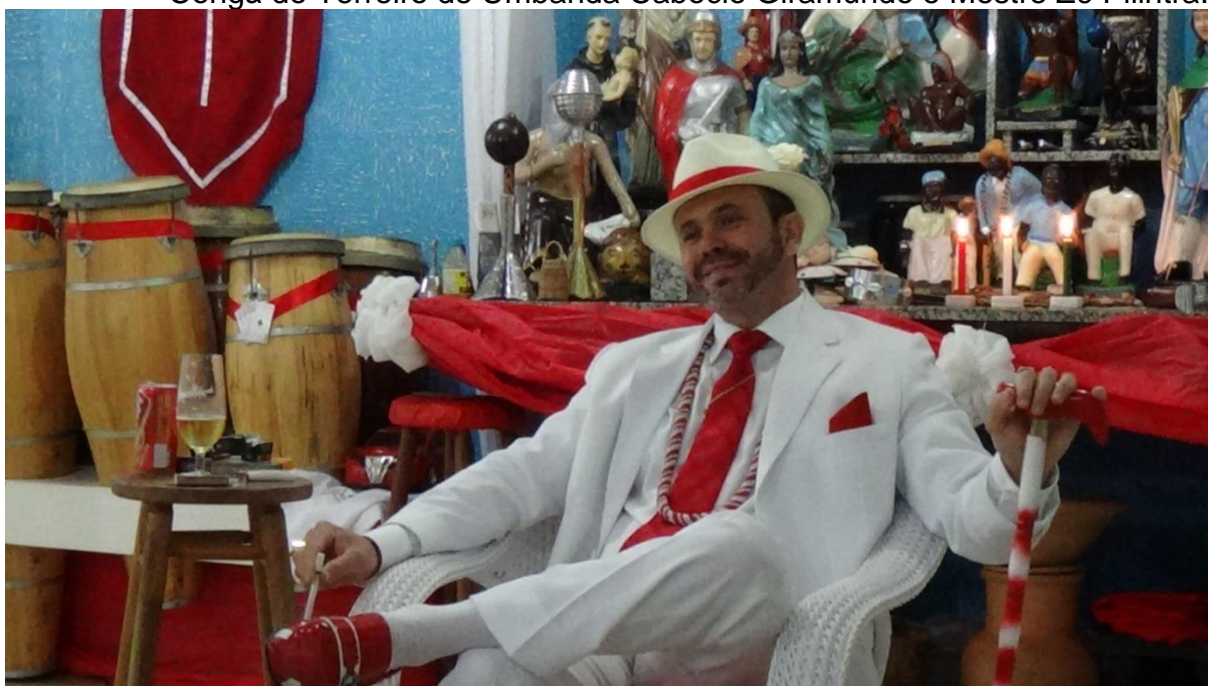
lhes valor [...] O capital simbólico é um capital com base cognitiva, apoiado sobre o conhecimento e reconhecimento. (BOURDIEU apud PROENÇA, 2006, p. 61)

Ou seja, as guias em si não seriam o capital simbólico, mas a representação do mesmo. Seriam o indicativo visual de que aquele indivíduo possui valor dentro do campo. A intenção do pai de santo é justamente esta, de que fique claro para quem chega no campo quem tem valor dentro do mesmo. O reconhecimento deste valor, no entanto, não é dado pelo próprio membro que galga os degraus na hierarquia, mas sim pelos outros. Por isso, o sistema hierárquico que suscita a ambição de subida de posição no campo é importante, porque quem inicia como filho de santo é que entende que aquela posição em que os filhos de santo mais antigos se encontram é almejável, e portanto, os respeita, assim como ao pai de santo.

Após a entrevista com o pai de santo Marcos de Ogum e com a mãe pequena Fabiani, Marcos se retira para trocar suas vestimentas, para que possa ocorrer a incorporação pelo malandro Zé Pilintra, que concede também entrevista. Assim, segue-se análise da entrevista com a entidade incorporada no pai de santo.

5.2 A entidade Zé Pilintra entre a representação visual e discursiva: evolução espiritual e malandragem

Figura 3 – Zé Pilintra incorporado no pai de santo Marcos de Ogum em frente ao Congá do Terreiro de Umbanda Caboclo Giramundo e Mestre Zé Pilintra.



Fonte: Foto de Vanessa Caroline Mauro

Sentado em uma poltrona branca e vermelha, ganhada de uma filha de santo, está Pai Marcos de Ogum, no momento incorporado por Zé Pilintra. As vestimentas, os gestos, as atitudes e o modo de falar marcam a incorporação, e identificam a entidade. Veste terno e calça social brancos, uma camisa branca e uma gravata vermelha. O sapato é bicolor, branco e vermelho, seguindo a tradição dos malandros sambistas cariocas da metade do século XX.

Na mão esquerda, apoia-se em uma bengala listrada branca e vermelha, já que um dos sinais físicos da incorporação é a manquidão. De acordo com a história que conta a entidade, sofreu um acidente de carro que lhe valera tal deficiência. O fato é que em quase todas as incorporações de Zé Pilintra que já presenciei, o pai de santo incorporado manca de uma perna. O gesto parece provocar a justificativa, e não o oposto. Como na obra “Zé Pelintra: são dotô, são dotô! Bravo sinhô!”, de Mizael Vaz (2013), que narra a história de um Zé Pelintra, também há uma justificativa para tal deficiência: teria sido o resultado de um espancamento da polícia. Ou seja, o gesto quase sempre estará presente nesta incorporação, já que marca a característica de tal entidade, assim como as costas arqueadas caracterizam o preto velho, e as mãos em forma de garra caracterizam o exu. Tais gestos tem menos função prática, e mais função de construção e reconhecimento da entidade.

Na cabeça, não poderia faltar, Seu Zé Pilintra usa o chapéu panamá branco com uma fita vermelha. Em todas as incorporações de Zé Pilintra, os elementos essenciais são sempre estes: o chapéu, a bengala, a cerveja e o cigarro, e a guia da entidade. O cigarro está na mão direita de Seu Zé, que o segura com as pontas dos dedos indicador e polegar. Ao lado direito da poltrona, um banco de madeira apoia a carteira de cigarros, um isqueiro, uma taça de cerveja e uma lata de cerveja. Eis os elementos essenciais à incorporação de Zé Pilintra no terreiro.

Em outras ocasiões, como giras de outras entidades em que ele vem rapidamente para conversar com os filhos de santo e dar um ou outro recado e orientações, Seu Zé não se veste desta forma, nem utiliza a poltrona. Estes são acessórios de sua indumentária completa, mas não são essenciais à sua identificação. Quando há a incorporação em giras, os elementos essenciais são os já citados chapéu, bengala, cerveja e cigarro, e um elemento que é essencial a todas as entidades, e cada um tem a sua, que é a guia. A guia é um colar com grande força ritual. Vesti-lo quase provoca as incorporações, já que, segundo depoimentos

de praticantes da Umbanda, a guia aproxima a entidade a qual corresponde, já que é elemento fundamental à incorporação. Suas cores identificam qual entidade se está vendo. Na imagem, é possível perceber no pescoço de Pai Marcos de Ogum, uma guia de cores branca e vermelha, de grossa espessura. Como explicado anteriormente em entrevista pelo pai de santo, a espessura da guia indica a posição do médium no terreiro. Quanto mais grossa, indica que o médium é mais antigo e possui posição mais alta na hierarquia do terreiro. Neste caso, não há guia mais grossa que a da imagem, já que esta é a guia do pai de santo, autoridade máxima do terreiro. As cores vermelha e branca identificam a entidade Zé Pilintra, já que essas são as cores dele. O esquema de cores das entidades e Orixás funciona da seguinte forma: os Orixás têm cada um uma cor, e as entidades têm cada uma duas cores. Uma guia toda branca corresponde a Oxalá, e uma guia toda vermelha corresponde a Ogum. Já uma guia branca e vermelha corresponde a Zé Pilintra.

Em seu pescoço há também um colar de ouro, com um pingente, que não é possível enxergar na imagem, mas que reproduz uma imagem bastante representativa do malandro carioca, que é um malandro vestido de forma semelhante à vestimenta de Seu Zé Pilintra nesta imagem, encostado em um poste de iluminação, com os arcos da lapa ao fundo. Esta imagem se repete também cravada em alto relevo em um anel de ouro que Seu Zé utiliza na mão direita. As joias são outra característica importante na construção da imagem da entidade do malandro, já que a demonstração de riqueza é parte importante de sua narrativa.

Também é possível apreender informações a respeito da entidade pela posição em que está sentado, e sua expressão facial. Ele está sentado de forma relaxada, com a perna esquerda cruzada sobre a direita, e ostenta um sorriso que se repetirá durante toda a entrevista; é um sorriso sarcástico, malandro mesmo, que ele revela nos momentos em que conta algum feito malandro de sua parte, como quando fala de suas bebedeiras e dos trabalhos que já fez para prejudicar outras pessoas.

Vale destacar que sua vestimenta e aparência não condiz senão com a noção atual do que seria a representação visual da malandragem. Não que ele não seja de fato como diz, malandro do Rio de Janeiro, mas simplesmente porque quem o veste são os filhos de santo. As suas roupas, sapatos, chapéus, acessórios, são comprados e doados pelos filhos de santo, de modo que sua caracterização evidencia muito mais os conhecimentos e a visão dos filhos de santo do que

representa a malandragem e de como deve se caracterizar a entidade Zé Pilintra, do que uma reprodução fiel dos malandros que circulavam na Lapa na primeira metade do século XX. Utilizando Chartier (1988), a apropriação que os filhos de santo fazem da imagética do malandro representada nos conteúdos que consomem sobre Zé Pilintra, e nas estátuas presentes no terreiro, em lojas de artigos religiosos, e em suas residências, é que dita a prática da representação do malandro pela própria entidade, já que ele incorpora em suas atitudes e discursos os elementos visuais que compõem sua indumentária.

Porém, indo na contramão da sua construção imagética, assim que começa a entrevista, Seu Zé Pilintra passa a narrar suas experiências de muitas vidas, em que teria reencarnado, e esclarece que nem sempre teria tido a aparência com a qual se apresenta para a entrevista. “Encarnações tive muitas”, afirma. Segundo seu relato, Seu Zé não nasceu na Umbanda, ele veio trabalhar na Umbanda. Ele cita o Catimbó e os “Juremeiros”, forma como se refere ao culto da Jurema Sagrada. Daí vem sua titulação de Mestre, conforme tratado em capítulo anterior. Fala que sua cadeira e seu terno ganhou com a evolução, mas que trabalhava sentado em tocos, que no Catimbó trabalhou mais ou menos uns 400 anos. “Éramos exus pagão”, afirma, utilizando a nomenclatura “exu” para se referir às entidades que atendiam nos Catimbós. Afirma que fez muitos maus feitos, mas que hoje, “os únicos defeitos que trazemos é as vontades carnis.” Fumar, beber... “Cada entidade traz sua bebida, seu cigarro e sua vontade.” Quando pergunto por onde já trabalhou, Seu Zé afirma: “digo que eu trabalhei nesse Brasil afora. Tudo. Lá do Nordeste, lá dos jagunço, lá de Lampião, Maria Bonita, até aqui nesse sul”. Diz que fez muitos trabalhos de magia negra, muitas quimbandas “coisas que muitos de hoje não têm noção do que era feito”.

A questão da evolução espiritual (num sentido que se aproxima de uma ideia de evolução moral do ser humano através de múltiplas vidas) é um tópico central de seu discurso. Pode-se dizer que ele constrói seu discurso em torno de enfatizar a ideia de evolução. Que toda sua narrativa de vida tem o propósito de exaltar a virtude da evolução. É uma característica bem forte de Seu Zé, sempre suas falas serem lições de moral, lições de vida, ensinamentos. Sua narrativa é mais um instrumento, um veículo para sua lição. Esta característica inclusive foi bastante lembrada nas falas dos filhos de santo.

Ele diz que a Umbanda trouxe um significado para os guias. Fala de Zélio de Moraes, demonstrando conhecer a narrativa oficial de origem da Umbanda. Fala que através de Zélio os guias viram que era possível trabalhar “só com o bem. [...] A Umbanda foi a revolução pro espiritualismo. [...] A grande evolução para os médiuns foi a Umbanda. Hoje os médiuns não vivem sem a Umbanda”. Quando fala isso, afirma que os Candomblés tocam Umbanda. Sua fala demonstra uma valorização da Umbanda em detrimento de outras religiões com transes de incorporação, pois ele credita o fenômeno da incorporação de médiuns por entidades como exclusivo da Umbanda, então se em um terreiro de Candomblé tal fenômeno ocorrer, este terreiro está tocando Umbanda. Em seu discurso de evolução, a Umbanda está no topo, no patamar mais alto, e o trabalho com os médiuns de incorporação das entidades seria o melhor modo de se trabalhar a mediunidade e conseqüentemente alcançar uma evolução espiritual.

Continua seu discurso voltado para a Umbanda dizendo que existem muitas ramificações da Umbanda, que umas são boas e outras são ruins. “Cada um toca Umbanda do jeito que sabe, não é do jeito que quer, é do jeito que é orientado pelos seus guias”. Esta frase chama particular atenção, por se relacionar com a fala do pai de santo Marcos de Ogum, que várias vezes afirma que a forma como rege o terreiro é ditada por Zé Pilintra. Com esta fala, Seu Zé assume a autoridade que Pai Marcos delega a ele, de orientador e definidor das regras da prática religiosa do Terreiro de Umbanda Caboclo Giramundo e Mestre Zé Pilintra.

Diz que pensamos que hoje há muitos guias que fazem o mal, que se pede, mas que a evolução (mais uma vez traz à tona a evolução) vem lá de trás. Nos Catimbós, juremeiros, donos de propriedades iam pedir que se fizesse o mal a seus inimigos, e “lá sim se fazia o mal”. Fala que vieram as evoluções, e hoje não considera que se faça tanto mal quanto foi feito, na parte espiritual. Diz que comparando com o mundo terreno, o espiritual evoluiu. Apesar de todo seu discurso de evolução, e a noção de que os exus estariam abaixo na escala evolutiva, diz que não quer a evolução de trabalhar como outra entidade, e dá risada, evidenciando o tom descontraído da afirmação. Apesar de tudo, ainda é um malandro, e permanecerá o sendo. Continua dizendo que hoje pensamos que se faz o mal, mas na verdade não se faz. O mundo espiritual

[...] partiu lá de baixo, que tudo se faz, que se pagava todo preço. Alguns ainda fazem, mas os guias evoluíram muito. Pararam de fazer sem olhar. [...] Às vezes aquele um que veio pedir pra fazer o mal, ele era o mal, e hoje isso se pesa muito dentro dos terreiros. [...] A Umbanda foi a evolução. A Umbanda bem tocada é o bem. A Umbanda pode trazer tudo pra todos. Se nós fôssemos santos, nós guias, nós estávamos num altar, não estávamos aqui. Foi escolhida a Umbanda pra essa evolução. (ZÉ PILINTRA, 2017)

É bastante comum este discurso a respeito da moral na Umbanda, como apareceu no capítulo anterior. A justificativa que coloca como malfazejo aquele que vai pedir o mal para a entidade, e não a entidade que realiza o pedido, a relativização moral dos trabalhos oferecidos pelas entidades, é questão recorrente. É possível notar que há sim um questionamento no que diz respeito à parcela de responsabilidade que a entidade teria na realização de um pedido com intenção de prejudicar alguém, mas que, em ultimato, aquele que vai pedir o mal feito é o portador da maldade. No entanto, também relembra sua posição de espírito em evolução, dizendo que não estaria na Umbanda caso fosse santo, e nem as outras entidades estariam.

O questiono a respeito de uma pergunta que ele impediu que o pai de santo Marcos de Ogum respondesse. Quando perguntei para Pai Marcos, ele me perguntou se eu faria a mesma pergunta para Zé Pilintra. Ao afirmar que faria, o pai de santo disse que Seu Zé o teria proibido de responder à questão. Portanto, levanto o questionamento para Zé Pilintra, onde o indago a respeito de suas vivências desregradadas, buscando entender como pode, por ter vivido nos interstícios da moral, vir ao terreiro de Umbanda ajudar na evolução de outras pessoas. Assim Seu Zé responde: “Isso foi pra ver que existe evolução espiritual também. Como eu falei, lá no Catimbó, nos Juremeiros, nós não tínhamos a noção”. Diz que eram exus pagãos e evoluíram graças à Umbanda. Sua reflexão chega ao tópico dos tipos de pedidos atendidos, quando pondera a respeito de se atende ou não pedidos mal-intencionados, e é bastante intrigante sua fala.

Não! Eu não posso responder um não para isso. “-Seu Zé, mas o senhor faz o mal?” Não posso responder que não faço. Se for preciso fazer algo a alguém que queira machucar os meus, algo será feito. Mas de uma forma evoluída, né. Há tempos atrás matávamos. Castigávamos, quebravam as pernas... hoje existem várias formas, como eu falei, de se desbançar, se eliminar o mal pela raiz. (ZÉ PILINTRA, 2017)

Mais uma vez a moralidade relativa se mostra. Afim de beneficiar os seus protegidos, é capaz de “fazer o mal”, como o próprio admite. Apesar de entender que há uma certa gradação de más atitudes, justificando que é possível prejudicar alguém de forma mais “evoluída”. E, não menos importante, o mal feito sempre se posiciona como um “contra-feitiço”, uma resposta a um mal feito original vindo de algum rival.

“Eu carrego uma grande coisa. Que é o amor ao próximo, que o umbandista deve ter, que é o amor ao próximo, que é a compaixão. E saber avaliar cada situação”. (ZÉ PILINTRA, 2017) Para cada pedido, uma avaliação. Sua vida desregrada e morte prematura são exemplos do que não fazer. Diz que as vezes a palavra do Seu Zé não adianta, que o sujeito insiste, daí mesmo estando dentro da Umbanda, vem o mal para ele.

A respeito de vícios em vida, que muitos mantêm sob a justificativa de que o próprio Zé Pilintra ainda consome cigarro e cerveja, ou tal entidade consome algum tipo de fumo e bebida alcóolica, Seu Zé explica o porquê as entidades consomem o cigarro.

Isso é algo que nós adquirimos, né, lá da vida que nós temos, esse maldito dom. Isso tem um nome. Eu não me recordo qual nome que é. Mas é uma forma de vibração do guia. É o que segura nós em terra. É o cigarro, é a bebida, é uma – gostei do prato [se referindo ao prato em que lhe foram servidos petiscos de bar] – é uma comilância. Mas o guia tem o seu respeito. Se tiver um axé, ele dá aquela experimentadinha. (ZÉ PILINTRA, 2017)

Ou seja, os elementos não são apenas para evocar uma determinada personalidade. A escolha de cerveja e cigarro para Zé Pilintra faz parte, sem dúvida, da construção da imagem do malandro carioca. No entanto, o uso de bebida e fumo no ritual de incorporação é necessário independente de qual seja, pois são elementos que mantêm o transe. Em determinado momento da entrevista, declara gostar de whisky também, de boa qualidade, uma pinga boa. Diz que cada guia traz seu conhecimento e sua roupagem, que pode se ver sim Seu Zé bebendo pinga, mas que é difícil ver caboclo e exu fumando cigarro, que cada um tem sua característica, e declara, dando um ponto final à questão do porquê sua escolha é o cigarro e a cerveja: “e a minha característica é a boemia, tomei cerveja nos últimos anos, e eu gosto de cerveja e de cigarrinho, uns 20 por hora”, termina falando, sempre brincando e lançando o mesmo sorriso malandro. Mais uma vez, é possível

perceber como a apropriação da figura do malandro carioca influencia não só na representação visual de Zé Pilintra, mas em sua prática ritual e comportamentos.

A respeito dos alimentos, o que se consome deles seria o axé, ou seja, uma energia presente em tais alimentos. Diz que não tem por que comer muito, só experimentar o axé. Há inclusive uma desqualificação de entidades que fazem uso abusivo de fumo e bebida, e que comem exageradamente, onde Seu Zé dá a entender que quando isso acontece, ou o filho de santo estaria fingindo, ou a entidade não seria quem diz ser, ou seja, um espírito evoluído que pode atender na Umbanda ajudando aqueles que necessitam. A respeito de tal insinuação de que existem incorporações falseadas, avisa: “aquele que mistifica, um dia será mistificado”. Ou seja, não é necessário testes para saber se há uma incorporação real, afinal, aquele que se dispõe a fingir tal transe acabaria por receber de volta castigo proporcional. Continuando sua reflexão a respeito de atitudes e consequências, Zé Pilintra declara que

Querendo ou não, o julgamento é aqui mesmo. E os guias dão. Mas Seu Zé dá dinheiro? Não. Damos conhecimento pra ganhar o dinheiro. Damos as esperanças pra ser vividas. Damos a energia pra ganhar o dinheiro. E sempre vendemos umas coisinhas, ajudamos, enrolamos um, enrolamos outros pra que aquele filho seja agraciado, e fique feliz, para construir algo. Você acha que se eu não tivesse dado, teríamos um lugar desse? Não tinha. Só não ergui as parede, mas o resto foi comigo, graças às colaborações de alguns e de outros. (ZÉ PILINTRA, 2017)

E complementa.

Se ganhou e não cumpriu com o trato, hoje nós não matamos mais. Se não cumpriu com o trato, pode ter certeza, que aquele dinheiro que ele ganhou, e aquela porcentagem do Seu Zé que era pra vim, que era pra fazer um bem pra mais alguém, um dia será tirado pelo menos, muito mais vez, muito mais, que aquela pequena porcentagem minha, que hoje nós estamos trabalhando com uma margem mínima, né [risos]. (ZÉ PILINTRA, 2017)

Portanto, ainda que tenha um discurso calcado na evolução espiritual, Seu Zé não deixa de ser um exu, um malandro. Seus trabalhos ainda envolvem enganar a um e a outro para beneficiar os seus, e todos seus trabalhos têm preço. Ai de quem não paga o preço combinado. Esta combinação de atitudes tão mundanas, tão malandras, com o discurso de evolução espiritual, são os elementos que fazem com que o mestre Zé Pilintra seja figura tão singular, e que atrai tantos seguidores. Ele não deixa os seus desamparados, e recompensa a lealdade, a camaradagem, mas

que sejam gratos. “Se teve a mão do mundo espiritual, agradeça o mundo espiritual. Que o mundo espiritual comanda o mundo aqui embaixo”. Ele está no comando, e deixa isso claro. Que respeite quem tiver juízo.

5.3 Depoimento de Zé Pilintra em vida carnal e malandragem.

“*Acho que vim pra ser Zé mesmo*”. Veio de família abastada, porém vivia na esbórnica, nas danças do Rio de Janeiro, sapateado, no morro da Lapa. Um dia, bêbado, sofreu um acidente. Ficou quebrado, de cama, hospitalizado. Os pais abandonaram tudo para cuidar dele. Contrataram uma enfermeira “muito linda”. Mesmo acamado continuava bebendo e fumando. O pai “*contratou uma enfermeira muito linda, que infelizmente, não pude... né. A desgraçada casou*”, conta provocando risadas dos filhos de santo presentes. Fingia estar mal quando já estava se recuperando para que o pai não mandasse a enfermeira embora.

Era formado em direito, e o pai montou um escritório para que ele exercesse a formação, mas Seu Zé revela, só tinha whisky no escritório. “*Trabalhar que é bom, nada*”.

Sua morte também envolve abuso de bebidas alcoólicas, questão recorrente em sua vida. Quando ainda se recuperando do acidente de carro, um dia, ao sair do quarto para buscar whisky, rolou da escada e morreu. No momento em que Seu Zé revela que morreu desta forma, solta uma alta gargalhada. Faz piada com seus infortúnios, e os sofrimentos decorrentes de suas escolhas duvidosas em vida.

A respeito de sua aparência em vida, descreve que era moreno claro (ênfaticamente o claro), olhos claros, diz “*não preto igual ele*” e aponta para a estátua de Zé Pilintra. Se vestia a caráter dos anos 50 na época da morte. Camisa de botão sem gravata, calça apertada, sapato, “sempre malandro”. Gostava da gafeira. Mais uma vez, solta uma informação que o caracteriza como o típico malandro carioca, quando diz “*tive mais ou menos umas três mil namoradas, nos últimos anos de vida*”. Conta e dá risada.

Interessante pensar, ao analisar o depoimento de Seu Zé a respeito de sua vida carnal, que, em contraste com a construção da figura do malandro apresentada no capítulo anterior, que envolve uma atualização para o traficante do morro, sendo sua origem também o pobre negro que precisa da “malandragem” para sobreviver aos percalços da vida, o Zé Pilintra do Terreiro de Umbanda Caboclo Giramundo e

Mestre Zé Pilintra é de uma origem abastada, não humilde. Sua malandragem não foi, como é considerado para muitos dos que se encaixam no estereótipo do malandro, uma forma quase obrigatória de vencer as dificuldades da vida, mas sim uma opção de vida, para quem tinha muitas outras melhores. Qual a função prática de se apresentar dessa forma aos filhos de santo? A hipótese é a de que, não só Seu Zé está falando com um público que talvez não se identificaria tão facilmente com figura muito subalterna, como pôde se apreender pelos dados recolhidos nas entrevistas e apresentados em capítulo anterior, mas também que esta narrativa de vida o possibilita manter seu discurso de escolhas e evolução, já que sua vida desregrada e as consequências advindas da mesma são fruto de uma escolha, não uma falta de opção. Assim, Seu Zé consegue falar aos filhos de santo a respeito das ideias de causa e consequência, e das responsabilidades de suas escolhas, já que lida com um grupo de pessoas que têm vidas que permitem escolhas.

Questiono o motivo de ele trabalhar sob a alcunha de “Zé Pilintra”, afinal, este não é seu nome verdadeiro, e ele é mais um de muitos Zés Pilintras presentes nos terreiros de Umbanda Brasil afora. Assim, procuro compreender a motivação por trás da identificação com o tipo do malandro, apesar de parecer já ter indícios do motivo de tal identificação. Ainda assim, Seu Zé explica desta forma, fazendo uma analogia, depois de pensar um pouco: “*Quando você compra roupas, você sempre tem a de sua preferência. E a minha roupa, como espírito, é o Zé. Da linha dos malandro. É o exu Zé Pilintra. Eu gosto dessa roupagem*”. (ZÉ PILINTRA, 2017). A justificativa é coerente com o discurso até então apresentado, afinal, toda sua narrativa converge para que seja construída a imagem do típico malandro.

Sendo assim, é feito o inevitável questionamento: o que é a malandragem? Ao que Zé Pilintra responde de chofre: “*A palavra é errada*”. Sua justificativa: as entidades que trabalham sob a alcunha de “malandros”, não são malandros, apenas sabem lidar com as situações de forma diferente. Sabem contornar as situações. Gostam de fazer trabalho para dinheiro, para prosperar. Estas são suas características definidoras e suas preferências. Apesar disso, dentro da Umbanda, fazendo uma analogia com as especialidades médicas, “dentro da medicina, que se fala, o malandro é clínico geral”. Se o malandro não resolve o problema que o consulente traz, sabe indicar quem resolve.

Interessante notar que Zé Pilintra, depois de toda a construção discursiva em torno de uma vida típica de malandro, rejeita tal alcunha. Uma possibilidade de

interpretação seria a rejeição ao termo, já que carrega um significado pejorativo. No entanto, o próprio nome, “Zé”, traz à tona a menção a um tipo de gente, como aponta Carneiro:

A significativa alcunha de “zé” salienta a subalternidade desses espíritos, pensados como pessoas comuns, homens do povo que, após a morte, continuam a circular e intervir no meio dos vivos. Zé Pelintra e seus comparsas estão inseridos, portanto, em um universo permeado de entidades subalternas e, a princípio, estereotipadas, o que pode conduzir o observador à ilusão de ter encontrado em um tipo marcado todo um conjunto de atribuições ou representações cristalizadas, pré-estabelecidas e imutáveis. (CARNEIRO, 2012, p. 47-48)

À primeira vista, certamente o contato com Zé Pilintra pode dar a impressão de se tratar de um tipo genérico, construído à base de um estereótipo do malandro da cultura nacional. Mas, ao mergulhar nas nuances da narrativa de Seu Zé, tanto a feita por ele quanto por seus filhos de santo, é possível perceber uma figura complexa, que se adapta às necessidades do campo em que atende. A sua história de vida, os objetivos de seus discursos, a forma como se relaciona com seus apadrinhados; de tudo isso é possível apreender que o sucesso do Terreiro de Umbanda Caboclo Giramundo e Mestre Zé Pilintra deve, sobretudo, aos aspectos em que a entidade se aproxima e se relaciona com a realidade de vida dos filhos de santo, construindo um relacionamento onde há confiança plena na figura de Seu Zé, afinal, é uma figura tão fácil de se identificar. Certamente, as relações dos fiéis com a entidade no campo religioso envolvem muito mais do que pedidos e oferendas. A amizade e a proximidade constroem um vínculo de confiança com Zé Pilintra, a quem os filhos de santo têm fé, de olhos fechados.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O malandro, tipo social que transita no limiar do proibido; criminoso que não parece criminoso, e que sabe driblar com malemolência as regras sociais, define a caracterização de Seu Zé. Por trás de seu discurso de evolução espiritual, e aprender com os erros, há ainda a figura que age de forma mais leve e descontraída, que não se prende tanto às amarras da lei. Assim, essa leveza, que é citada e lembrada pelos filhos de santo e pelo próprio pai de santo, parece constituir o principal atrativo que tal entidade exerce sobre os fiéis.

Interessante notar que, enquanto em periferias do Rio de Janeiro, o malandro na Umbanda se identifica como um criminoso, ex-trafficante²⁹, assim ainda não despido de periculosidade e tendo ultrapassado o limiar do crime, em Foz do Iguaçu o malandro é aquele cristalizado no ideário nacional, como diz Carneiro (2012), despido de sua periculosidade, para os usos e abusos burgueses.

O fenômeno da malandragem transcende ao tipo histórico, datado, que por ora me propus a analisar. A representação no imaginário popular da figura alinhada, impecável dentro de um terno de linho branco, é própria de uma construção ideológica, romantizada, que apresenta o malandro domado, vencido pelo trabalho, congelando-o no tempo e no espaço, fazendo de sua "ameaça" uma crônica da irreverência do espírito carioca, em oposição à sisudez do trabalhador paulista. Isto é, glamourizada, inofensiva, a indolência malandra constituiu-se em par antinômico com a disciplina paulista, servindo como instrumento para a afirmação da nacionalidade brasileira na medida que reconhece a diversidade para justificar a homogeneização do sentido de nação (DANTAS, 2003, p. 4-5)

É interessante notar como cada discurso apela mais para cada público. Sendo assim, no terreiro marcadamente periférico, a entidade que precisou procurar no tráfico, no crime propriamente dito, seu modo de vida, é alvo de identificação. Já no terreiro aqui estudado, frequentado por pessoas de classe média, com formação universitária, brancos, a entidade que apresenta maior identificação não é tão marcadamente criminosa. É um malandro no limiar do proibido, mas que teve uma vida privilegiada. Não cometeu crimes graves, apenas viveu uma vida de excessos. Assim, a identificação com o erro não é a da figura que rouba, mata, afinal, é um universo distante aos filhos de santo do terreiro estudado. A identificação que mais gera uma aproximação com a vida dos filhos de santo é a da vida desregrada, de

²⁹ Como um Zé Pelintra trabalhado na dissertação de Janderson Bax Carneiro (2012).

festas, excessos de vícios, problemas e desvios de conduta muito mais comuns na vida dos fiéis deste terreiro, de classe média e vida razoável, que não lidam com as agruras da vida na periferia. Assim, não é necessária uma figura culturalmente tão próxima, e sim uma figura que represente essa conduta de vida, que os possa guiar a uma forma de viver mais “regrada”, porém, que não condene de todo os prazeres mundanos.

A questão da malandragem, do viver no limiar da lei, de sempre poder conseguir as coisas por meio do “jeitinho”, é cultura entranhada no brasileiro.

Negociando permanentemente um meio termo entre a afirmação de sua marginalidade e a pressão do Estado por sua integração à ordem, o malandro concreto, empírico, constitui-se na própria representação do desprestígio social do trabalho em função da forte marca de um passado escravocrata de quase quatro séculos. Assim, o "ethos" malandro, por definição, habita a fronteira. Se por um lado "quem trabalha é que tem razão" e, por outro, "eu vejo quem trabalha andar no miserê", fica a pergunta: o que é ser malandro? (DANTAS, 2003, p. 1)

A atitude de inconformismo com o trabalho formal, já que ele não dá retorno, tem a ver com a estrutura econômica e social do país, e a forma como se deu a formação nacional baseada na escravidão, a forma como foi realizada a abolição e o status social a qual os negros foram relegados, e toda a dinâmica que resulta em um abismo social praticamente intransponível entre ricos e pobres, onde a função social dos pobres é enriquecer os mais ricos.

A dialética da malandragem corresponde, na verdade, a uma caracterização da sociedade brasileira. Nos limites da generalização, caracterizando o romance, está a representação de uma sociedade que se revela como um mundo sem culpa, isto é, uma sociedade cujos contornos culturais expressam uma terra sem males definitivos ou irremediáveis, sendo então, regida por uma encantadora neutralidade moral. Diferentemente do Brasil, os Estados Unidos configuram-se num país de forte moralidade imposta pela sua formação ético-religiosa protestante, como seria representado em romances como *A letra escarlate*, de Nathaniel Hawthorne. No sentido simmeliano, fugindo à presença constrictiva da lei e da ordem, no Brasil, as formas espontâneas da sociabilidade flexibilizaram nossa formação social permitindo, na avaliação de Antonio Candido, estabelecer nas relações entre os indivíduos e os grupos sociais um caráter mais “cordial”. (ROCHA, 2006, p. 111)

O “homem cordial”, de Antonio Candido, define bem a essência do que é a ideia do malandro. Em última instância, todo brasileiro seria malandro, tentando viver num sistema que o massacra, mas passando pelas brechas para obter vantagens

individuais. A valorização da esperteza, da malandragem, está presente em tantas manifestações culturais e atitudes cotidianas, que quase caracteriza-se como uma contra-atitude às desigualdades que se impõem à grande maioria da população no país.

Gilberto Vasconcelos (1977) refere-se à malandragem como uma espécie de metáfora político-cultural cuja significação histórica pode ser acompanhada de ponta-a-ponta na música popular brasileira. A presença da malandragem na música consistiria numa resposta singular ao caráter autoritário, antidemocrático e capitalista da sociedade brasileira. Como tal, o que estrutura essa representação é a dialética do trabalho e da vadiagem produzida pelo antagonismo entre o capital e o trabalho no Brasil. Vale lembrar o que disse certa vez Oswald de Andrade, no Brasil, o contrário do burguês não é o proletário, mas o boêmio. Diferentemente, na Europa, a acumulação de capital contou com o agenciamento do protestantismo o que, em parte, contribuiu para o desenvolvimento de uma ética valorativa do trabalho. No Brasil, as dificuldades quanto ao amplo desenvolvimento de uma ideologia centrada nos valores do trabalho seriam sentidas já nos primeiros momentos da transição do trabalho escravo para o trabalho livre e assalariado, como aponta Fernandes (1972). É nesse contexto pós-abolicionista, de acentuada polaridade entre capital e trabalho assalariado, e aproveitando a brecha do sistema, que o compositor popular assume como valor estético e de conduta social o exercício da malandragem, significando isso uma prática de recusa constante aos apelos do mundo do trabalho e da produção capitalista. Sem dúvida, tal prática exigia do compositor popular a necessidade de uma “prontidão” permanente frente às ameaças constantes do pauperismo e da miséria. Portanto, não é só como código poético que a malandragem se afirma no cancionário popular, é também como regra de saber-viver. O resultado foi que a malandragem se tornou a temática predileta do compositor popular, declaram Vasconcelos e Suzuki (1986). Com o tempo, a voz do malandro passou a confundir-se com a voz do compositor popular, formando uma só voz, e a malandragem tornou-se sinônimo de samba, convergindo para uma única identidade cultural. (ROCHA, 2006, p. 111-112)

A malandragem não é um sistema subversivo que visa modificar as injustiças do mundo. É um modo de vida que não se conforma, mas ao mesmo tempo mantém o sistema da mesma forma. É um estilo de vida que permite viver sem se sacrificar por algo que não tem retorno. É individualista, não coletivo.

Numa perspectiva herdada de Gluckman (1963), pode-se considerar que o culto de Zé Pelintra funciona como válvula de escape das tensões sociais e, nesse sentido, só reforça as linhas de poder já estabelecidas. Se, pelo contrário, julgamos que é nas margens dos sistemas sociais que se fomentam as mudanças nas estruturas de poder (Augras, 1989a), impõe-se a valorização de cultos que tem na transgressão sua mola propulsora. Afinal, entre os policiais que sobem o morro, quantos não serão devotos de Zé Pelintra? (AUGRAS, 1997, p. 49)

Sendo assim, as ajudas de Zé Pilintra aos filhos de santo, que ocorrem em detrimento da lei, são não apenas atitudes coerentes com a entidade malandra, mas com o próprio modo de vida dos filhos de santo, que esperam de Seu Zé esta ajuda nas brechas da lei. Em ultimato, são todos malandros, a entidade e os filhos de santo.

A consagração de Zé Pilintra como líder de instituição religiosa no campo religioso se dá, portanto, por meio da identificação de vida dos filhos de santo com o mesmo. Sua consagração se dá no nível sagrado, pela relação cotidiana e pela presença de Zé Pilintra no cotidiano dos filhos de santo.

Entrando na questão das limitações enfrentadas pela pesquisa, é preciso considerar que há aspectos intransponíveis para a análise. Uma questão limite é a falta de falas de ex-filhos de santo; de indivíduos que já frequentaram o Terreiro de Umbanda Caboclo Giramundo e Mestre Zé Pilintra, e, por algum motivo, abandonaram, não tiveram interesse em permanecer no terreiro. Seria um ponto de vista interessante de abordar, se fosse possível. Mas por questões de conflitos, não pude ter acesso a ex-integrantes do terreiro.

Outro limite, por ora intransponível, é o papel das outras entidades que fazem parte da nascente linha de malandros do Terreiro de Umbanda Caboclo Giramundo e Mestre Zé Pilintra. Há uma formação, ainda incipiente, desta linha, mas ainda não vêm em giras normais, tampouco foi falado a respeito deles nas entrevistas. Ressalto que é um limite temporariamente intransponível, pois o desenvolvimento de tal linha indica um amadurecimento da mesma e um consequente aumento de trabalhos da linha de malandros em giras normais (por enquanto só se formou a linha de malandros nas festas de Zé Pilintra). Sendo assim, num eventual retorno a esta pesquisa, por mim ou por outros pesquisadores, será possível compreender esta faceta da representação da malandragem no Terreiro de Umbanda Caboclo Giramundo e Mestre Zé Pilintra.

Com estas reflexões a respeito do apelo do malandro Zé Pilintra aos filhos de santo do Terreiro Caboclo Giramundo e Mestre Zé Pilintra, na Foz do Iguaçu da contemporaneidade, e à guisa de conclusão, arrisquei-me a fechar hipóteses acerca do fenômeno do sucesso de tal entidade em contexto tão específico. Sem pretensão de esgotar o assunto, que tem potencial para muitas mais investigações, penso que é oportuno afirmar que, seja como mentor na evolução espiritual dos filhos de santo, ou o malandro efetivamente, que burla as regras e prejudica outros em detrimento

dos seus, Zé Pilintra permanece, para a autora deste trabalho, assim como para os filhos de santo do terreiro estudado, como entidade de grande interesse e incansáveis indagações.

Reconhecendo a força e influência de Zé Pilintra na definição da vivência dos filhos de santo, e na motivação para realização desta pesquisa, encerro com a devida saudação: “Salve a malandragem!”.

REFERÊNCIAS

Fontes Primárias:

BASGAL, Rodrigo Alex. **Entrevista**. Entrevista concedida a Vanessa Caroline Mauro. Foz do Iguaçu, 2016.

BERTÉ, Eridan de Mello. **Entrevista**. Entrevista concedida a Vanessa Caroline Mauro. Foz do Iguaçu, 2016.

DIAZ, Angela Carolina Ruiz. **Entrevista**. Entrevista concedida a Vanessa Caroline Mauro. Foz do Iguaçu, 2016.

GARCIA, Ricardo Augusto Flaviano. **Entrevista**. Entrevista concedida a Vanessa Caroline Mauro. Foz do Iguaçu, 2016.

GUELERE, Carla Dayane. **Entrevista**. Entrevista concedida a Vanessa Caroline Mauro. Foz do Iguaçu, 2016.

MARQUES, Fabiani Avanzi e MARQUES, Marcos Aparecido. **Entrevista**. Entrevista concedida a Vanessa Caroline Mauro. Foz do Iguaçu, 2017.

MARQUES, Marcos Aparecido. **Entrevista**. Entrevista concedida a Vanessa Caroline Mauro. Foz do Iguaçu, 2016, a.

MARQUES, Vera Lucia. **Entrevista**. Entrevista concedida a Vanessa Caroline Mauro. Foz do Iguaçu, 2016, b.

MORÁS, Nadjanara Lima Basso. **Entrevista**. Entrevista concedida a Vanessa Caroline Mauro. Foz do Iguaçu, 2016.

OLIVEIRA, Cleiton. **Entrevista**. Entrevista concedida a Vanessa Caroline Mauro. Foz do Iguaçu, 2016, a.

OLIVEIRA, Valdirene Rocha de. **Entrevista**. Entrevista concedida a Vanessa Caroline Mauro. Foz do Iguaçu, 2016, b.

RAMOS, Jonathas Figaro. **Entrevista**. Entrevista concedida a Vanessa Caroline Mauro. Foz do Iguaçu, 2016.

RAULINO, Edilson Oliveira. **Entrevista**. Entrevista concedida a Vanessa Caroline Mauro. Foz do Iguaçu, 2016.

RODRIGUEZ, Christian. **Entrevista**. Entrevista concedida a Vanessa Caroline Mauro. Foz do Iguaçu, 2016.

SANTOS, Gleison Cristiano Rodrigues dos. **Entrevista**. Entrevista concedida a Vanessa Caroline Mauro. Foz do Iguaçu, 2016.

SILVA, Cleusa Gomes da. **Entrevista**. Entrevista concedida a Vanessa Caroline Mauro. Foz do Iguaçu, 2016.

SOARES, Juliana Licurgo de Moraes. **Entrevista**. Entrevista concedida a Vanessa Caroline Mauro. Foz do Iguaçu, 2016.

SPAGNOLI, Ana Cristina. **Entrevista**. Entrevista concedida a Vanessa Caroline Mauro. Foz do Iguaçu, 2016.

ZÉ PILINTRA. **Entrevista**. Entrevista concedida a Vanessa Caroline Mauro. Foz do Iguaçu, 2017.

Obras Consultadas:

ALBERTI, Verena. O lugar da história oral: o fascínio do vivido e as possibilidades da pesquisa. **Ouvir Contar: textos em história oral**. 1ª. Ed. [S. l.]: FGV Editora, 2004.

ANDRADE JUNIOR, Lourival. **Pontos riscados e nomeações: exu em discussão**. Mouseion, Canoas, n. 22, p. 135-150, dez. 2015.

ARRUDA, Gilmar; PROENÇA, Wander de Lara. A historiografia do Paraná e o espaço simbólico da universidade: os historiadores, seus lugares e suas regiões (1970-2012). **Revista de História Regional**, v. 18, p. 240-263, 2013.

ASSUNÇÃO, Luiz. Os mestres da jurema: culto da jurema em terreiros de umbanda no interior do nordeste. In: PRANDI, Reginaldo (org.). **Encantaria brasileira: o livro dos mestres, caboclos e encantados**. Rio de Janeiro: Pallas, 2001.

AUGRAS, Monique. Zé Pelintra, Patrono da Malandragem. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, Brasília, n. 25, p. 42-49, 1997. Disponível em http://docvirt.no-ip.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=reviphan_wi&pagfis=8973&pesq=> Acesso em 26 de Julho de 2018.

BALDOVINO, Enrique Eliseo. Primeiro Centro Espírita de Foz foi fundado em 1922. **A Gazeta do Iguaçu**, Foz do Iguaçu, 10 jun. 2014. Edição Especial do centenário de Foz do Iguaçu, p. 92.

BASTIDE, Roger. Catimbó. In: PRANDI, Reginaldo (org.). **Encantaria brasileira: o livro dos mestres, caboclos e encantados**. Rio de Janeiro: Pallas, 2001.

_____. **The African Religions of Brazil: Toward a Sociology of the Interpenetration of Civilizations**. Trad. Helen Sebba. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 2007.

BOURDIEU, Pierre. **A Economia das Trocas Simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2007.

BRANDÃO, Maria do Carmo; RIOS, Luís Felipe. O Catimbó-Jurema do Recife. In: PRANDI, Reginaldo (org.). **Encantaria brasileira: o livro dos mestres, caboclos e encantados**. Rio de Janeiro: Pallas, 2001.

BROL, Alfredo. Entrevista. **Foz 80 Anos: Projeto Memória** (Volume 1). Foz do Iguaçu: Campana e Alencar LTDA, 1994. Entrevista concedida à Gazeta do Iguaçu, 20 jun. 1993.

BROWN, Diana Degroat. Novo Preto Velho: depoimento. 30 mar. 2008. São Paulo: **Folha de São Paulo**. Entrevista concedida a Marlene Bergamo. Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs3003200805.htm>> Acesso em 26 de Julho de 2018.

BRUMANA, Fernando G.; MARTINEZ, Elda G. **Marginália Sagrada**. Campinas: Unicamp, 1991.

BUARQUE, Chico. **Ópera do Malandro**. Rio de Janeiro: Livraria Cultura Editora, 1978.

CARNEIRO, Janderson Bax. "**Vou subir o morro para ver quem vem na Umbanda**": Zé Pelintra e as ressignificações do malandro na prática religiosa umbandista. 2012. 164 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Departamento de Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2012. Disponível em <http://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/Busca_etds.php?strSecao=resultado&nrSeq=21448@1> Acesso em 26 de Julho de 2018.

CARVALHO, Moacir. Exu e Diabo, dom e mercado: mutações de uma entidade entre o XIX e XX. In: VI Encontro do GT Nacional de História das Religiões e Religiosidades – ANPUH, 2016, Rio de Janeiro. **Anais do VI Encontro do GT Nacional de História das Religiões e Religiosidades – ANPUH**. Rio de Janeiro, 2016, p. 373-393.

CHARTIER, Roger. **A História cultural: entre práticas e representações**. 2. ed. Trad. Maria Manuela Galhardo. Algés: Difusão Editorial SA, 1988.

CURY, Mauro José Ferreira. **Territorialidades Transfronteiriças do Iguassu (TTI): interconexões, interdependências e interpenetrações nas cidades da Tríplice Fronteira - Foz do Iguaçu (BR), Ciudad del Leste (PY) e Puerto Iguazú (AR)**. 2010. 234 f. Tese (Doutorado em Geografia) - Programa de Pós-graduação em Geografia, Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2010.

DAMATTA, Roberto. **Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro**. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DANTAS, André. Malandro que é malandro... **Morpheus - Revista Eletrônica em Ciências Humanas** - Ano 02, número 03, 2003.

ELIADE, Mircea. **O Sagrado e o Profano**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

FERREIRA, Marieta de Moraes. História oral: velhas questões, novos desafios. In: VAINFAS, Ronaldo; CARDOSO, Ciro Flamarion (orgs.). **Novos Domínios da História**. [S.l.]: Elsevier Brasil, 2012.

FEU - FEDERAÇÃO ESPÍRITA DE UMBANDA. **Primeiro Congresso Brasileiro do Espiritismo de Umbanda**. Rio de Janeiro: Jornal do Comércio, 1942. Disponível em <<http://www.umbanda.com.br/index.php/livros-historicos?download=19:umbanda-congresso-de-umbanda>> Acesso em 26 de Julho de 2018.

FREYRE, Gilberto. **Casa Grande e Senzala**: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. São Paulo: Global, 2013.

GABANI, Michelle Suzana de Almeida; SERBENA, Carlos Augusto. Exu: um trickster solto no “terreiro” psíquico. **Relegens Thréskeia**: estudos e pesquisa em religião, v. 4, n. 2, 2015.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 11 ed., 2006.

HUFF JÚNIOR, Arnaldo Érico. Campo religioso brasileiro e História do tempo presente. **Cadernos CERU**, s. 2, v. 19, n. 2, dez. 2008.

LIMA, Jackson. Maioria dos protestantes estão presentes em Foz. **A Gazeta do Iguaçu**, Foz do Iguaçu, 10 jun. 2014. Edição Especial do centenário de Foz do Iguaçu, p. 89, a.

_____. Multiplicidade religiosa de Foz enriquece diversidade cultural. **A Gazeta do Iguaçu**, Foz do Iguaçu, 10 jun. 2014. Edição Especial do centenário de Foz do Iguaçu, p. 88, b.

_____. Os belos templos de budistas e muçulmanos em Foz do Iguaçu. **A Gazeta do Iguaçu**, Foz do Iguaçu, 10 jun. 2014. Edição Especial do centenário de Foz do Iguaçu, p. 93, c.

MAGGIE, Yvonne. **Guerra de Orixá**: um estudo de ritual e conflito. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1975.

MAIA, Anderson Marinho. **A Manifestação da Umbanda na Região Metropolitana de Belo Horizonte**: da tradição à contemporaneidade. 2011. 181 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2011. Disponível em <http://www.pucminas.br/imagedb/documento/DOC_DSC_NOME_ARQUI20110705151741.pdf> Acesso em 26 de Julho de 2018.

MARCHI, Euclides. **O Sagrado e a Religiosidade: vivências e mutualidades**. História: Questões & Debates, Curitiba, n. 43, p. 33-53, 2005. Editora UFPR.

MARTINS, Manêncio. Entrevista. **Foz 80 Anos: Projeto Memória** (Volume 1). Foz do Iguaçu: Campana e Alencar LTDA, 1994. Entrevista concedida ao “Nosso Tempo”, 14 out. 1981.

MAZAROLLO, J. et. al. **Foz 80 Anos: Projeto Memória** (Volume 1). Foz do Iguaçu: Campana e Alencar LTDA, 1994.

MELHORAMENTOS DICIONÁRIO LÍNGUA PORTUGUESA. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2009.

NEGRÃO, Lisias. **Entre a Cruz e a Encruzilhada: Formação do Campo Umbandista em São Paulo**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1996.

ORO, Ari Pedro. O Neopentecostalismo “Macumbeiro”. In: ISAIA, Artur Cesar (org.). **Orixás e Espíritos: o debate interdisciplinar na pesquisa contemporânea**. Uberlândia: EDUFU, 2006.

ORTIZ, Renato. **A Morte Branca do Feiticeiro Negro**. Petrópolis: Vozes, 1978.

PARO, Denise. **Foz do Iguaçu: do descaminho aos novos caminhos**. Foz do Iguaçu: Epígrafe, 2016.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **O mundo como texto: leituras da História e da Literatura**. História da Educação, ASPHE/FaE/UFPel, Pelotas, n. 14, p. 31-45, set. 2003. Disponível em <<http://www.seer.ufrgs.br/asphe/article/viewFile/30220/pdf>> Acesso em 26 de Julho de 2018.

PIMENTEL, Pedro Guimarães. O processo de sacralização do malandro e a resignificação da personalidade histórica. **Mneme** – Revista de Humanidades, Caicó, 11 (29), p. 435-463, 2011. Disponível em <<http://www.periodicos.ufrn.br/mneme/article/download/1024/975>> Acesso em 04 de Novembro 2015.

PINHEIRO, Wagner. **Espírito de catimbó: a moral mágico-religiosa da jurema**. 2014. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). Programa de Pós-graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal.

POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. **Estudos Históricos**, v. 2, n. 3. Rio de Janeiro, p. 3-15, 1989.

PORTELLA, Rodrigo. Religião, sensibilidades religiosas e pós-modernidade: da ciranda entre religião e secularização. **Rever: revista de estudos da religião**, n. 2, São Paulo, p. 71-87, 2006. Disponível em <http://www.pucsp.br/rever/rv2_2006/p_portella.pdf> Acesso em 26 de Julho de 2018.

PORTELLI, Alessandro. O que faz a história oral diferente. **Proj. História**, São Paulo, (14), fev. 1997.

PRANDI, Reginaldo. **Encantaria brasileira**: o livro dos mestres, caboclos e encantados. 1. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2001.

PROENÇA, Wander de Lara. **Sindicato de Mágicos**: Uma história cultural da Igreja Universal do Reino de Deus (1977-2006). 2006. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Universidade Estadual Paulista, Assis.

RAMOS, Arthur. **A Aculturação Negra no Brasil**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1942 (Coleção Brasileira). Disponível em <<http://www.brasiliana.com.br/obras/a-aculturacao-negra-no-brasil>> Acesso em 05 de Novembro 2015.

_____. **O Negro Brasileiro**: 1º Volume: Etnographia Religiosa. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1940, 2 ed. (Coleção Brasileira). Disponível em <<http://www.brasiliana.com.br/obras/o-negro-brasileiro-1-v-etnologia-religiosa>> Acesso em 05 de Novembro 2015.

_____. **O Negro Brasileiro**: 3º Volume: As Culturas Negras no Novo Mundo. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1946, 2 ed. (Coleção Brasileira). Disponível em <<http://www.brasiliana.com.br/obras/as-culturas-negras-no-novo-mundo>> Acesso em 05 de Novembro 2015.

ROCHA, Gilmar. "Navalha não corta seda": Estética e Performance no Vestuário do Malandro. **Tempo**, Niterói, vol. 10, núm. 20, enero, 2006, pp. 121-142.

SÁ JUNIOR, Mario Teixeira de. Baianos e Malandros: a sacralização do humano no panteão umbandista do século XX. **Interletras**: Revista Interdisciplinar de Letras, Educação e Cultura da UNIGRAN-MS, Dourados, v. 1, n. 2, jan./jun. 2005. Disponível em <http://www.unigran.br/interletras/ed_anteriores/n2/arquivos/baianos_malandros.pdf> Acesso em 26 de Julho de 2018.

SAMPAIO, Dilaine Soares. Catimbó e Jurema: uma recuperação e uma análise dos olhares pioneiros. **Debates do NER**, Porto Alegre, ano 17, n. 30, p. 151-194, jul./dez. 2016.

VAZ, Mizael. **Zé Pelintra**: são dotô, são dotô! Bravo sinhô! (Pelo espírito José Porfírio Santiago) São Paulo: Madras, 2013.

VERGER, Pierre Fatumbi. **Orixás**: deuses iorubas na África e no novo mundo. São Paulo: Corrupio, 1981.